

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Artur Cardoso Colombo

O GRAFITE E O PIXO NA MÍDIA PAULISTA:
uma análise da Folha online no primeiro mês do governo Doria

São Leopoldo
2018

Artur Cardoso Colombo

**O GRAFITE E O PIXO NA MÍDIA PAULISTA:
uma análise da Folha online no primeiro mês do governo Doria**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado em
Jornalismo, pelo Curso de Comunicação
Social da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Lopes da Silveira

São Leopoldo

2018

Dedico este trabalho aos meus pais e meus irmãos, que me apoiaram em todos os sentidos nesta caminhada rumo ao meu diploma. Dedico também aos meus amigos mais próximos, que entenderam e respeitaram meu isolamento e compreenderam a importância que essa conquista tem para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma dedicaram algum minuto de suas vidas em me ajudar a concluir este trabalho. Não foi fácil, mas graças a vocês, meus amigos, Anderson Guerreiro, Fabiano Scheck e Thayná Bandasz, meu orientador Fabricio Silveira e principalmente, graças a mim e minha força de vontade, consegui terminar. Hoje sei o quanto essas pessoas são importantes na minha vida e, por isso, fico imensamente agradecido por cada pequena ou grande contribuição de vocês neste trabalho.

RESUMO

O primeiro mês de mandato, 2017, do recém-eleito prefeito de São Paulo, João Doria, gerou 35 textos no portal online da Folha de S. Paulo sobre o assunto que ficou conhecido, na época, como a *Guerra do Spray*. Este trabalho realiza, a partir daí uma análise da midiatização do grafite e do pixo, práticas abordadas em cada um destes textos, tendo em vista a conceituação destes elementos e suas características convergentes, considerando-se estudos de autores como Silveira (2012), Mittmann (2012), Pereira (2005), Pennachin (2003) e Downing (2002). Além disso, também abordo aqui a discussão sobre a midiatização, trazendo conceitos e reflexões sobre seu papel como processo social. Para tanto, me baseio em autores que têm enfrentado o tema, tais como Braga (2006) e Gomes (2008 e 2016). Do ponto de vista metodológico, faço uma análise de conteúdo, utilizando os autores Bardin (1977) e Fonseca (2014) como forma de conceituar este processo. Minhas principais conclusões são de que há uma construção de conceitos ao pixo e o grafite realizada por meio da midiatização vinculada ao veículo; essa construção, além disso, se apresenta como divergente em relação às teorizações acumuladas sobre a relação entre pixo e grafite.

Palavras-chave: Grafite; Pixo; Midiatização; Doria; Folha

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Texto: O legado de Fernando Haddad foi positivo? SIM.....	33
Figura 2 - Texto: Com grafite e moda, jovens de Perus fortalecem o orgulho de crianças e adolescentes negros	34
Figura 3 - Galeria de fotos: Grafites de Eduardo Kobra	36
Figura 4 - Texto: Doria manda apagar grafites dos Arcos do Jânio, no centro de São Paulo	37
Figura 5 - Texto: Após mal-entendido com Doria, Kobra diz que 'não compartilha de atitude repressiva'.	39
Figura 6 - Texto: Campanha de Doria contra pichação reacende 'guerra do spray' em SP	40
Figura 7 - Texto: 'Isso aí é marketing', diz Erundina sobre mutirões de limpeza de Doria.....	42
Figura 8 - Texto: O grafite em uma cidade linda	43
Figura 9 - Texto: Artista diz que lavou tinta que cobria grafites porque aderiu ao Cidade Linda	45
Figura 10 - Texto: Doria passa tinta cinza e apaga grafites da avenida 23 de Maio .	46
Figura 11 - Texto: 'Estamos voltando à época do Jânio', diz grafiteiro sobre medidas de Doria.....	49
Figura 12 - Texto: "Grafites e murais são sempre bem-vindos quando autorizados"	50
Figura 13 – Texto: Cidade cinzenta.....	52
Figura 14 – Texto: SP! Projeto Cidade Cinza!.....	53
Figura 15 - Texto: Sob Doria, paisagem recebe flor de ferro, banco de árvore e muro cinza	56
Figura 16 - Texto: Pichadores escrevem 'Chora, Doria' em letras gigantes no muro do Pacaembu	57
Figura 17 - Texto: Grafite de Kobra na avenida 23 de Maio é pichado com rosto de Doria.....	59
Figura 18 – Galeria de fotos: O cinza da 23 de Maio	60
Figura 19 - Texto: 'São agressores, são destruidores', diz Doria sobre pichadores após ataque.....	62
Figura 20 - Texto: Que inveja eu tenho do paulistano	63
Figura 21 - Texto: É um acerto combater a ditadura do vandalismo	66

Figura 22 - Texto: Depois de vaias e críticas, Doria diz que pagará cachê e tinta a grafiteiros.....	67
Figura 23 - Texto: Próximo à Fiesp, trecho da av. Paulista é manchado com tinta colorida.....	70
Figura 24 - Texto: Como a moda transformou o picho em artigo de luxo.....	71
Figura 25 - Texto: 'Pinto por cima', diz marchinha de Carnaval que ironiza Doria	74
Figura 26 - Texto: Grafiteiro é detido após escrever em muro onde teve obra apagada	75
Figura 27 - Texto: Prefeitura de São Paulo processará pichadores presos em flagrante	78
Figura 28 - Texto: A prefeitura deve exercer controle sobre o grafite em São Paulo? SIM.....	79
Figura 29 - Galeria de fotos: Artista japonês do grafite, 281 Antinuke, mostra sua arte	80
Figura 30 - Texto: Donos de imóveis pichados em São Paulo somam prejuízos e desânimo.....	82
Figura 31 - Texto: Autora de painel preservado, Nina Pandolfo critica guerra contra o grafite	83
Figura 32 - Texto: Grafite tem limite	85
Figura 33 - Galeria de fotos: Nina Pandolfo	86
Figura 34 - Texto: Célebres pichadores veem sob Doria reedição de 'guerra' dos anos 1980.....	87
Figura 35 - Texto: 'Arcos da discórdia' vão retomar o cinza original de artistas italianos	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Pixo	12
2.2 Grafite.....	15
2.3 Mdiatização	17
3 METODOLOGIA	22
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
5 DISCUSSÃO	90
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	99

1 INTRODUÇÃO

Observando o período que compõe o primeiro mês de mandato, em 2017, do candidato eleito a prefeito da cidade São Paulo, João Doria Junior, este trabalho pretende realizar uma análise do conteúdo produzido para o site do jornal Folha de S.Paulo a respeito das medidas tomadas para apagar grafites e pichações da cidade. A campanha ficou popularmente conhecida como *Guerra do Spray*. Pretende-se analisar também a forma como as práticas de grafite e pixo¹ são tratadas pela mídia de massa, tomando-se, no caso, uma mídia relevante e que tem, em boa medida, capacidade de ilustrar qualitativamente procedimentos que possam ser generalizados.

Mesmo que haja divergências quanto a conceituação do grafite e do pixo nas teorizações sobre o assunto, considerados ilegais no Brasil, estas práticas, ao longo do tempo, foram se distinguindo de forma informal. Conforme Fabrício Lopes da Silveira (2012), o pixo se caracteriza na priorização da tipografia, ou seja, na elaboração de elementos baseados principalmente na caligrafia. Já o grafite, hegemonicamente se caracteriza pela intenção artística dos autores, priorizando a criação de imagens e a utilização de diferentes tipos de cores.

João Doria Junior, prefeito de São Paulo de 2017 a 2018, dedicou seu primeiro mês de mandato a uma agenda popular, se vestindo de gari, pedreiro, ciclista e cadeirante². Com a maior fonte de receita da prefeitura paulistana caindo sobre o Imposto Sobre Serviços, a cidade se encontrava, na época, com pouco dinheiro³ - por isso o prefeito apostou no primeiro mês de mandato em ações de visibilidade e que poderiam dar resultados imediatos, como apagar parte dos grafites pintados na avenida 23 de Maio, com o argumento de que muitos estavam esmaecidos, sujos ou pichados.

¹ Importante salientar que a abreviação da palavra “pichação”, conhecida como “pixo”, utilizada durante todo o período da análise, com o emprego do “x”, não é um consenso entre acadêmicos e praticantes. Levando em conta que a abreviação também pode ser escrita como “picho”, utilizando o “ch”. A utilização do “x” nesta análise se dá como forma de adequar a escrita com o que é utilizado comumente pelos praticantes paulistas para denominar a própria prática da pichação paulistana.

² Conforme reportagem do portal UOL Notícias - No 1º fim de semana como prefeito, Doria 'vira' gari, pedreiro e ciclista. Acesso em: 16/06/2017. Disponível em <https://goo.gl/xr9zcU>.

³ Conforme reportagem da revista Época - Entenda as contas (e a falta de dinheiro) da prefeitura de São Paulo. Acesso em: 16/06/2017. Disponível em <https://goo.gl/0ngYcg>.

Bancado pelo ex-prefeito da cidade Fernando Haddad, o projeto de grafite estabelecido na avenida, envolveu 490 artistas e um investimento de R\$ 1 milhão⁴. Mesmo com estes dados, Doria decidiu manter a agenda e continuar apagando os grafites escolhidos⁵. Além disso, outro ponto da cidade que possuía grafites também foi pintado, os dos Arcos do Jânio, reforçando ainda mais a polêmica.

Baseado nestes acontecimentos e nas divergências na conceituação de grafite e pichação, reparei que o conteúdo produzido sobre o tema resultava em textos que, ao apresentar essas ações, não questionavam a forma como o grafite e o pixo, movimentos independentes e culturais de arte, eram tratados. Em uma primeira análise identifiquei que estes dois movimentos eram abordados por meio de conceitos maniqueístas, colocando o pixo como o problema da cidade de São Paulo e o Grafite como a verdadeira arte que deveria ser preservada.

Interessa-me compreender, então, a forma como estes termos foram tratados na mídia. Como critério, recortei notícias em portais online de informação, por acreditar que hoje essa é a forma por meio da qual mais consumimos conteúdo noticioso. Após uma primeira análise desses portais percebi que deveria me limitar aos sites com a maioria de seu conteúdo voltado para a cidade de São Paulo, como os portais G1, Folha de S.Paulo, Estadão e Carta Capital. Destes, optei então pelo portal online Folha de S.Paulo, que além de ser o portal o qual mais consumo informação e de estar ligado ao jornal de maior circulação e audiência do Brasil, em diferentes plataformas e métricas, oferece uma pesquisa de acervo irrestrita.

Sendo assim, o problema de pesquisa sobre o qual pretendo me debruçar é: de que maneira a edição online do jornal Folha de S.Paulo constrói notícias e consensos sobre o grafite e a pichação na cidade, sobretudo durante o primeiro mês de mandato do prefeito João Dória?

A busca por querer compreender a forma como o pixo e o grafite são tratados pela mídia surgiu, principalmente, pela minha afinidade com relação ao tema. Meu irmão é artista gráfico e a partir daí tenho inúmeras pessoas no meu círculo social que trabalham na realização do grafite e do pixo. Dessa forma, como um cidadão

⁴ Conforme reportagem do portal online da revista Piauí - Quanto já foi gasto com a polêmica do grafite na cidade de São Paulo. Acesso em: 05/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/scQuSd>.

⁵ Conforme reportagem da VEJA São Paulo, A largada do 'prefeito-gari'. Acesso em: 16/06/2017. Disponível em <https://goo.gl/8eBpHe>.

interessado por assuntos relacionadas ao grafite e ao pixo, meu olhar para as notícias que leio é, recorrentemente, voltado para essas questões.

Minha principal fonte de consumo dos conteúdos noticiosos, produzidos com relação a este assunto são portais de notícia online, como o do jornal Folha de S.Paulo, considerado de 2015 a 2017 o jornal brasileiro de maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral pelo Instituto Verificador de Circulação - dado que caracteriza a abrangência e importância do jornal⁶.

Ao acompanhar as notícias sobre as medidas tomadas pelo ex-prefeito de São Paulo, João Doria, de apagar os grafites e pixos daquela que já foi considerada a maior galeria de arte a céu aberto da América Latina em 15 mil metros quadrados de muro⁷, percebi a grande visibilidade que o conteúdo dessa polêmica recebeu ao longo do desenrolar das notícias. A discussão gerada entre o ex-prefeito, os grafiteiros, os pichadores, os coletivos sociais e os cidadãos, que apoiam (ou não) a arte de rua em São Paulo, gerou uma enorme quantidade de conteúdo noticioso.

Ao realizar essa proposta de análise pretendo, então, questionar a prática jornalísticas, olhando diretamente para aquilo que compõe a produção deste conteúdo, tentando entender a forma como o acontecimento mencionado foi midiaticizado. Crente que o fazer jornalístico precisa ser tencionado de dentro da academia, pretendo entender a forma como as expressões grafite e pixo são utilizadas na construção atual das notícias que abordam o tema.

Para isso, dou início ao trabalho realizando uma contextualização teórica daquilo que já vem sendo discutido dentro da academia sobre o conceito de grafite e pixo, trazendo autores como Silveira (2012), Mittmann (2012), Pereira (2005), Pennachin (2003) e Downing (2002), que mesmo abordando estas práticas por diferentes ângulos, nos apresentam uma pluralidade de características destes elementos presentes nessas teorizações. Em seguida, abordo também as discussões acerca da midiaticização. Apesar de não haver um consenso definido daquilo que compõe este termo, trago autores como Braga (2006) e Gomes (2008 e 2016), que ao discutir a midiaticização como processo social e interacional trazem aspectos que se encaixam na análise realizada.

⁶ Conforme reportagem do portal Poder360 - Tiragem impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos. Acesso em: 05/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/T8w28f>

⁷ Conforme notícia do portal Guia da Semana - Avenida 23 de Maio ganha a maior galeria de arte a céu aberto da América Latina. Acesso em: 05/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/sTB2KE>

Logo depois realizo uma explicação das técnicas aplicadas a metodologia da análise de conteúdo, metodologia utilizada para a realização deste trabalho. Para isso, trago autores que possuem publicações que discutem a conceituação desta metodologia. São eles Bardin (1977) e Fonseca (2014).

Dadas as devidas fundamentações teóricas e teorizações sobre a metodologia utilizada, dou início a análise individual de 35 textos recortados do portal Folha de S.Paulo. Essa análise pretende avaliar elementos como o autor do texto e questões ligadas a ele que podem influenciar na abordagem do tema. As palavras grafite e pixo e como elas são abordadas e a quem são denominadas. As fontes abordadas e a fala das mesmas. E de forma geral, como avalio a forma como o assunto foi abordado? Seja de forma positiva, negativa ou neutra.

Em seguida realizo uma discussão geral sobre a análise, retomando algumas características específicas encontradas em alguns textos e apontando três aspectos encontrados na maioria deles e fundamentais para entendermos a forma como o grafite e o pixo são midiaticizados pelo portal. Para finalizar realizo minhas considerações finais sobre o assunto falando sobre a importância de se questionar de dentro das academias à produção de conteúdos jornalísticos e, dessa forma, entendendo a responsabilidade de se tratar conceitos como a midiaticização e práticas como grafite e pixo.

Dessa forma, tenho como objetivo geral, analisar as notícias produzidas no primeiro mês de janeiro de 2017, para o site do jornal Folha de S.Paulo, sobre João Doria, ex-prefeito de São Paulo e o apagamento de grafites e pichações da cidade. E como objetivos específicos pretendo principalmente identificar a forma como o grafite e o pixo são tratados ao serem midiaticizados, para isso devo compreender o que configura e conceitua o grafite e o pixo, suas diferenças e semelhanças como prática contracultural e, além disso, aprofundar a pesquisa sobre a midiaticização, seus conceitos, estratégias e impacto no jornalismo online e nos processos que configuram nossa sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por ser um assunto extenso e que gera uma série de discussões acerca de vários aspectos sociais, antropológicos e até mesmo da prática jornalística, optei por separar a discussão sobre a midiaticização do grafite e da pichação, ainda que num único texto, em duas partes. Na primeira parte apresento a definição de grafite e pixo e as características que os complementam. Depois, parto para uma análise da midiaticização destes dois elementos, a partir das suas definições e características pré-discutidas.

A ideia de separar essa discussão em duas partes veio quando, ao estudar as definições da prática do grafite e do pixo, me deparei com inúmeros autores que, ao discutirem os conceitos destes elementos, constantemente conversavam entre si, em seus textos. Estes autores citados, por sua vez, abordavam suas próprias definições acerca destas práticas. Cada vez mais, uma pluralidade de definições e de diferentes observações destes dois objetos foram aparecendo para mim.

Dessa forma, ao trazer este assunto à tona, percebi que, dedicando um capítulo inteiro a ele, poderia deixar a discussão muito extensa e talvez tirando o protagonismo de outras ideias também importantes, como a midiaticização, por exemplo. Por isso resolvi montar um único capítulo, mas ainda assim separando as discussões, podendo retomar algo da análise anterior sempre que possível ou mesclando as duas ideias ao final em uma grande discussão.

Outro aspecto importante que me levou a tomar essa decisão é que procurei apresentar essa teorização sobre grafite e pixo da mesma forma que foi apresentada a mim. Após perceber que, na pesquisa de cada um destes autores, eu era levado para outros autores que abordavam este mesmo assunto por uma ótica diferente ou parecida com a anterior, procurei trazer estes diferentes olhares, fazendo com que os autores conversem entre si e apresentem uma pluralidade de definições, assim como observei na pesquisa.

2.1 Pixo

Sendo assim, dou início trazendo a ótica acerca da definição de pichação, dada pelo autor Fabrício Lopes da Silveira (2012), Doutor em Ciências da Comunicação, apresentada em seu livro *Grafite Expandido*. Partindo desta definição,

sigo abordando outros autores, como Daniel Mittmann (2012), especialista em Sociologia e autor do artigo e livro *O sujeito-pixador: tensões acerca da prática da pichação paulista*, e Alexandre Barbosa Pereira (2005), Doutor em Antropologia Social e autor da dissertação de mestrado *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Estes autores colaboram com a definição de Silveira (2012) e trazem outros aspectos indenitários da prática.

Assim também faço acerca da prática do grafite. Ao aborda-la trago novamente uma definição dada por Silveira e parto para a autora Deborah Lopes Pennachin (2003), Doutora em Artes e autora do artigo *Signos subversivos: das significações de graffiti e pichação*. Pennachin (2003) auxilia abordando a discussão sobre aspectos que ajudam a entender o grafite. Como forma de complementar a fala de Pennachin (2003), trago o autor John Downing (2002), pesquisador britânico e autor do livro *Mídia Radical*, que fala sobre a utilização da mídia por grupos que buscam uma transformação social. Sendo britânico, ele auxilia com um olhar externo à prática do grafite no Brasil, falando sobre a ideia de contra-hegemonia do grafite.

Organizando desta forma, procuro mostrar que a definição de grafite e pixo é complexa e transpassa o olhar de quem observa as práticas. Com isso, deixo claro que, assim como a escolha dos autores, o foco dado para a discussão, e a conclusão das definições, não deve ser tomada como verdade absoluta. Elas foram realizadas a partir do que eu buscava ao ler os autores para, da melhor forma possível, segundo meus conceitos, apresentar a discussão. Este exercício também deve ser realizado com relação aos autores. Aqui, antropólogos, jornalistas e sociólogos apresentam os próprios recortes e observações acerca destas práticas, mas é importante salientar que a discussão é ampla e pode ser encontrada em campos como na arquitetura, no legislativo e no meio ambiente, todos trazendo seus autores e focos de observação, próprios de cada campo.

Pensando nisso, iniciamos então com a prática da pichação. Ela é definida, por exemplo, por Silveira (2012) como uma prática que emprega a utilização de muito texto, poucas cores, “privilegiando as formas e as experimentações caligráficas” (2012, p.19).

Sabendo disso, é importante salientar que uma das principais características desta atividade é a sua ilegalidade e, com isso, a efemeridade. Segundo Mittmann (2012), “esta forma de escrita é uma prática ilegal, a qual afronta o patrimônio público e privado e dessa feita deve ser negada e combatida” (2012, p.54). Assim

como Mittmann (2012) apresenta, é inegável que, pela constituição brasileira, a prática da pichação é sim ilegal e sendo assim essa atividade agrega uma característica específica de uma atividade ilegal. Pereira (2005, p. 30) explica que essa característica é a efemeridade. Sendo uma prática ilegal e não tendo a aprovação da população, “poucos são os pixos que conseguem ter uma vida longa na cidade” (PEREIRA, 2005, p. 30).

Apesar da ilegalidade e da sua efemeridade, o pixo continua sendo realizado e reproduzido por quem o pratica. É necessário entender então as motivações que levam estes indivíduos a continuar realizando tal prática. Ao estudar os autores que falam sobre o assunto, percebe-se que este questionamento não é de fácil solução, mas é comum perceber que uma das principais características dadas para justificar a ação dos praticantes da pichação é o fato dela estar inserida na busca de apropriação de um espaço.

Estes conceitos de reivindicação e afirmação são explicados pelo autor Pereira (2005). Segundo ele:

Visto que se a rua num primeiro momento pode ser um espaço da impessoalidade, esta também pode ser transformada a partir da apropriação de determinados grupos sociais e tornar-se o espaço de sociabilidade e de encontro de iguais. (PEREIRA, 2005, p. 44)

Ou seja, ao buscarem essa afirmação, eles colocam suas “marcas” pela cidade e transformam estes espaços, que um dia pareciam excluí-los, em um local onde podem socializar e reafirmar sua existência.

Pereira (2005) complementa, ainda, dizendo que, ao irem para a rua, a adrenalina e o perigo da ação também são fatores atrativos. Mas volta a afirmar que, não somente isso, o estabelecimento de uma reivindicação do espaço os atrai. A busca por uma construção de laços afetivos com outros jovens também é um fator importante para entendermos a principal motivação de quem realiza essa prática.

Apesar da ilegalidade e de sua característica protestante, servindo como meio para a apropriação de espaços, o pixo ainda apresenta aqui características muito sutis, como vamos entender mais à frente, para estabelecer uma sólida diferença ao grafite. Para entendermos melhor porque essas características se apresentam tão sutis, é necessário entender o grafite.

2.2 Grafite

O grafite, segundo Silveira (2012), “se caracteriza pela profusão de cores, pela predominância da imagem, pelas tonalidades e pelas intenções artísticas” (2012, p.18). Já podemos perceber que, de fato, há algumas diferenças nas principais características que compõem a realização do grafite, explicadas por Silveira (2012), para as principais características do pixo. A utilização de cores, por exemplo, e o que o autor chama de “intenção artística” são características que batem de frente com a predominância de preto e intenções de estabelecimento de um espaço do pixo.

Para entendermos melhor essas diferenças, Pereira (2005) explica, utilizando como exemplo a prática paulista do grafite, que

Embora utilizem o mesmo material, a tinta spray, e tenham o mesmo suporte, a cidade, pichação e grafite são tratados de maneira diferentes em São Paulo. À primeira atribui-se o caráter de vandalismo e sujeira que depreda a paisagem; o segundo, porém, conseguiu obter o status de arte, de uma manifestação que embeleza o espaço urbano. (PEREIRA, 2005, p. 17)

Podemos então perceber que essas diferenças ficam mais claras quando são apresentadas pela perspectiva da população. Enquanto o grafite de fato se apresenta como uma prática com intenções artísticas, o pixo, com seu caráter protestante, se estabelece como sujeira diante do olhar popular.

Mittmann (2012), ao abordar essas diferenças, fala sobre o jornal Estado de S. Paulo que, segundo ele,

Publicou um editorial a respeito da lei federal (Lei 12.408 sancionada por Dilma Rousseff) em que proíbe a venda de tinta aerossol spray para pessoas menores de 18 anos de idade em todo o território nacional. Essa lei ainda afirma que a pichação constitui crime e o grafite configura-se como uma arte de rua. (MITTMANN, 2012, p.54 e p.55)

Mittmann (2012) ainda explica que o jornal relata no editorial uma definição do que seria grafite e pixo.

A pichação é caracterizada pela sua não autorização, por isso ilegalidade, já o grafite configura-se pela mesma intervenção plástica, mas seguida da autorização junto ao poder público e ao proprietário do imóvel. (MITTMANN, 2012, p.54 e p.55)

Assim como é apresentado por Pereira (2005), essas diferenças sendo discutidas a partir da ótica da população que julga o grafite de uma forma e o pixo de outra, Mittmann (2012), ao falar sobre o editorial, apresenta essas mesmas diferenças sendo midiaticizadas e propagadas. Para complementar, Mittmann (2012) ainda tenta apresentar melhor as características que tornariam dicotômicas estas duas práticas por parte da mídia e da população. Segundo ele, o grafite ao utilizar uma linguagem mais acessível, utilizando cores e realizando desenhos e tipografias que facilitam alguma interpretação por parte de quem está vendo, o coloca em choque com o que é descrito como pichação.

Apesar desta característica que, de fato, poderiam levar a uma interpretação dicotômica das duas práticas, devemos ter em mente que o grafite é também uma prática ilegal, se for realizado sem a autorização do proprietário do espaço. Ou seja, mesmo com características sendo propagadas por meio da mídia e do conceito popular como algo sendo a antítese do outro, o grafite e o pixo apresentam, sim, características que tornam essa ideia menos clara.

Pennachin (2003) afirma este conceito de que, assim como a pichação, o grafite também é uma prática ilegal no Brasil, ao falar que, mesmo com características artísticas, ele não deixa de ser ilícito. Ela ainda deixa mais clara essa ideia de que o grafite e o pixo não são práticas fáceis de se diferenciar ao afirmar que o caráter de transgressão da pichação é mais visível, mas não exclui uma preocupação com a estética que também existe por parte dos pichadores, que, segundo ela, se preocupam com a tipografia usada ou com o traçado do spray.

Complementando essa ideia de que a dicotomia entre grafite e pixo não é tão fácil de se definir, Pennachin (2003) diz que “os próprios grafiteiros, muitos deles também pichadores, enfrentam dificuldades em definir com exatidão onde termina o graffiti e começa a pichação, e vice-versa” (2003, p.4). Ou seja, com características que transitam de uma prática para outra, até mesmo para quem realiza essas ações, a ideia de separar uma da outra não é clara.

Algo que nos ajuda a entender essa ideia de que características transitam entre uma prática e outra, é a ideia de que, assim como vimos com o pixo, o grafite também possui uma ideia contra-hegemônica para alguns autores. Downing (2002), ao falar sobre a prática, explica pela ótica de jovens praticantes na Moscou de 1970 e 1980, segundo ele, o grafite se apresenta ao olhar das “pessoas respeitáveis”, como ele chama, como poluição visual, “muitas vezes obcecado com temas

obscenos e racistas e, às vezes, utilizado por gangues de jovens rivais para delimitar seus territórios” (DOWNING, 2002, p.174).

Podemos observar então algo comumente empregado no Brasil à prática do pixo, mas que, segundo Downing (2002), é também observável no grafite:

Com efeito, todas essas são características do grafite. No entanto, ele apresenta também uma significativa dimensão contra-hegemonica e é um recurso de acesso extremamente fácil. (DOWNING, 2002, p.174)

É com isso que chegamos a um ponto crucial da nossa discussão. Como vimos anteriormente, ao analisamos as características que tornam o grafite aquilo que ele é, percebemos que alguns autores apresentam características que o justificam com uma prática considerada hegemônica, enquanto ao analisarmos o pixo, percebemos características que o justificam como uma prática de transgressão, mas logo depois percebemos que isso não pode ser levado como uma regra.

É possível encontrar características que se mesclam nas duas práticas. Ao mesmo tempo que existem pixos que se preocupam com a estética e com uma ideia artística, é possível encontrar grafites com uma profusão de cores característica da prática, sendo realizados como uma forma de apropriação de espaços. A ideia de uma dicotomia está na conceituação superficial das duas práticas, como podemos ver na fala de Mittmann (2012) e Pereira (2005). Mas essa ideia é descartada quando entendemos que há algo a mais entre estas duas práticas, além de uma simples polarização.

2.3 Miatização

Dadas as devidas definições de grafite e pichação, partimos agora para uma discussão acerca da miatização. Para que possamos discutir como estes dois elementos, grafite e pichação, são abordados e significados por meio da mídia, é importante que primeiro façamos uma conceituação do que de fato é a miatização, parte fundamental do processo.

Para isso, precisamos ter em mente que a miatização ainda é um conceito amplamente pesquisado e discutido no âmbito acadêmico, seja em outras universidades ou até mesmo na Unisinos. É importante ressaltar isso porque devido a estas discussões, ainda em andamento, a conceituação do termo “miatização” é muito ampla e possui uma série de interpretações. Não pretendo decretar aqui um

fim a esta discussão, mas apresenta-la para que a partir daí possamos entender o papel dela ao englobar o grafite e o pixo.

Sendo assim, sabendo que a midiatização pode ser considerada por diferentes autores, diferentes tipos de processo, trago aqui autores que tratam, não unicamente, mas principalmente a midiatização como processo social e interacional. Tomo este primeiro processo como uma escolha porque ao abordar a midiatização no âmbito social, aproximo este conceito dos dois outros conceitos também discutido aqui, e que também transpassam essa abordagem, e por isso também é de fato a principal discussão do conceito de midiatização que pretendo trazer. Já ao apresentar a discussão acerca da midiatização como processo interacional, ainda que não da mesma forma como trago o primeiro processo, abordo ele como forma de ampliar as ideias que circulam a definição de midiatização e conturbe ao abordar a questão de aprendizagem midiática.

Início então apresentando o autor Pedro Gilberto Gomes (2016), Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação que apresenta em seu artigo *Midiatização: um conceito, múltiplas vozes*, uma breve contextualização da etimologia da palavra midiatização. Logo depois sigo discutindo a ideia de midiatização como processo social, agora por meio do livro *Midiatização e processos sociais na América Latina* também realizado por Gomes (2008) em parceria com outros autores como Antônio Fausto Neto, Jairo Ferreira e José Luiz Braga. Para finalizar, trato conceitos abordados pelo autor José Luiz Braga (2006), em um artigo denominado como *Mediatização como processo interacional de referência* e que, neste caso, aborda a midiatização como processo interacional.

Seguindo nossa definição de midiatização, para facilitar o entendimento, começamos com um estudo etimológico. Segundo Pedro Gilberto Gomes (2016) a palavra midiatização está relacionada com a palavra do inglês “médium”, “Nesse caso, o plural é “media”. Nos Estados Unidos, a pronúncia é “mídia” e se difundiu como sinônimo de cada meio em particular” (2016, p. 4).

Dessa forma, sabendo a etimologia da palavra e sua correlação com a palavra “mídia”, podemos partir para um conceito de midiatização que à aborda como processo social. Para Gomes (2008):

A midiatização é a reconfiguração de uma ecologia comunicacional (ou um bios midiático). Torna-se (ousamos dizer, contudo o que isso implica) um princípio, um modelo e uma atividade de operação de inteligência social.

Noutras palavras, a midiatização é a chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade. (GOMES, 2008, p. 21)

Gomes (2008) ainda explica que na midiatização a mídia serve como local de compreensão da sociedade “neste sentido a sociedade percebe e se percebe a partir dos fenômenos da mídia” (2008 p. 21). Sendo assim, podemos observar a midiatização como uma forma de transformar a mídia em um espaço onde se pode entender a sociedade e seus processos. Trazendo isso para a questão do grafite e do pixo podemos observar que ao midiatiza-los estamos realizando um processo de observação não só da mídia, mas da sociedade e, desta forma, entendendo como estes elementos, são significados por ela.

É a partir deste pensamento de observação da mídia e da sociedade por meio dela, que Gomes (2008) vai abordar também, o papel e a ética relacionada com a mídia. Segundo ele, a midiatização sendo uma nova forma de compreender a sociedade “[...] disciplina as pessoas para agir em determinada direção, para assumir certas condutas sociais, configurando uma ideia de poder [...]” (2008 p. 22).

Este poder é melhor exemplificado quando Gomes aborda a importância que a midiatização tem cada vez mais em nossa sociedade. Apesar de existir uma dimensão do real, que não é midiatizada, considerada por Gomes (2008), um espaço de resistência, quem participa desta dimensão “[...] corre o risco de exclusão dos grandes leitões de construção de sentido social hoje” (2008, p. 22) e acrescenta que cada vez mais o real só é de fato considerado concreto se passar pela midiatização.

Partindo desta importância dada a midiatização e o papel dela em nossa sociedade que Gomes (2008) faz a reflexão.

Avançando e ousando mais na reflexão, pode-se afirmar que a midiatização está, talvez, configurando a possibilidade da busca de uma visão unificada da sociedade. A estruturação de uma visão totalizante não mais dar-se-ia mediante a reflexão e o pensamento, mas através da prática glo(tri)balizante. (GOMES, 2008, p. 23)

Entendemos assim que midiatização por meio de um conceito de processo social e sendo assim de observação da sociedade, ela possui um papel de busca da unificação de uma visão da sociedade. Isso nos leva então ao autor José Luiz Braga, que aborda em um de seus estudos a midiatização como processo interacional e partir daí elabora um papel de aprendizagem e formação. Para

entender o que o autor quer dizer e a importância deste conceito para este trabalho, devemos ter em mente, assim como José Luiz Braga (2006) coloca, “O ingresso do indivíduo em uma sociedade corresponde a sua socialização - o que implica processos mais ou menos longos de aprendizagem e formação” (2006, p. 12). Ou seja, o processo interacional está ligado ao ingresso do indivíduo na sociedade e em processos de aprendizagem e formação.

É partir desta ideia que, para explicar a mediação como processo interacional, ele primeiro aborda a linguagem verbal como processo interacional. Segundo Braga (2006):

A linguagem (como dispositivo interacional) é aprendida sobretudo na socialização primária, em ambiente de forte pessoalidade; mas também nas demais interlocuções do grupo humano. Para as interações da escrita, na sociedade contemporânea, o dispositivo interacional básico é já desenvolvido "na escola" - através de processo bastante sofisticado de preparação para a realidade - "instruções de uso" são socialmente passadas na experiência vivida, entretanto largamente conduzidas por processos escolares. (BRAGA, 2006, p. 13)

Dessa forma, Braga (2006) aborda que nos estudos contemporâneos destes processos interacionais é possível observar uma transição da escrita como este tipo de processo, para a mediação como processo interacional. Antes de exemplificar melhor essa transição ele realiza uma reflexão sobre sua fala anterior, ao afirmar que “Podemos assumir que a sociedade não apenas produz sua realidade através das interações a que se entrega; mas igualmente produz os próprios processos interacionais que utiliza para elaborar sua realidade...” (BRAGA, 2006, p.14).

É partir desta ideia de construção da realidade e da transição dos processos interacionais que Braga (2006) afirma que a primeira coisa a se fazer para o desenvolvimento de uma mediação e que tem papel fundamental nesta transição “...é a criação de tecnologia para atingir objetivos sociais e interacionais” (2006, p.14). Partindo desta importância da tecnologia na criação da mediação como processo interacional, Braga (2006) conclui:

Os processos tecnológicos e operacionais de interação, disponibilizados através de mediação crescente da sociedade, abrem possibilidades sociais. Os modos segundo os quais a sociedade (por seus diferentes setores, segundo seus variados objetivos) realiza, escolhe e direciona aquelas possibilidades, é que compõem a processualidade interacional/social que vai caracterizar a circulação comunicacional - logo, a construção de vínculos, de modos de ser, do perfil social a que chamamos de "realidade". (BRAGA, 2006, p.16)

Com isso, segundo Braga (2006), podemos ter a ideia de que, com a midiatização e as possibilidades que ela nos apresenta, como a utilização de som e imagem, hoje podemos ampliar a difusão de experiências:

Assim quando antes se construía a realidade através de interações sociais baseadas essencialmente na expressão verbal, é possível hoje objetivar e fazer circular imagens (referenciais ou imaginárias), sons e, particularmente, "experiência". (BRAGA, 2006, p.19)

Após esta análise das discussões acerca dos conceitos de midiatização, podemos observar que os dois autores tratam de um elemento importante para entendermos o papel da midiatização na discussão do grafite e do pixo. A construção de uma visão totalizante de mundo como Gomes (2008) aborda ao falar da midiatização como processo social, ou uma construção de realidade como Braga (2006) apresenta, ao falar da midiatização como processo interacional. Estas são questões fundamentais para entendermos o papel deste elemento em nossa sociedade.

Tendo em vista a complexidade de uma unificação da conceituação do grafite e do pixo dentro do âmbito acadêmico, mas que possui significados estabelecidos indiscriminadamente pela sociedade, apresentados no capítulo anterior. Isso tudo ligado a ideia de que a midiatização se apresenta em uma status de espaço de observação da nossa sociedade e de construção de uma realidade. Ao midiatizar o grafite e o pixo, algumas dúvidas surgem. Qual o resultado de se midiatizar elementos tão complexos que dentro de uma discussão acadêmica não possui sua conceituação clara, mas que para a sociedade de massa possui conceitos que ainda geram debate? Ao midiatiza-los, sem abordar essas discussões, o resultado seria uma reprodução e o estabelecimento daquilo que já é considerado uma pré-conceito?

Pensando nestas questões, que realizo a análise a seguir. Abordando textos com a temática grafite e pixo, produzidos para o portal online da Folha de S.Paulo no primeiro mês de mandato do ex-prefeito João Doria. Levando em conta a conceituação destas praticas apresentada anteriormente e seus debates com relação a sociedade, além também, da discussão acerca da midiatização, mesmo que ainda não estabelecida como um consenso dentro do âmbito acadêmico, mas como um acréscimo para entendermos o papel deste elemento em nossa sociedade.

3 METODOLOGIA

Para a concepção da pesquisa escolhi, primeiramente, utilizar técnicas aplicadas à metodologia da análise de conteúdo. Tal método enquadra-se no objeto desta pesquisa pois auxilia na análise de um conjunto de textos para entender, por meio do conteúdo pautado, o contexto do acontecimento. Na aplicação deste método percebi que era necessária uma adaptação dele ao meu objeto de pesquisa, tendo em vista que entendo a metodologia de pesquisa não como uma regra, mas como um guia para a realização de uma análise sólida. Portanto, é necessário olhar para ela tendo o objeto analisado em mente.

Para entender melhor esta adaptação é importante entender primeiro do que se trata a análise de conteúdo. Para isso explicarei as concepções da autora Laurence Bardin (1977), professora de Psicologia na *Universidade de Paris V*, que estuda a psicossociologia aplicada às comunicações de massa e falou destas técnicas em seu livro intitulado *Análise de Conteúdo*.

Para auxiliar na conceituação e explicação do trabalho de Bardin (1977) trago também as concepções do autor Wilson Correa da Fonseca Junior (2014), responsável pelo capítulo *Análise de Conteúdo*, descrito no livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, organizado pelos autores Jorge Duarte e Antônio Barros.

Mas antes de iniciar minha explicação acerca do método e dos aspectos da análise de conteúdo que se mesclam ao meu trabalho, trago uma análise detalhada do processo de apuração dos textos analisados neste trabalho e do recorte utilizado para a escolha destes textos.

Com o objetivo de selecionar notícias vinculadas ao portal online da Folha de S.Paulo e que possuíssem como tema o grafite e o pixo, resolvi utilizar o sistema de busca do próprio site. É importante salientar que, em um primeiro momento, resolvi que meu recorte iria abranger os dois primeiros meses do ano de 2017. Estes dois primeiros meses são os dois primeiros meses de mandato do ex-prefeito, recém-eleito na época, João Doria.

Essa questão é importante para a pesquisa porque foi um momento em que este tema ganhou grande visibilidade ao fazer parte de uma ação política intitulada *Cidade Linda*. Onde grafites e pixos, em alguns pontos da cidade, foram apagados

pela gestão pública, gerando tensão entre a prefeitura, os responsáveis pelos desenhos e a população.

No mecanismo de busca do site é oferecido como filtro campos como: Procurar por: onde é possível colocar uma palavra chave que esteja ligada à notícia; Seção: é como as editorias do site são chamadas. Permite selecionar todo conteúdo do site, ou apenas o conteúdo de editorias específicas. O portal da Folha de S.Paulo possui no total 36 tópicos que podem ser acessados por meio da aba de sessões. Dentro destes tópicos é onde se encontram as editorias, como por exemplo, o tópico cotidiano, onde, dentro dele, encontramos as editorias de *cotidiano*, *blogs* e *colunas*.

Feito isso, ao pesquisar as palavras chaves grafite e pixo, marcando todas as seções na aba de seções e marcando a data de 01/01/2017 até 29/02/2017, obtive 92 resultados, divididos em quatro abas. Com a pesquisa, eu procurava analisar um número menor de resultados, algo que fosse mais centrado no momento exato em que este tema começou a ter uma repercussão maior dentro do conteúdo digital da Folha.

Dessa forma, ao ler alguns dos resultados, entre estes 92, percebi que o que eu queria estava dentro do primeiro mês de mandato do ex-prefeito. Resolvi então alterar meu recorte para o primeiro mês do ano e, ao pesquisar, realizei o mesmo processo. Colocando a palavra chave grafite e marcando todas as seções na aba de seções. Com a diferença que agora a data marcada era 01/01/2017 até 31/01/2017. Ao realizar isso, obtive 50 resultados, separados em duas páginas do site.

Ao iniciar minha análise dos textos obtidos comecei capturando imagens da tela (*Prints*) e elaborando figuras dos textos que me interessavam. Devido às palavras chaves serem muito abrangentes, estes 50 resultados acabaram abrangendo, também, notícias que fogem da discussão do projeto *Cidade Linda*.

Por isso, era necessário um segundo recorte. Realizado conforme cada um dos 50 resultados era lido, tendo o cuidado de cortar textos que abordavam o debate que eu estava procurando e textos que traziam comentários de leitores sobre diversos assuntos, mas que não necessariamente se encaixavam no tema. Isso gerou 35 objetos analisáveis¹, ou seja, 35 resultados a serem analisados que

¹ Essa pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2017, na época, o portal possuía um sistema de busca diferente do encontrado hoje. Recentemente, após retornar para o site, percebi que o algoritmo de busca das palavras chaves foi refinado, podendo assim, gerar mais resultados. O que não tira o mérito dos resultados encontrados, tendo em vista que meu objetivo nesta pesquisa é realizar o estudo, apenas, em cima destes 35 resultados, que já servem como ponto de partida para entender como o grafite e pixo são utilizados na construção dos textos que abordam o tema.

abordavam as ações da gestão do ex-prefeito Doria com relação aos grafites e pixos de São Paulo, ou que complementavam a discussão abordando ações da gestão anterior.

Para realizar a análise destes resultados criei um arquivo em *Microsoft Excel* onde coloquei como primeiro aspecto a ser percebido a data a qual aqueles conteúdos foram vinculados, título ou manchete, sessão à qual eles foram vinculados e, por último, uma análise descritiva de cada uma dessas notícias. Prestando atenção em aspectos como: O autor e questões ligadas a ele que podem influenciar na abordagem do tema, como, por exemplo, formação acadêmica ou vínculo político/partidário, empresas ou órgãos públicos. As palavras grafite e pixo e como elas são abordadas e a quem são denominadas. As fontes abordadas e a fala das mesmas. E de forma geral, como avalio a forma como o assunto foi abordado? Seja de forma positiva, negativa ou neutra.

Sendo assim, entendendo o processo de apuração e de recorte dos textos analisados, podemos iniciar nosso estudo acerca do método, entendendo que a análise de conteúdo, para Fonseca (2014), “Em uma concepção ampla, se refere à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa” (2014, p. 280). Apesar disto, ao contextualizar historicamente, ele explica que há uma problemática na utilização desta metodologia. Segundo Fonseca (2014), ela possui várias fases e seu reconhecimento é cíclico.

Seu status enquanto método de pesquisa já passou por períodos cíclicos de grande reconhecimento – como ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial – e de desqualificação, como se verificou na década de 1970, entre pesquisadores marxistas. Neste caso, um dos principais argumentos era que a análise de conteúdo, devido à sua origem positivista, não permitiria uma aproximação crítico-ideológica suficiente dos meios de comunicação de massa. (FONSECA, 2014, p. 281)

Com isso, logo em seguida, Fonseca (2014) afirma que esse quadro veio a mudar em 1990 com a chegada do acesso à *internet* e ao conteúdo online de jornais, rádio e televisão, facilitando a abordagem a um grande número de um conteúdo estudável. Dessa forma, levando em conta estes aspectos que levaram à renovação desta metodologia, Fonseca (2014) apresenta também tendências atuais da análise de conteúdo e que são importantes para a concepção deste trabalho. Segundo ele:

[...] a análise de conteúdo oscila entre esses dois polos, ora valorizando o aspecto quantitativo, ora o qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador. (FONSECA, 2014, p. 285)

Para entender melhor esta oscilação da análise de conteúdo e a aplicação dela em minha pesquisa, é necessária explicar as estampas que a compõem este método.

Com o objetivo de organizar a análise de conteúdo, Bardin (1977, p. 93) a dividiu em cinco fases. São elas: *Organização da análise*; *A codificação*; *A categorização*, *A inferência*; e por último o *Tratamento Informático*. Importante salientar que a organização do método nestas cinco fases não invalida a possibilidade de outros autores construírem sua análise de conteúdo de outras formas, mas pela fama da autora dentro do mundo acadêmico e ao entrar em contato com seu trabalho, optei por adaptar o método dela em minha pesquisa.

Cada uma das cinco etapas propostas por Bardin (1977) possuem diferentes polos. A primeira etapa da *Organização da análise*, possui três polos *Pré-análise*, *Exploração do Material* e *Tratamento dos Resultados: A Inferência e a Interpretação*. Segundo Bardin (1977) Organização da análise é:

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objectivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. (BARDIN, 1977, p. 95)

Ou seja, a *pré-análise* para Bardin (1977) por exemplo consiste em organizar o conteúdo de pesquisa através de três passos: escolha dos documentos, formulação de hipóteses e elaboração de indicadores. Segundo Fonseca (2014), a *pré-análise* é composta pelo planejamento da pesquisa que será elaborada em seguida e da organização das ideias iniciais.

Podemos perceber uma adaptação da *pré-análise* em meu trabalho no momento em que, ao acompanhar as notícias do portal online da Folha de S.Paulo sobre as medidas tomadas pelo ex-prefeito de São Paulo, de apagar os grafites e pixos, percebi a grande visibilidade que o conteúdo dessa polêmica recebeu ao longo do desenrolar da discussão gerada em cima deste tema. É neste momento que eu realizo a escolha dos meus documentos.

Já ao questionar a prática jornalísticas, olhando diretamente para aquilo que compõe a produção deste conteúdo e sendo assim tento entender a forma como

estas práticas foram midiaticizadas eu já realizo a elaboração de hipóteses. A etapa final da elaboração de indicadores acontece quando justifico minha pesquisa ao abordar questões como o número de artísticas envolvidos na elaboração dos grafites da 23 de Maio ou trago dados que caracterizam a abrangência e importância da Folha de S.Paulo no Brasil.

Já o segundo pólo é a exploração do material. Para Bardin (1977), “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (1977, p.101). Fonseca (2014, p. 290), explica que essa seria a análise propriamente dita e que no momento em que as etapas da pré-análise são concluídas, este pólo é apenas a “administração sistemática das decisões tomadas anteriormente”.

Este pólo pode ser visto no meu trabalho um pouco à frente da minha pesquisa quando realizo no site uma busca das palavras chaves grafite e pixo e encontro 35 resultados que abordam as ações da gestão do ex-prefeito Doria com relação aos grafites e pixos de São Paulo.

O último pólo é o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. Para Bardin (1977, p.101), este é o momento de discutir sobre os resultados obtidos. Junto disso, também é a oportunidade de adiantar interpretações a respeito daquilo que era esperado ou não era esperado. Fonseca (2014) explica que neste polo são tratados os resultados brutos tornando-os significativos e validos e exemplifica:

Operações estatísticas (quando for o caso) permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos. A partir desses resultados, o analista pode então propor inferências. (FONSECA, 2014, p. 290)

Como já foi dito, ao encontrar os 35 resultados, para realizar a análise deles criei um arquivo em *Excel* onde coloquei alguns aspectos a serem percebidos, como por exemplo, a data a qual aqueles conteúdos foram vinculados, título ou manchete, sessão à qual eles foram vinculados e, por último, uma análise descritiva de cada um dos textos. Este movimento se encaixa no tratamento dos resultados porque no momento da criação deste documento pude avaliar de fato a significância e relevância deles para o meu trabalho.

A segunda fase, denominada por Bardin (1977) de *Codificação*, consiste em:

A codificação corresponde a uma transformação - efectuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por

recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto. (BARDIN, 1977, p. 103)

Podemos perceber aí que, assim como a fase anterior, a *Codificação* engloba para Bardin (1977) três etapas que ela chama de escolhas: recorte, enumeração e agregação. Segundo Fonseca (2014, p. 294) enumeração seria a “escolha das unidades de registro e de contexto”. Bardin (1977) explica que unidades de registro e de contexto seriam:

Quais os elementos do texto a ter em conta? Como recortar o texto em elementos completos? A escolha das unidades de registro e de contexto, deve responder de maneira pertinente (pertinência em relação às características do material e face aos objectivos da análise). (BARDIN, 1977, p. 104)

Ou seja, em meu trabalho o recorte seria o portal da Folha de S.Paulo, pois essa seria minha unidade de amostragem. Segundo Fonseca (2014), “as unidades de registros podem ser consideradas partes de uma unidade de amostragem” (2014, p. 294). Nessa linha de raciocínio minhas unidades de registro seriam os 35 textos selecionados pelas palavras chaves e que eram do meu interesse de análise.

Já a segunda etapa, enumeração, segundo Fonseca (2014) é “escolha das regras de enumeração” (2014, p. 294). Ou seja, em meu trabalho eu estabeleço uma série de regras de enumeração, como por exemplo a utilização das palavras pixo e grafite nos textos, a utilização dos termos *Guerra do Spray* e *Arcos da Discórdia* e o número de citações diretas de fontes representativas a discussão do grafite e do pixo utilizadas em cada texto.

Fonseca (2014) ainda explica que estas regras levarão a criação de índices, o que de fato acontece quando no capítulo de *Discussão* deste trabalho eu utilizo dos resultados destas regras de enumeração para identificar a forma como as práticas grafites e pixo foram midiaticizadas.

Já na terceira etapa, agregação, Bardin (1977) explica que seriam a escolha das categorias. Segundo Fonseca (2014) essas categorias estão explicadas na terceira fase, *Categorização* e a escolha destas categorias explicadas nesta terceira fase implica na conclusão desta etapa.

A terceira fase, *Categorização*, segundo Bardin (1977):

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (BARDIN, 1977, p. 117)

Para ficar mais claro Fonseca (2014) explica que a categorização “consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registo” (2014, p. 298). Neste trabalho a categorização das unidades de registo, ou seja, os 35 textos analisados, se apresenta momento em que, ao serem quantificados, são categorizados por texto de opinião, galeria de fotos ou notícia. Essa categorização pode ser vista no capítulo de Discussão quando o número de textos em cada categoria é apresentado.

Sendo assim, como foi explicado anteriormente, a última etapa, agregação, que engloba a escolha da minha categorização, presente na segunda fase *Codificação*, também é concluída. Isso acontece porque segundo Bardin (1977) essa fase e esta etapa estão ligadas: “A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias” (1977, p. 119).

A terceira fase, apresentada por Bardin (1977) é chamada de *Inferência*. Segundo Fonseca (2014) esta fase:

Trata-se do momento mais fértil da análise de conteúdo, estando centrado nos aspectos implícitos da mensagem analisada. Esse procedimento não é raro na prática científica. O médico faz deduções sobre a saúde de seu cliente graças aos sintomas. O arqueólogo pode extrapolar conhecimentos históricos a partir do exame de uma ânfora. Da mesma forma, a leitura efectuada pelo analista de conteúdo procura evidenciar o sentido que se encontra em segundo plano. (FONSECA, 2014, p. 298)

Dessa forma, antes de entendermos como a *Inferência* se aplica ao meu trabalho é necessário entender as variáveis ligadas a esta fase da análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977):

No estado actual dos conhecimentos a inferência faz-se, habitualmente, caso por caso, à falta de leis exactas referentes às ligações habituais entre a existência de certas variáveis do emissor (ou do receptor) e as variáveis textuais. (Bardin, 1977, p. 137)

Sendo assim, segundo Fonseca (2014) “existem diversos processos e variáveis de inferências, que podem ser agrupados em duas modalidades” (2014, p. 299). Estas modalidades são inferências específicas e inferências gerais. Fonseca (2014) explica que inferências específicas são vinculadas a algo específico do problema investigado, ou seja, em meu trabalho essas inferências são em sua maioria apontadas no capítulo Analise dos Resultados, quando faço apontamentos específicos de cada texto, como por exemplo se utiliza as palavras pichador, ou apenas grafiteiro.

Já em inferências gerais, Fonseca (2014) explica que é quando a inferência extrapola as informações contidas no próprio problema, como por exemplo, quando realizo inferências sobre a abordagem política presente em alguns textos, no capítulo de Discussão, trago junto informações de fora do contexto dos textos como por exemplo partido político dos prefeitos João Doria e Fernando Haddad.

A quinta e última fase apresentada por Bardin (1977) é o *tratamento informático*. Que para Bardin (1977) significa a utilização de computadores para facilitar a realização da análise de conteúdo. Pode ser utilizado em um exemplo, que ela mesmo da onde “A análise é complexa e comporta um grande número de variáveis a tratar em simultâneo (por exemplo: número elevado de categorias e unidades a registrar)” (1977, p. 143).

Em minha análise aplico esta fase ao utilizar o mecanismo de busca do próprio portal da Folha para ordenar textos que possuíssem as palavras chaves grafite e pixo. Além também de utilizar a ferramenta online *Excel* para organizar os 35 resultados encontrados e classifica-los.

Finalizados as devidas explicações sobre os aspectos que compõe os estudos sobre a análise de conteúdo de Bardin (1977), apresento também outro aspecto presente no meu trabalho. Fonseca (2014) diz que em uma análise de conteúdo contemporânea é comum perceber aspectos que oscilam em uma análise que abre mais espaço para a discussão qualitativa do que a quantitativa.

Neste trabalho, apesar de abordar a questão do quantitativo em vários momentos, trazendo, por exemplo, o número de textos abordados, é evidente que, devido a aspectos como o estudo da midiatização, abordagem política nos textos e principalmente à abordagem social voltada ao grafite e o pixo, a análise qualitativa se sobressai.

Importante informar que, eventualmente, o discurso sobre o método será ampliado na medida em que os dados forem sendo apresentados e em que a metodologia for sendo aplicada. Sendo assim, sabendo das técnicas e dos estudos metodológicos que me guiam no decorrer deste trabalho, início em seguida a análise individual dos 35 textos coletados no portal online da Folha de S.Paulo.

Neste momento do meu trabalho eu faço uma discussão com cerca de dois a três parágrafos para cada texto, ilustrando essa discussão em seguida com as imagens² dos textos coletadas diretamente do portal, levantando assim, aspecto dos como, por exemplo, data de publicação, autor do texto, as palavras grafite e pixo e como elas são abordadas e a quem são denominadas, fontes abordadas e a fala das mesmas, além de uma avaliação de positivo, negativo ou neutro na abordagem de cada autor ao tema em questão.

² As imagens, chamadas aqui de figuras, são tiradas direto do portal da Folha, por isso, ao passar para o trabalho, percebi que era preciso adaptar a colocação delas devido ao tamanho que elas possuem. Tendo em vista que em discussão com meu professor orientador, optamos por não utilizar anexos, precisei achar a melhor forma possível de mesclar essas imagens ao texto. Foi então que decidi por realizar a discussão de dois textos e nas páginas seguintes trazer as figuras correspondentes aos textos discutidos, logo depois retomar a discussão de mais dois textos e em seguida trazer as figuras correspondente a esta discussão, e por aí vai. Mesmo assim, algumas imagens podem apresentar uma dificuldade de visualização por conta de seu tamanho, então é preciso levar em conta que nas análises eu faço uma contextualização do que está presente nos textos e que o principal presente nestas figuras, pode sim ser visualizado, que é a disposição do texto no site e possíveis imagens presentes no texto e que são relevantes para o trabalho. De qualquer forma, se houver de fato a necessidade de se visualizar estes textos diretamente do site, cada figura possui um link que leva diretamente para a publicação no portal da Folha.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O primeiro texto analisado foi vinculado ao portal da Folha de S.Paulo no dia 07/01/2017, figura 1. O texto se apresenta como um artigo de opinião de autoria de Tata Amaral, cineasta brasileira. Nele, Amaral inicia justificando uma abordagem positiva com relação as ações da gestão anterior a do ex-prefeito Doria, em São Paulo. Utilizando da profissão como cineasta, ela alega que a vida urbana a inspira. Em diante ela realizada uma análise sobre a gestão de Fernando Haddad, dizendo que o ex-prefeito da cidade quebrou paradigmas ao propor um projeto de cidade para as pessoas.

Para exemplificar isso, ela entra em várias áreas da gestão pública, inclusive a cultura, trazendo dessa forma o grafite para o texto. Sendo assim, ela diz que, por meio da chamada Lei de Fomento à Periferia houve mais incentivo à cultura periférica, favorecendo o acesso a essas produções, sendo uma delas o grafite. O texto foi divulgado antes das ações da gestão de João Doria com relação aos grafites e pixos da cidade, portando nada é dito com relação a isso. Mesmos assim, podemos notar uma abordagem política de avaliação de uma gestão, que leva a menção ao grafite e que ao mesmo tempo é citado como cultura. O pixo não é mencionado, a única fonte mencionada é a própria Amaral e o texto apresenta um caráter positivo com relação ao grafite.

O segundo texto, figura 2, divulgado no dia 10/01/2017, está vinculado a editoria de *Notícia do Blog*. Nesta editoria, os textos são escritos por correspondentes comunitários, segundo o próprio portal. Em sua maioria estes correspondentes são pessoas ainda estudantes ou já formadas em jornalismo, mas como é explicado na descrição da editoria, sobretudo, ela é composta por pessoas interessadas em contar o que se passa na periferia da grande São Paulo. A autora deste texto é descrita como correspondente do bairro Perus, Jéssica Moreira. Em seguida não há nenhuma outra informação sobre ela.

Este texto apresenta uma galeria de grafites a céu aberto no bairro Perus em São Paulo. O texto aborda apenas o grafite e utiliza os dois gêneros ao falar dos praticantes, grafiteiros e grafiteiras. O texto também traz uma justificativa social para a galeria dizendo que o local serve de espaço para a oitava edição do *Perusferia*, uma feira realizada por jovens peruenses que, segundo a notícia, utilizam a moda para trabalhar a autoestima de crianças e adolescentes negras. Ao final, o texto

apresenta um vídeo sobre a *Perusferia*, onde a galeria também é mostrada e pessoas responsáveis pelo projeto são abordados tratando do assunto. Vinculado antes das ações da prefeitura com relação aos grafites e pixos da cidade, o texto possui um tom positivo com relação a pratica e traz a preocupação de justificar a galeria como processo social.

Figura 1 - Texto: O legado de Fernando Haddad foi positivo? SIM.

opinião

TATA AMARAL

O legado de Fernando Haddad foi positivo? SIM

07/01/2017 © 02h00

 Compartilhar
 



 < 281
  OUVIR O TEXTO
  Mais opções

ATRAVESSANDO AS PONTES

Sou uma amante da vida na cidade. Como cineasta, é a vida urbana que me inspira. Talvez porque tenha nascido e vivido até minha adolescência no centro de São Paulo.

Estou falando dos anos 1960. Da sala do meu apartamento, assistia ao vaivém da rua pela porta envidraçada. Para mim, o dentro e o fora sempre representaram camadas da mesma cena. Nunca foram espaços antagônicos, embora expresse a tensão entre eles nos meus filmes.

Caminhar era uma experiência cotidiana. A cidade era minha casa e cresci sem medo de seus habitantes. Foi nos anos 1980 que a coisa começou a pesar: os noticiários não paravam de exibir cenas de violência nas ruas. Entramos em guerra com o outro e o noticiário a amplificava.

A população ocupava lugares cada vez mais distantes sem que o poder público se preocupasse com ela. Vimos nossas casas e a rua se transformarem em espaços antagônicos. As ruas foram dominadas por carros e, inclusive nas periferias, era perigoso estar nelas. O espaço público se converteu no lugar do abandono.

Foi esse paradigma que o ex-prefeito Fernando Haddad ousou transformar quando propôs um projeto de cidade para as pessoas. Toda uma lógica de gestão foi invertida e seu resultado está de tal maneira incorporado ao nosso cotidiano que nem mesmo nos lembramos de que, há quatro anos, nossa experiência com a cidade era diferente.

O alcance desse projeto é imenso e atingiu saúde, educação, moradia, políticas para as mulheres, para população de rua, para imigrantes; finanças públicas, tecnologia, ocupação do espaço público, dentre outras.

Hoje, podemos escolher nosso ônibus num aplicativo e saber exatamente onde e que horas passa; os corredores diminuíram inacreditavelmente o tempo de deslocamento; usamos a bicicleta; sentamos em parklets e praças e, sobretudo, recuperamos a experiência de caminhar sem medo, através do programa Ruas Abertas, 29 delas espalhadas pela cidade, e da iluminação a LED nas periferias.

O Carnaval de Rua e o Festival de Direitos Humanos são exemplos de ações culturais que proporcionam o convívio entre as pessoas. O Transcidadania e o Braços Abertos nos levam a um olhar amoroso para pessoas marginalizadas.

Um marco inovador foi sua compreensão da importância do patrimônio imaterial para os laços afetivos das pessoas com sua cidade: o tombamento, reforma e reativação do Cine Caixa Belas Artes reconheceram o papel desta sala na tradição de lazer dos paulistanos.

A criação da Spcine, empresa dedicada ao audiovisual paulistano, atendeu à mesma lógica. Em menos de dois anos, 20 salas de cinema com tecnologia de ponta foram construídas nos quatro cantos da cidade e proporcionaram acesso ao cinema a 285 mil pessoas.

Ainda na área da cultura, incentivos aos grupos de teatro, dança, performance e grafite favoreceram nosso acesso a esta produção. A Lei de Fomento à Periferia cria a possibilidade da produção e difusão da cultura periférica.

A gestão Haddad compreendeu algo que vivenciei ao realizar o filme "Antônia" (2006): a necessidade de atravessar as pontes físicas e simbólicas. Estas têm mão dupla e permitem o ir e vir, a troca cultural entre habitantes de distintas regiões. Permitem que os habitantes das periferias possam frequentar o centro não apenas para trabalhar.

Esse sentimento positivo de pertencimento é ainda frágil e talvez possa ser abalado pela retomada dos paradigmas anteriores. Mas a experiência de uma cidade onde as pessoas são o foco das políticas públicas chegou para ficar.

Valeu, Haddad!

TATA AMARAL é cineasta. Dirigiu "Um Céu de Estrelas", "Através da Janela" e "Antônia". Seu filme "Hoje" venceu o prêmio de melhor filme do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro em 2011



Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/uZMtNz>.

Figura 2 - Texto: Com grafite e moda, jovens de Perus fortalecem o orgulho de crianças e adolescentes negros

Assista: com grafite e moda, jovens de Perus fortalecem o orgulho de crianças e adolescentes negros

POR BLOG

Por Jéssica Moreira – Último bairro na região noroeste de São Paulo, Perus vem se tornando uma grande galeria de grafite a céu aberto. Há oito anos, grafiteiros e grafiteiras do bairro e de outras regiões da cidade vêm se articulando com a população local para encher de cor as paredes das ruas ou vielas, além de disseminar a cultura hip-hop para as novas gerações.

O projeto, chamado Perusferia Graffiti, já passou por vários muros de escolas e também pelo cemitério de Perus, o Dom Bosco, onde eram depositados em vala comum os corpos dos mortos pela ditadura militar, registrando a história de lutas do bairro.

Em novembro de 2016, ocorreu a oitava edição do Perusferia, que se juntou a uma nova onda de jovens perusenses que vêm utilizando a moda para trabalhar a auto-estima de crianças e adolescentes negras, por meio do projeto Afronte Empodere-se, que nasceu no CEU (Centro Educacional Unificado) de Perus em 2016 e tem feito das ruas do bairro grandes passarelas.

Os grafites viraram uma grande galeria para que o desfile acontecesse nos muros da Biblioteca Padre José de Anchieta, que colaborou com todo o suporte do evento, mostrando que é possível unir iniciativas da comunidade aos objetivos dos equipamentos públicos, favorecendo a população como um todo.

Confira a reportagem em vídeo sobre o evento:



Jéssica Moreira é correspondente de Perus
jessicamoreira.mural@gmail.com

SAIBA MAIS:

[Grafiteiros fazem força-tarefa para revitalizar viela em Perus](#)

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/YoegJs>.

A próxima análise é da primeira galeria de fotos vinculada neste período, figura 3. Divulgada pelo portal no dia 12/01/2017. 21 fotos são apresentadas, em sua maioria trabalhos de Eduardo Kobra, em São Paulo, Nova Iorque e Moscou. As legendas todas utilizam o termo grafite, apenas. O álbum traz ainda fotos dos grafites de Kobra na avenida 23 de Maio, antes das ações da prefeitura tomarem o espaço.

No quarto texto, figura 4, temos a notícia, dentro da editoria de *Cotidiano*, da primeira ação de Doria com relação aos grafites em São Paulo. Vinculada no dia 14/01/2017, data conhecida como o início das ações da prefeitura de apagamento dos grafites e pixos da cidade. A notícia não traz um autor especificado, mas é divulgado por ela a decisão do ex-prefeito Doria de apagar grafites pintados nos Arcos do Jânio, local conhecido pelas obras e localizado no centro de São Paulo.

Além do termo grafite a notícia aborda o termo pichação ao dizer em seu segundo parágrafo que os Arcos do Jânio são conhecidos historicamente por ser alvo de pichações, mas que recebeu grafites em 2015 na gestão de Fernando Haddad. Podemos notar aí uma abordagem negativa com relação a pichação, tratando ela como um ato de vandalismo enquanto o grafite é abordado como parte da revitalização do local, contra a pichação.

O termo grafite no texto é abordado ainda em uma fala do ex-prefeito Doria, na avenida 23 de Maio, enfatizando que naquele local não haveria mais grafites. Em seguida, na mesma fala ele aborda pela primeira vez o plano de uma área reservada para grafiteiros, abordando-os neste discurso como muralistas. O texto traz ainda um contexto histórico dos Arcos do Jânio, falando que foram erguidos no início do século passado e que são considerados patrimônio histórico, além de voltar a afirmar que mesmo após o artista Rafael Hayashi ter feito um desenho que lembrava o ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, o local foi pichado.

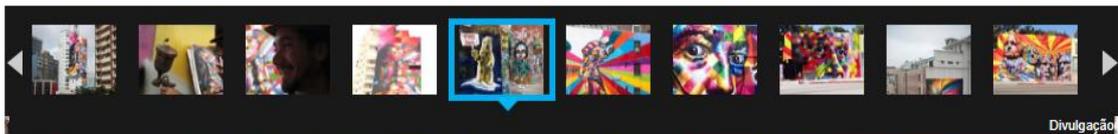
A notícia busca então, a fala do artista Rafael Hayashi na época em que pintou o presidente venezuelano. Fora isso, a notícia procura trazer também a palavra do grafiteiro Marcus Vinícius, que comenta a decisão do ex-prefeito, colocando ela como negativa ao dizer que teme uma escalada de um discurso de ódio na cidade com pichadores e grafiteiros fazendo murais sem autorização. O artista também a decisão do ex-prefeito de realizar espaços específicos para o grafite na cidade, que segundo Marcus no texto, é uma decisão que não surtirá efeito.

Figura 3 - Galeria de fotos: Grafites de Eduardo Kobra

Grafites de Eduardo Kobra

Veja obras de Eduardo Kobra ao redor do mundo

12/01/2017 © 22h00



Grafite contra a prisão da ativista brasileira Ana Paula Maciel, do Greenpeace

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/vTakhc>.

Figura 4 - Texto: Doria manda apagar grafites dos Arcos do Jânio, no centro de São Paulo

Doria manda apagar grafites dos Arcos do Jânio, no centro de São Paulo



DE SÃO PAULO

14/01/2017 12:04

Compartilhar 3.4 mil [OUVIR O TEXTO](#) Mais opções

O prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB), afirmou na manhã deste sábado (14) que a prefeitura vai apagar os grafites na área conhecida como Arcos do Jânio, no centro da cidade.

O local, alvo histórico de pichações, recebeu os grafites em 2015, após autorização da gestão do então prefeito Fernando Haddad (PT).

Desde o dia 29 de novembro, o local passa por restauração. A previsão da prefeitura era de que a reforma iria custar R\$ 650 mil e durar seis meses.

"Não haverá mais grafites naquela área", disse Doria, em evento na avenida 23 de Maio. Ele voltou a afirmar que a cidade terá uma área reservada para grafiteiros e muralistas.

Os Arcos do Jânio, erguidos no início do século passado são considerados patrimônio histórico. O local veio à tona no final dos anos 1980, quando o então prefeito Jânio Quadros mandou demolir um cortiço que encobria a estrutura.



Prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB), durante evento na avenida 23 de Maio

Em 2015, após os grafites terem sido pintados, o local foi pichado depois que o artista Rafael Hayashi fez um desenho que lembrava o ex-presidente da Venezuela Hugo Chávez, morto em 2013.

Na época, o artista afirmou que não era o ex-presidente venezuelano. "A ideia era retratar um homem negro, que não tem expressão nem fala. Mas a imagem ficou distorcida", disse.

A obra virou polêmica nas redes sociais, na qual internautas diziam que o desenho tinha uma carga ideológica intencional.

Logo em seguida, o desenho amanheceu com borrões de tinta vermelha e as frases: "Hugo Chá. É o Chávez sim".

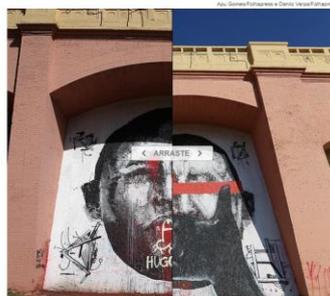
Na sequência, um grupo de grafiteiros desenhou uma venda vermelha nos olhos e uma mão tampando a boca. Rafael Hayashi afirmou que a intenção era dar uma resposta às más interpretações, censuras e ataques ao trabalho.

Já na avenida 23 de Maio, onde há uma grande quantidade de grafites, apenas oito áreas terão espaços para as obras. Nas demais, os desenhos serão apagados.

O grafiteiro Marcus Vinícius, 30, (conhecido como Enivo), diz temer a escalada de um discurso de ódio na cidade com pichadores e grafiteiros que façam murais sem autorização.

Para ele a ideia de criar espaços específicos para grafite na cidade é uma decisão que não surtirá efeito. "São mais de 15 mil pichadores e grafiteiros na cidade. É impossível confiná-los em 'grafitódromos'. Ele [Doria] pode estar até bem intencionado, mas desconhece a realidade da cidade", disse.

Enivo teme ainda que o aumento do controle da prefeitura sobre as áreas que poderão receber grafite crie uma ditadura visual na cidade. O grafiteiro participou de trabalhos nos Arcos do Jânio e na curadoria de parte dos grafites da 23 de Maio.



Artistas fazem intervenção após grafite que lembra Hugo Chávez ser pichado em São Paulo.

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/JFNq89>.

No dia 15/01/2017, figura 5, é vinculado ao portal uma coluna de autoria de Monica Bergamo, jornalista brasileira que na época atuava como colunista do portal. De forma literal, a colunista fala sobre o dia de trabalho da repórter Letícia Mori com o artista Kobra e apresenta uma entrevista com ele. O relato utiliza os termos grafite por parte da jornalista e aborda questões como o fato de Kobra já ter sido preso realizando seu trabalho.

Tendo sido vinculada ao portal em meio ao início da polemica das ações da prefeitura nos Arcos do Jânio e na avenida 23 de Maio, a entrevista traz também a opinião de Kobra sobre o ex-prefeito Doria. Na entrevista ele afirma que o ex-prefeito disse que ele seria coordenador de um braço do programa *Cidade Linda* para combater a pichação e criar algum controle da arte urbana. Kobra então nega em entrevista que ocuparia algum cargo público.

A entrevista então deixa clara a opinião do artista sobre pichadores, sendo do próprio artista a única menção positiva ao termo pixo, durante toda a entrevista. Segundo Kobra ele não compartilha de uma ação repressiva, principalmente contra pichadores, e que jamais se colocaria numa posição contrária a outro artista. Podemos notar aí uma abordagem positiva de Kobra com relação aos pichadores, tratando a pratica como arte. Com relação a isso, não há comentários da repórter, apenas a constante menção ao artista Kobra como um grafiteiro ou muralista.

Em 17/01/2017, é vinculado ao portal mais uma notícia, figura 6, dentro da editoria de *Cotidiano*. De autoria dos jornalistas Leandro Machado e Juliana Gragnani o texto inicia narrando que, utilizando um spray, o ex-prefeito João Doria pintou de cinza uma parede da avenida 23 de Maio e afirma que uma guerra foi declarada e que os pichadores declararam uma guerra de volta. Como forma de exemplificar essa guerra declara o texto segue falando sobre casos de detenção pela cidade, onde quatro pessoas foram detidas ao pichar em diferentes regiões.

É possível perceber aí uma primeira abordagem por parte do portal dos acontecimentos como uma espécie de guerra, trazendo ainda o termo pichação vinculado diretamente às pessoas detidas. Logo a baixo ela dá a entender que estes atos seriam uma resposta à proposta do ex-prefeito de transformar pichadores em grafiteiros. Em seguida a matéria descreve diferentes pichações pela cidade, tomando a liberdade de conceituar pinturas que fazem alusão a guerra descrita no texto, como de fato um pixo. Apenas em alguns momentos podemos notar que há a fala de possíveis autores. Destaque para o relato de que uma das pichações,

segundo o texto, dizia, Doria, pixo é arte, mas o autor da pichação não foi identificado no texto.

Figura 5 - Texto: Após mal-entendido com Doria, Kobra diz que 'não compartilha de atitude repressiva'.

colunistas
mônica bergamo

Após mal-entendido com Doria, Kobra diz que 'não compartilha de atitude repressiva'



15/05/2017 09:03:00

Compartilhe

Esquadrões assistenciais demarcaram o muro de um imóvel nos Jardins, o artista Eduardo Kobra, 41, decide qual desenho pintar na parede. Mas ele pega uma lata de tinta, se aproxima uma moventora do bairro e pede uma selfie. "Muita fila pra quando disse que ele tá pintando aqui", exclama Fernanda Almeida. "Não quer um café, não?", pergunta ela a Kobra e a repórter Letícia Mori, que acompanha o dia de trabalho do artista.

A recepção calorosa é bem diferente do tratamento que ele costumava receber. De quando começou a fazer arte de rua, em 12, grafitando muros no bairro do Campo Limpo, em SP, onde cresceu, até fazer trabalhos internacionais, Kobra chegou a ser preso mais de dez vezes. Algumas quando o trabalho não era legal. "Tinha eu na festa colocando uma pintura minha e a polícia chegou. Só acreditaram na delegacia."

Depois de fazer fama com dezenas de murais coloridos espalhados por cidades como São Paulo, Londres, Berlim e Paris, seu nome viveu uma redefinição tão conhecida que ele acaba sendo tratado nos Jardins e cidade pelo predomínio como coordenador de um programa municipal sobre o qual tem inteira submissão.

Há alguns dias, o prefeito João Doria disse que ele seria coordenador de um projeto do programa Cidade Linda para combater a pichação e criar algum controle da arte urbana. Após Kobra negar veementemente que aceita cargo público, o [tuitado abaixo](#) afirma que o artista seria uma espécie de "coordenador".

"Nem sabia o que era o projeto", diz Kobra, que tinha participado de uma reunião de uma hora com Doria na qual deu sugestões de como incentivar a arte urbana na cidade. "Começou e terminou nesse ponto. Sugerir criar um mural de street art. Falei do festival de arte-3D que estou organizando no Memorial da América Latina."

"Acho que ele se entusiasmou. Até ligou para ele depois para explicar que não posso ser coordenador nem fazer qualquer nomeação", diz Kobra, que repete várias vezes durante a conversa que "não trabalha para a prefeitura", "não poderia assumir um cargo nesse sentido" e "não faz parte de um projeto".

"Claro que, se a prefeitura quiser me consultar sobre qualquer coisa que beneficiar a arte urbana, estou à disposição. Mas jamais aceitaria um cargo. Principalmente contra pichadores. Não compartilho de atitude repressiva e jamais me colocaria numa posição contrária a outro artista."

Para Kobra, a rua não tem correntes. "Graffiti é uma arte que é livre, ela continua sendo livre, não dá pra controlar. Está no DNA da cidade de SP, que é conhecida por ter a maior diversidade de estilos na arte urbana. Já tem tantas que vão para lá pra conhecer a arte de rua."

O tempo todo Kobra reforça o orgulho que tem da sua história. E pede para ser chamado de muralista, não grafiteiro. "Graffiti, por definição, é arte livre, sem permissão. O que eu faço não é graffiti, porque é autorizado", afirma. "Mas nunca deieti colocarem restrições ao meu trabalho. Quando a pessoa autoriza, tem que dar liberdade."

Não que ele tenha que pedir muita licença hoje em dia - a maioria de suas intervenções é a convite. São tantas suas EUA que ele vai montar uma base de trabalho em New Jersey e levar a família para morar com ele por lá. Assim pode passar mais tempo com a mulher e o filho. Porém, de sete meses, intervendo temporária no Brasil, vai fazer uma série de 28 murais espalhados por New York.

"A cidade tem a ver com minha história. Consectei a pintar por influência dos grafiteiros de lá, na década de 1980, o [Jean-Michel] Basquiat, o Keith Haring", são 19 anos de lá que temer acabou após ir com a família, que se espalhou no graffiti. "Fizava jobs, trocava por roupa. Nunca tive problema com droga, mas andava só com o 'maloqueiro'. Era a família que queria me proteger. Chegou a trabalhar em banco, depois saiu."

Um resquício ficou de seu tempo pintando legalmente e sem proteção: ele sobe de plumbom, contaminado pelo chamado das tintas. "Aprendi a conviver, mas tem dia que não consigo trabalhar por causa da dor de cabeça."

A mudança veio nos anos 2000, quando seus murais de paisagens históricas de São Paulo começaram a chamar atenção. Hoje vende telas por até 40 mil euros e a serigrafia por US\$ 3,000. Diz que, apesar de ter uma equipe de cinco pessoas, ainda ele próprio todo o trabalho, faz apenas um original de cada mural em tela e descreve fazer lançamento de produtos - o que já gerou críticas a artistas como Romero Brito, por tornar o trabalho mais comercial.

"Acho assim: ele [Romero] me parece feliz com o caminho que escolheu, né?", diz, sem ironia. "Respeito a história dele, mas não temaria os mesmos caminhos. Tanta é que eu estou lá 28 anos pintando e realmente me associar com alguma marca."

"Porém não pode levar para um lado muito radical, de ser hipócrita de imaginar que um artista consegue pagar as contas sem vender. Já vi muita gente na rua fazer uma coisa e não conseguir manter quando a resposta 'é' falta na porta. Então prefiro cuidar da minha vida", termina, antes de misturar seu spray de tinta amarela no muro nos Jardins. ■ ■ ■

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/QAT6R7>.

Figura 6 - Texto: Campanha de Doria contra pichação reacende 'guerra do spray' em SP

cotidiano da manhã

Campanha de Doria contra pichação reacende 'guerra do spray' em SP

JULIANA GRACIANI
LEANDRO MACHADO
DE SÃO PAULO
15/01/2017 0 02:00

Com um spray em mãos, o prefeito João Doria (PSDB) pintou de cinza uma parede da av. 23 de Maio e afirmou: "São Paulo vai fazer uma grande campanha contra os pichadores". A guerra foi declarada, e os pichadores declararam guerra de volta.

No último fim de semana, quatro pessoas foram detidas ao pichar em diferentes regiões da cidade – uma delas rabiscava o prédio da prefeitura, no centro. Doria chegou a anunciar que 28 haviam sido presos, mas sua assessoria disse que o número anunciado foi um "equivoco".

Em resposta à proposta do prefeito de transformar pichadores em grafiteiros –ele quer criar um "grafitódromo" na cidade inspirado em um bairro de Miami–, um pichador escreveu "Doria, pixo é arte" em um prédio próximo ao terminal Bandeira (centro), que fica no caminho do tucano para a prefeitura.

Na zona leste, o grafiteiro Iodivone, 33, pintou um Doria vestido de garç, varrendo a pichação para debaixo do tapete e dizendo: "Isso não é arte! Romero Britto é 'top!'".



Foto: Priscilla/Agência

Prédio no centro de SP visto do Terminal Bandeira, onde se 16 Telas 17. Doria, pixo é arte

No largo da Batata (zona oeste), o carteiro ganhou os dizeres: "Não dá vexame, São Paulo não é Miami". Seu autor, o artista e grafiteiro Mundano, 30, diz que "uma cidade linda não é uma cidade cinza". "Sou contra uma cidade monocromática, calada."

Esses grafiteiros e pichadores são movidos pela ilegalidade e pelo desafio – a pichação pode ser enquadrada como dano ao patrimônio ou crime ambiental, infrações leves, não punidas com prisão.

Numa quinta à noite, reunidos em uma via no centro de São Paulo, pichadores mostravam uns para os outros os escritos que pretendiam fazer e comentavam as últimas declarações do prefeito. "O Doria falar essas coisas só alimenta mais nossa vontade de subir nas paredes", dizia um. "Se legalizar, deixa de ser grafite", afirmou outro.

Autor da pichação no terminal Bandeira, um rapaz de 33 anos da "família" Telas diz que aquilo "não foi para atacar". "Quería expor para ele que por mais que seja vista como poluição visual aqui, lá fora a pichação é vista como arte", diz, admitindo que não gostaria de ter a casa pichada, "mas teria que aceitar".

Para pintar a parede do prédio, pendurou-se no alto do edifício com uma corda, técnica que aprendeu com a identidade que assume de dia –ele é pintor predial.

Em uma carta a Doria, outro integrante do grupo que participou da ação diz que a pichação "curega o grito de cidadãos que não têm garantido seu espaço e seu direito, que não provoca, mas denuncia a degradação da cidade". "O senhor declara o combate à 'pichação' por ser uma agressão à cidade, mas não pensa em garantir uma cidade menos agressora a seus moradores?", questiona.

Para Júlio Nicolau, da Trevo, empresa que mantém um estacionamento no edifício, a pichação do grupo é "descalável" e deverá ser apagada.



Gráfico no Jardim das Camélias, na zona leste, do grafiteiro Talyvone

'GRAFITÓDROMO'

Na 23 de Maio, onde a gestão Fernando Haddad (PT) inaugurou murais em todo o corredor, Doria diz que manterá oito trechos grafitados –"os demais já estão envelhecidos ou foram mutilados por pichadores", disse. Alguns grafiteiros defendem apagar periodicamente esses murais para dar espaço à renovação.

O "grafitódromo" que a cidade deve ganhar terá café, loja e um espaço de convivência para oficinas, segundo o secretário de Cultura, André Sturm. Ele diz estar local na Mooca (zona leste) e na S6. "Será um local para aprender técnicas, de referência."

A ideia é inspirada em Wynwood, em Miami, distrito onde galerias se estabeleceram após uma onda de gentrificação. Para Rui Amaral, 56, um dos curadores dos painéis da 23 de maio, porém, São Paulo já tem espaços assim, livres e nascidos de forma orgânica. "Começamos a grafitar a Vila Madalena no ano 2000." ★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/zxNoSR>.

O próximo texto analisado foi vinculado no dia 18/11/2017, figura 7, na coluna da jornalista Monica Bergamo. A coluna fala sobre um comentário da deputada Luiza Erundina do *PSOL* onde ela critica a presença de Doria nos mutirões de limpeza e pintura de muros. A coluna traz a fala da deputada entre aspas e ao final não faz nenhum comentário sobre o assunto, apenas retoma que a deputada foi derrotada por Dória nas eleições de 2016. Novamente temos um texto de cunho estritamente político em meio a toda polemica envolvendo as ações da prefeitura, dessa vez sem remeter a gestão anterior, mas trazendo a candidata que em 2016 fez oposição à João Doria.

No dia 20/11/2017 é divulgado na editoria *Coluna - empreendedor social*, um texto de Erika Bechara, professora de direito ambiental da *PUC-SP*, figura 8. A coluna retoma que os grafites apagados fazem parte das medidas do programa *Operação São Paulo Cidade Linda* e afirma que os grafites apagados foram autorizados pela gestão anterior a de Doria. Erika então faz um questionamento, segundo ela o objetivo do programa é revitalizar áreas degradadas da cidade e pergunta se isso significaria que o grafite é uma intervenção que agride a paisagem urbana, e se deve, portanto, ser combatido? Ela então responde que não.

Com isso podemos perceber que de certa forma a autora inicia o texto em uma abordagem mais neutra, trazendo aspectos técnicos de toda a situação que envolve a intervenção urbana e que pode ser justificada pela sua formação acadêmica. Ela ainda chega a dizer em seu texto que é consenso que o grafite é uma manifestação artística e cultural. Nesta primeira parte do texto ela faz uma serie de afirmações que aparentemente não discutem a legalidade ou não das pinturas, mas por meio destas afirmações, tenta mesmo assim legitimar essas ações como arte.

A discussão quanto à legalidade ou não vem em seguida onde ela fala de certos limites legais que os praticantes do grafite devem ter já que interfere na estética urbana. Importante destacar novamente que Erika é professora de direito ambiental da *PUC-SP*, o que justifica o fato de que, após essas afirmações, ela comece a falar sobre a questão legais do ato de pixar e grafitar, chegando até mesmo a citar a *Lei 9.605*, sobre crimes ambientais, de 1998, que, segundo ela, apesar de criminalizar a pichação, absolve de alguma forma o grafite.

Figura 7 - Texto: 'Isso aí é marketing', diz Erundina sobre mutirões de limpeza de Doria

colunistas

mônica bergamo

'Isso aí é marketing', diz Erundina sobre mutirões de limpeza de Doria



Carolina Linhares/Folhapress

Erundina em evento da PUC-SP

18/01/2017 © 02h00



A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP) critica a presença de Doria em mutirões de limpeza e [pintura de muros](#). "Eu acho que o prefeito de São Paulo precisa, em uma conjuntura tão difícil, ocupar seu tempo com questões mais importantes. Órgãos especializados dão conta do operacional. Prefeito tem que fazer macropolítica. Isso aí é marketing", diz ela, derrotada pelo tucano na eleição.

Leia a coluna completa [aqui](#) ★★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/oP7Kgb>.

Figura 8 - Texto: O grafite em uma cidade linda

empreendedor social

O QUE É | REGULAMENTO | PERGUNTAS FREQUENTES | EDIÇÕES ANTERIORES | FL

colunas

O grafite em uma cidade linda

ERIKA BECHARA
20/01/2017 @ 15:00

Compartilhar

235

OUVR O TEXTO

Mais opções

Uma das ações prometidas pelo Programa Operação São Paulo Cidade Linda, do novo prefeito João Dória, é a retirada dos grafites feitos no início de 2015 no muro de arrimo dos "Arcos do Jânio", no acesso para a avenida 23 de maio.

Os grafites foram autorizados pela gestão municipal da época e, por serem feitos em um bem tombado, também pelo Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo).



Tapumes nos Arcos do Jânio

4 de 7

Objetivo do programa é revitalizar áreas degradadas da cidade. Isso significa, então, que o grafite é uma intervenção que agride a paisagem urbana, deteriora a cidade e deve, portanto, ser combatido? Decerto que não.

Já é consenso que o grafite é uma manifestação artística e cultural, que humaniza e colore a cidade (diferentemente da pichação, que não costuma ser entendida como arte, por veicular palavras de protestos, assinaturas/tags e provocações entre grupos rivais, sem maiores preocupações estéticas).

Muitos podem preferir o cinza frio e sem graça dos muros e viadutos às cores vibrantes do grafite. Mas isso não afasta o seu caráter artístico –até porque a arte não precisa da aprovação unânime para ser arte.

Por essa razão, o grafite deve ter o seu lugar assegurado na cidade.

Mas o artista, cujo potencial criativo é ilimitado, é obrigado a conviver com certos limites legais quando a sua arte é o grafite, já que este interfere na estética urbana (interesse difuso) e na propriedade (interesse individual).

São os limites impostos pela Lei 9.605, dos Crimes Ambientais, de 1998, que, apesar de criminalizar a pichação, "absolve" o grafite. Diz a lei que não constitui crime a prática de grafite "realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística". O texto no entanto prevê que o artista respeite alguns requisitos.

O primeiro deles é, se for em imóvel privado, o grafite deve ser consentido pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem. Em caso de imóvel público, deve ter a autorização do órgão competente. Além disso, deve de observar as posturas municipais e as normas dos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

Neste último requisito foi que o grafite nos Arcos do Jânio enfrentou sua maior polêmica: apesar do Conpresp ter autorizado a intervenção, muitos alegaram que esta autorização foi dada em desacordo com as normas de proteção do patrimônio cultural, já que um bem tombado não comportaria tal intervenção. Mas isso é discussão para outro artigo.

A despeito do inegável caráter artístico do grafite, o ato de grafitar receberá o mesmo tratamento da pichação se for feito sem autorização do proprietário do imóvel, seja ele privado ou público, ou se desrespeitar as normas urbanísticas do município e aquelas voltadas à proteção do patrimônio cultural.

E que tratamento é esse? Prisão de três meses a um ano e multa penal, além de multa administrativa prevista em decreto de 2008, cujo valor pode variar de R\$ 1.000 a R\$ 50 mil. As sanções podem ser aumentadas se o ato for praticado em monumento ou bem tombado.

Sim, a necessidade de autorização impedirá o grafiteiro de escolher livremente o local em que estampará sua arte –o que tem sido alvo de inúmeros protestos, especialmente dos artistas, que enxergam esta exigência como uma barreira a sua liberdade de expressão.

Mas a cidade é de todos e, por isso mesmo, ninguém pode se apropriar dela na medida de seus exclusivos interesses. A cidade deve ser gerida de forma a proporcionar a convivência harmônica dos mais diversos e conflitantes interesses, o que significa, vez ou outra, atenuar o exercício de uns em para preservar outros.

Embora o poder público possa se valer da lei para coibir o grafite em locais não autorizados ou especialmente protegidos em virtude do seu valor cultural, não pode –pelo menos não deve– usá-la para constranger, desestimular ou confinar o grafite a apenas um ou outro bairro ou a meia dúzia de muros de nossa enorme cidade.

Há, portanto, que se esforçar para construir, em permanente diálogo com grafiteiros, muralistas e sociedade, uma política que proteja a paisagem urbana e, ao mesmo tempo, abrace o grafite e valorize a arte de rua. Assim, ela se tornará acessível aos artistas, que a criam, e a todos nós cidadãos, que a contemplamos e, a partir dela, passamos a habitar uma cidade mais viva, inclusiva e culturalmente rica.

ERIKA BECHARA é professora de direito ambiental da PUC-SP e sócia do Scazi Bechara Storlo Advogados, escritório parceiro do Prêmio Empreendedor Social

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/Ck8tf6>.

Em 21/01/2017, Monica Bergamo divulga mais um texto em sua coluna, figura 9. Nela, a jornalista traz o relato e uma foto do ativista Mundano, que limpou a tinta que foi passada por cima de uma pintura sua no Largo da Batata usando água e sabão. Segundo Monica, o artista afirma que estava aderindo o projeto *Cidade Linda*. A coluna traz ainda duas linhas de fala, onde o ativista afirma que só estava retirando o que ele chamou de maquiagem que censurava seu trabalho para mostrar a verdadeira beleza da cidade.

O texto de dois parágrafos traz também um subtítulo dizendo *linda para todos*, onde logo a baixo informa que o ativista convoca outros artistas a fazer o mesmo e em seguida traz uma fala da assessoria da prefeitura de São Paulo informando que a pintura no muro pichado no largo da Batata faz parte de um trabalho de zeladoria e que este seria apenas o início. Importante observar que enquanto o texto trata o trabalho de Mundano como uma pintura e o chama de ativista, a fala da prefeitura mostra que o órgão trata o trabalho como uma pichação. Essa é só uma das divergências de conceituação, entre prefeituras e praticantes do grafite e do pixo, apresentadas ao longo dos textos quando os dois lados são chamados para falar sobre o assunto.

No dia 22/01/2017 temos o segundo ato midiático de Doria sobre os grafites em São Paulo, figura 10. Sem autoria identificada, o texto é divulgado na editoria de *Cotidiano* e traz o episódio onde, por ordem do ex-prefeito João Doria, diversos grafites da avenida 23 de Maio foram apagados e substituídos por tinta cinza. A notícia não traz o número de painéis apagados, mas traz quantos foram mantidos, oito no caso.

De forma positiva, a notícia volta a afirmar que o ex-prefeito defende a criação de uma área na cidade para grafiteiros e muralistas e segue a baixo com uma lista de artistas que tiveram suas obras preservadas. O artista Mauro Neri tem um espaço na notícia onde, de forma negativa com relação as ações tomadas, fala sobre uma das suas obras apagadas. Além disso uma palavra do grafiteiro Enivo é buscada pela notícia, que também comentando de forma negativa sobre as obras apagadas. Ao final, um parágrafo onde a prefeitura se justifica afirmando que decidiu pela manutenção dos oito pontos de grafite após análise da *Secretaria de Cultura*, com falas do órgão, entre aspas.

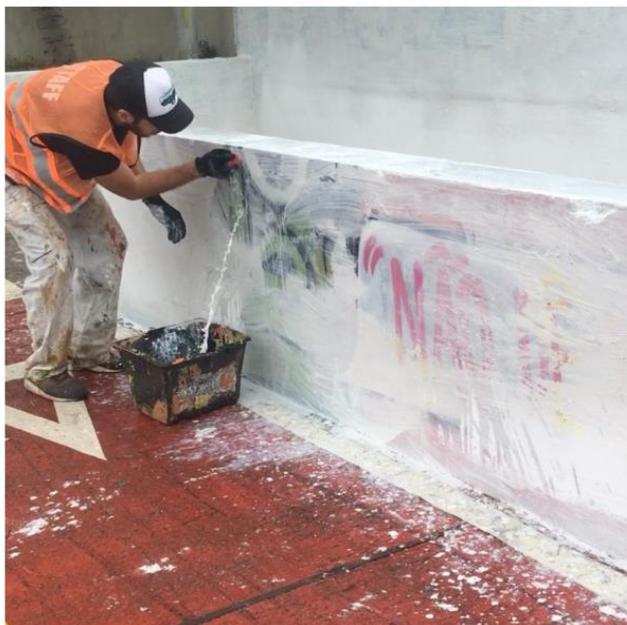
Figura 9 - Texto: Artista diz que lavou tinta que cobria grafites porque aderiu ao Cidade Linda
Linda

colunistas

mônica bergamo

Artista diz que lavou tinta que cobria grafites porque aderiu ao Cidade Linda

 mundano_sp
Seguir



21/01/2017 02h00

 Compartilhar     77  OUVIR O TEXTO  Mais opções

O artista e ativista Mundano, que [limpou](#) a tinta que foi passada por cima de uma pintura sua no largo da Batata usando só água e sabão, diz que "aderiu" ao projeto Cidade Linda, do prefeito João Doria (PSDB). E que sua atitude não é vandalismo nem tem a intenção de fazer guerra. "Apenas retirei a maquiagem que censurava meu trabalho para mostrar a verdadeira beleza da cidade", diz. A pintura tinha a frase: "Não dê vexame, SP não é Miami".

LINDA PARA TODOS

O ativista está convocando outros paulistanos a fazerem o mesmo. A prefeitura diz que a pintura executada "no muro pichado no largo da Batata faz parte do trabalho de zeladoria" e que "está apenas no início". "A continuidade do serviço, por conta da chuva intermitente, acontecerá nos próximos dias", afirma.

Leia a coluna completa [aqui](#). ★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/mtxZAq>.

Figura 10 - Texto: Doria passa tinta cinza e apaga grafites da avenida 23 de Maio

cotidiano dia mundial

Doria passa tinta cinza e apaga grafites da avenida 23 de Maio



Grafite coberto por tinta cinza na av. 23 de Maio

DE SÃO PAULO

22/01/2017 18h49

[f](#) Compartilhar
 [t](#)
[g+](#)
[in](#)
[e](#)
 < 24 mil
 [OUVIR O TEXTO](#)
[+ Mais opções](#)

Por ordem do prefeito João Doria (PSDB), diversos grafites da avenida 23 de Maio, em São Paulo, estão sendo apagados e substituídos por tinta cinza.

Apenas oito painéis serão mantidos na via, que era pintada em sua extensão, [conforme anunciou o tucano no último dia 14](#). Ele defende a criação de uma área na cidade para grafiteiros e muralistas.

Na lista das obras que serão preservadas, está um painel de Eduardo Kobra. Mauro Neri, autor de obras com a inscrição "ver a cidade", também estaria nessa relação, mas conta que também teve o trabalho apagado. "É triste ver tanto esforço menosprezado e desrespeitado", diz. Ele afirma, porém, acreditar que ainda é possível iniciar um diálogo com a prefeitura.



Parede de grafites pintada de tinta cinza na av. 23 de Maio

Para o também grafiteiro Enivo, a ação da prefeitura vai contra o slogan de Doria. "Se ele quer uma cidade linda, por que pintar tudo de cinza?", indaga. "O prefeito anunciou uma guerra contra a pichação, mas apagou os grafites. É uma contradição."

A prefeitura afirmou que decidiu pela manutenção dois oito pontos de grafite após análise da Secretaria de Cultura. "Os demais locais estavam deteriorados ou pichados, por isso tiveram que ser apagados", disse, em nota, a gestão Doria. "Para a Prefeitura de São Paulo, grafites e murais são sempre bem-vindos quando autorizados." ★★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/nCdfL2>.

Dia 23/01/2017 os grafites da avenida 23 de Maio continuam sendo notícia. Ainda na editoria de *Cotidiano* temos o texto escrito pelo jornalista Sidney Gonçalves do Carmo e Emilio Sant'Anna, editor-assistente da editoria de *Cotidiano*, figura 11. O texto começa introduzindo a fala do grafiteiro Juneca, com ele dizendo que as ações da prefeitura estão levando a cidade de volta para a época do prefeito Jânio Quadros, conhecido por ser um forte repressor das práticas do grafite e do pixo em sua época. Logo, realizando uma contextualização histórica explicando como era a administração da cidade por Jânio Quadros. Seguindo em frente, o texto também realiza uma contextualização sobre a situação da política de Doria quanto aos grafites e pichações da cidade, explicando sobre o programa *Cidade Linda*.

Importante ressaltar que no momento em que o texto fala sobre o programa *Cidade Linda* é citado a palavra combate se referindo diretamente a pichações, mas logo depois, no terceiro parágrafo, é citado o ocorrido nos Arcos do Jânio e, para isso, utiliza a palavra grafite, dizendo que o ex-prefeito Doria resolveu que a prefeitura iria apagar os grafites na área, logo em seguida retoma o que foi discutido na figura 4, que o local era alvo histórico de pichações, e que, por meio da administração do prefeito Fernando Haddad recebeu os grafites em 2015.

Podemos notar uma clara distinção entre grafite e pixo aplicada neste parágrafo. Essa distinção segue ao longo do texto. Nos parágrafos seguintes é falado então sobre os grafites na avenida 23 de Maio, e contextualizado que oito grafites foram mantidos, trazendo entre aspas uma fala dizendo os demais já estão envelhecidos ou foram mutilados por pichadores, não especificando aparentemente de quem seja a fala. Logo depois é comentado sobre as políticas que o ex-prefeito João Doria defende, como a criação de uma área na cidade para grafiteiros e muralistas, ou a instalação de câmeras de monitoramento em monumentos da cidade. Neste momento se inicia outro texto dando a notícia de que no dia 23 uma das paredes da avenida 23 de Maio amanheceu com marcas de tinta colorida. Este texto também se inicia com a fala do grafiteiro Juneca mostrando seu descontentamento com a medida do ex-prefeito de criar o *grafitódromo*.

O texto segue com a imagem de uma edição do jornal *Diário Oficial da Cidade*, de 4 de outubro de 1988, onde é dito na capa que os artistas Juneca e Bilão vão pichar a cadeia. Depois disso o texto explica que na gestão de Luiza Erundina, Juneca tornou-se grafiteiro e se dedicou a projetos sociais. Importante ressaltar o fato da matéria mostrar Juneca sendo repreendido por ser pichador em dado

momento e depois ao falar sobre o fato dele realizar projetos e oficinas culturais, diz que Juneca tornou-se grafiteiro, como se tivesse trocado a abordagem de suas obras para uma possível melhor aceitação da sociedade. O texto então segue com fala de outros artistas, como Sidnei Simon Otito, que segundo o texto, se mostra descontente com as ações de Doria e diz que ações do ex-prefeito incentivam a pichação ao retirar o grafite, além de boicotar as conquistas da arte urbana.

Ainda no dia 23/01/2017, temos o texto de Thaís Nicoleti para o Folha *Blog*, figura 12. Nele ela inicia dizendo que o título remete a última frase de uma nota da prefeitura de São Paulo para a Folha, que segundo ela propõe justificar a limpeza, utilizando aspas ao usar a palavra limpeza, dos muros da avenida 23 de Maio. Ela utiliza falas do grafiteiro Envio, já utilizada em um texto do dia 22/01/2017, figura 10, e logo depois realiza questionamentos e problematizações sobre a nota enviada para a Folha.

Nicoleti pergunta como conciliar o advérbio sempre, que indica permanência, com a oração quando autorizados, que indica uma circunstância restrita de tempo, termos retirados diretamente da nota enviada pela prefeitura. Sendo assim é possível identificar um tom de contrariedade às ações da prefeitura, dizendo ainda ao final do texto que é por essas e por outras distorções, que palavras de políticos valem muito pouco.

Figura 11 - Texto: 'Estamos voltando à época do Jânio', diz grafiteiro sobre medidas de Doria

cotidiano da manhã

'Estamos voltando à época do Jânio', diz grafiteiro sobre medidas de Doria



Após um período de obras, marca o retorno com marchas do Brasil na avenida 23 de Maio

EMÍLIO SANT'ANNA
 EDITORA ASSOCIADA DE 'COTIDIANO'
ROMY DONDALVES DO CARMO
 DE SÃO PAULO
 29/05/2017 09:12:16

[Facebook](#) [Twitter](#) [LinkedIn](#) [Google+](#) [Print](#) [Compartilhar](#) [Imprimir](#) [Enviar o texto](#) [Mais opções](#)

Trinta e um anos separam dois momentos "bem parecidos" vividos pelos grafiteiros e pichadores em São Paulo. "Estamos voltando à época do Jânio Quadros", afirma Juneca, 44, grafiteiro desde os 19.

O artista lembra que a repressão nos meados dos anos 1980, sob a administração do então prefeito Jânio, era intensa, assim como naquele o agora chefe do Executivo João Doria (PSDB), mas nem por isso o grafite e pichação deixaram de existir. "Pelo contrário, a repressão pode aumentar a vontade de fazer", diz.

Antes mesmo de tomar posse, o tucano anunciou seu programa municipal Arte Urbana, de combate à pichação, que integra o projeto de reatualização de Doria, batizado de *Tinta e Bilão*. O plano quer transformar pichadores em artistas por meio de oficinas integradas do programa.

Na esteira da medida, Doria resolveu que a prefeitura iria **apagar os grafites** na área conhecida como **Avenida do Jânio**, no centro da cidade. O local, alvo histórico de pichações, recebeu os grafites em 2008, após autorização da gestão do então prefeito Fernando Haddad (PT).

O mesmo aconteceu com os murais da avenida 23 de Maio. Doria resolveu manter apenas oito trechos grafitados - "os demais já estão envelhecidos ou foram molhados por pichadores", entre eles um painel de Eduardo Kobra.

Doria defende a criação de uma área na cidade para grafiteiros e muralistas. O tucano também anunciou a instalação de câmeras onde há monumentos e vigilância da GCM (Guarda Civil Metropolitana) para cobrar pichações.



Frente do grafite pintado na bela obra na av. 23 de Maio

MANCHA COLORIDA

Desde a semana passada, a gestão municipal começou a colocar a medida em prática e a cobrir com tinta cinza partes dos desenhos. A reação foi imediata. A coleta dos grafites cautiousa durante o fim de semana. Grafiteiros percorreram o corredor a pé no domingo para registrar "o estrago".

Nesta segunda (21), uma das paredes pintadas amarelo com manchas de tinta colorida. "Antes de criar um grafidromo, de [Doria] teria que investir em oficinas culturais. Nem todos os pichadores vão se tornar grafiteiros, mas podem se tornar raperos, adletras etc...", diz Juneca.

"A época do Jânio" era a mesma em que o hoje grafiteiro era pichador em São Paulo. Porque se tornaram artistas como ele, podem falar com tão bem sobre aquele período.

Na capa da edição de 4 de outubro de 1988, do "Diário Oficial da Cidade" o título era "Juneca e Bilão vão pichar a cadeia", com a reprodução de um dos célebres billetes de Jânio.



Ex-pichador Juneca 1 de 10

Após depois, já na gestão de Luiz Erundina, Juneca tornou-se grafiteiro e passou a se dedicar a projetos de oficinas culturais.

Agora, ele diz que o que os grafiteiros esperavam era serem ouvidos pela prefeitura antes dos desenhos começarem a ser removidos.

O sentimento do artista é o mesmo de boa parte dos grafiteiros de São Paulo. Para o grafiteiro Silvan Simão Otton, a ação de Doria está incentivando a pichação ao retirar o grafite, além de boicotar as conquistas da arte urbana.

"Foi meio equivocado. Doria está incentivando a pichação e desmotivando o pessoal que faz arte. Ele está ganhando mídia e deixando os pichadores mais influenciados, até mesmo os grafiteiros", diz Otton, que grafita desde os 12 anos.

Otton lembra que sua não é a primeira vez a última vez que apagou os grafites na avenida 23 de Maio. Ele lembra que o ex-prefeito Gilberto Kassab, em 2008, também apagou um mural de 680 metros na 23 de Maio.

"O grafite não é muito para agradar, mas, às vezes, agrada. Na época da pintura, eu percebia que os motoristas não gostavam nem um pouco. Acho que porque sabiam que estavam gastando muito."

Otton lembra que os artistas receberam dinheiro para realizar a intervenção urbana na avenida e que acha difícil que a gestão Doria queira investir para fazer novos grafites na região da 23 de Maio. ■ ■ ■

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/uefGRV>.

Figura 12 - Texto: “Grafites e murais são sempre bem-vindos quando autorizados”

☰
Thaís Nicoleti



Produzido por **Thaís Nicoleti de Camargo**, consultora de língua portuguesa da **Folha** e do UOL, blog discute questões e dá dicas para quem tem dúvidas no emprego da chamada norma culta.

[PERFIL COMPLETO](#)

SAP S/4HANA
+ SAP Analytics Cloud
INOVAÇÃO

23/01/2017 © 19:11 [OUVR O TEXTO](#) ... [f](#) [Compartilhar](#) [t](#) [g+](#) [in](#) < 543

“Grafites e murais são sempre bem-vindos quando autorizados”

POR THAÍS NICOLETI

O título acima é a última frase da nota enviada à **Folha** pela Prefeitura de São Paulo, na qual a administração se propõe justificar a “limpeza” dos grafites da avenida 23 de Maio, ora substituídos por tinta cinza.

Segundo o grafiteiro **Enivo**, a ação da prefeitura contraria o slogan do prefeito: “Se ele quer uma cidade linda, por que pintar tudo de cinza? O prefeito anunciou uma guerra contra a pichação, mas apagou os grafites. É uma contradição”.

Pode ser uma contradição ou pode ser uma questão de gosto. Talvez o prefeito ache mais bonita uma cidade cinza ou simplesmente talvez ele não aprecie o grafite como manifestação artística.

A contradição, no entanto, certamente está nos dizeres da nota: afinal, como conciliar o advérbio “sempre”, que indica permanência, com a oração “quando autorizados”, que indica uma circunstância restrita de tempo (ou mesmo uma condição)?

Os grafites são *sempre* bem-vindos ou os grafites são bem-vindos *quando autorizados* – não as duas coisas ao mesmo tempo.

A primeira parte do período é só simpatia (grafites são sempre bem-vindos), mas a segunda desmancha a primeira (bem-vindos desde que “autorizados”). É o velho malabarismo de dizer sem dizer ou de dizer uma coisa querendo dizer outra.

É por essas e por outras distorções que palavras de políticos, assim como as imagens produzidas em gabinetes e os exercícios de pirotecnia midiática, valem muito pouco.

Administrar uma cidade como São Paulo, com todas as suas tensões, é por certo muito mais complicado do que gerenciar a própria casa, onde imperam as próprias regras e o próprio gosto. A falta de sensibilidade não costuma dar bons frutos.



PORTUGUÊS
NA RUA

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/BcWqWE>.

O próximo texto divulgado, foi o primeiro do dia 24/01/2017, figura 13. É um editorial da Folha, sem fotos, e que deixa claro logo no primeiro parágrafo o que a Folha pensa sobre o pixo ao dizer que é consensual o sentimento de que pichações não passam de vandalismo. Logo depois, deixa claro o que pensa com relação ao grafite ao falar que o caso do grafite é divergente ao da pichação. Segundo o editorial o grafite é uma expressão artística que tem na cidade um de seus centros mundiais mais reconhecidos. O texto segue com afirmações sobre a conceituação da prática do grafite e do pixo e o que ele diz ser o padrão de bom gosto. Além disso é afirmado ainda que mesmo com reconhecimento de expressão artística algumas obras de grafites destoam deste padrão.

Ainda em um tom negativo com relação aos pichadores e um tom de certa forma positivo com relação ao grafite, o texto traz o descontentamento dos grafiteiros e o propósito da prefeitura de realizar as pinturas, deixando claro que os grafiteiros não foram consultados sobre a exclusão das obras. Logo depois finaliza falando ainda em um tom de defesa ao grafite, explica sobre os princípios políticos do ex-prefeito Doria e alega que ele realiza uma empreitada intervencionista contra aquilo que, segundo o editorial, torna a cidade de São Paulo mais alegre e interessante.

No mesmo dia 24/01/2017, figura 14, o jornalista José Simão, conhecido pelo humor característico de seus textos, lança em sua coluna um texto diferenciado dos demais textos analisados desde então. Ele controle uma narrativa como se estivesse construindo uma música. Dessa forma ele dá ênfase nas atitudes do ex-prefeito Doria com relação aos grafites. O texto ainda traz uma galeria onde é mostrado os trechos da avenida 23 de Maio pintados pela prefeitura e pichados logo depois. O texto segue utilizando essa forma de escrita humorada, mas não faz outras menções com relação aos grafites, apenas brinca com as roupas que o ex-prefeito usou em algumas ocasiões durante os atos em que participou do programa *Cidade Linda*.

Figura 13 – Texto: Cidade cinzenta

opinião

EDITORIAL

Cidade cinzenta

24/01/2017 02h00



Exceção feita aos adeptos mais radicais de uma estética alternativa, é consensual o sentimento de que pichações não passam de vandalismo. Mancham não apenas a propriedade particular e pública mas também um bem imaterial de uso comum, a paisagem urbana.

Bem diverso é o caso do grafite, expressão artística que tem na cidade de São Paulo um de seus centros mundiais mais reconhecidos.

Ainda que muitas obras destoem dos padrões de bom gosto e que outras tantas não se destaquem pela qualidade, todas contribuem para dar vivacidade e cor a uma metrópole identificada pelo que tem de hostil e de cinzento.

No intuito de marcar o início de sua gestão, o prefeito João Doria (PSDB) parece ter confundido o grafite e a pichação, a arte e o vandalismo. Ou, pelo menos, levou com tal zelo o combate a este último que terminou destruindo bens que cumpriria preservar.

Depois de fantasiar-se de gari, Doria surgiu vestido a caráter para a nova ação publicitária. De uniforme laranja, com máscara e equipamento de pressão, dedicou-se a cobrir de tinta cinzenta vários grafites da avenida 23 de Maio.

A atitude despertou imediata consternação por parte dos grafiteiros, que poderiam a justo título considerar-se vítimas de uma forma de vandalismo oficial.

A prefeitura esclarece que seu propósito era renovar um espaço recoberto por pichações que desrespeitavam as intenções originais de cada artista. Os autores das obras, contudo, não foram consultados –nem concordam com a decisão, tingida de arbítrio, que Doria anuncia.

A saber, a de que locais especiais serão reservados para esse tipo de arte, não mais sendo permitida sua presença em toda a extensão da avenida. Qual o motivo da regra? Por que decidir, ademais, que alguns grafites já existentes estão livres da caiação da prefeitura?

João Doria, como se sabe, defende princípios liberais na economia e na política; como prefeito, entretanto, lança-se numa empreitada intervencionista e censória contra uma das poucas coisas que, pela espontaneidade criativa, tornam a cidade de São Paulo mais alegre e interessante de ver. ★★



Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/n5eM54>.

Figura 14 – Texto: SP! Projeto Cidade Cinza!

colunistas

josé simão

SP! Projeto Cidade Cinza!

24/01/2017 @ 23h46

Compartilhar

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!

Hoje! Aniversário de São Paulo! Sob nova direção: sai o prefeito Vila Madalena e entra o prefeito shopping JK! E São Paulo foi fundada há 463 anos e afundada na última enchente!

São Paulo Cidade Linda: [tinta cinza sobre grafite!](#) E qual é o filme do Doria? "Cinquenta Tons de Cinza!"

Rarará!

E o Kibeloco: Doria pinta de cinza a Capela Sistina. Doria pinta de cinza o arco-íris. Doria pinta de cinza quadro de Romero Britto! O Doria vai pintar de cinza a tatuagem do meu primo. Rarará!

Pior é o tom: cinza presidio. Qual a cor da sua cidade? Cinza Presídio!

Rarará!

O cinza da 23 de Maio 10 de 14



E o que o Haddad fez contra as enchentes? NADDAD! E o que o Doria vai fazer contra as enchentes? Pintar de cinza!

Rarará!

E São Paulo parece a capital do Líbano: Haddad, Kassab, Skaf, Maluf e Alckmin. São Paulo é a capital da gastronomia: todo mundo come todo mundo.

São Paulo leva macarrão a sério: agnolotti com mascarpone e shitake e shimeji!

E São Paulo tem tanto gay que devia se chamar São Paula!

E São Paulo tem tanta peça, tanto show e tanto filme que você não fica em casa por falta de opção, mas por excesso de opção. "Oba, vou ficar em casa".

E o Doria já se fantasiou de gari, de pedreiro e de cadeirante. Fantasias de fim de semana! Em São Paulo, carro paga IPTU. Bem imóvel!

E São Paulo tem nigeriano, haitiano e boliviano e coreano. E japonesa bunduda! E tem coxinha que chama ciclista de comunista! E paulista gosta de delivery e de esfiha com Fanta Uva! Rarará!

E São Paulo é um vício. Não troco São Paulo por nenhum paraíso. "Quer morar em Bali?". "NÃO! Quero morar em São Paulo cheirando gasolina." Rarará!

Nóis sofre, mas nós goza.

Hoje só amanhã!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno! ★★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/yBDq1G>.

No dia 25/11/2017 se inicia o tempo de maior repercussão do assunto grafite, pixo e ações da prefeitura de São Paulo com relação a isso. Só nesse dia o assunto recebeu quatro textos e uma galeria, seguido por quatro textos sobre no dia 26/11/2017, quatro textos sobre no dia 27/11/2017, um texto e uma galeria no dia 28/11/2017, e no dia 29/11/2017, também quatro textos e uma galeria. Essa repercussão vai até o dia 30/01/2017, quando o assunto já começa a não receber mais tanta visibilidade por parte do portal, voltando a receber a média, comum no início do mês, de apenas um texto por dia.

Neste dia 25, foi divulgado a notícia, figura 15, na editoria de *Cotidiano*. O texto de autoria dos jornalistas Juliana Gragnani e Silas Martí, inicia com uma galeria onde mostra uma flor de ferro instalada na Cidade Jardim, zona oeste de São Paulo. Logo depois o texto se inicia com uma espécie de crítica a estética e mudanças realizada pelo ex-prefeito João Doria, junto ao projeto *Cidade Linda*. Os autores criticam esculturas colocadas na praça Cidade Jardim, zona oeste, de São Paulo.

Em seguida o texto traz a fala da artista Olivia Lambiasi, autora das esculturas e aborda o grafite como forma de corroborar a crítica, dizendo que essa limpeza apareceu de forma mais contundente nas paredes do corredor da 23 de Maio. É então que o artista Gustavo Cortelazzi é citado. Como um dos artistas que teve uma de suas obras apagadas na avenida ele afirma no texto que não acha fim do mundo o desenho dele ter sido apagado, mas que acredita que foi perda de tempo o ex-prefeito ter feito o que fez.

O texto traz também novamente falas do grafiteiro Mundano, que também criticou a atitude do ex-prefeito, e falas do professor da faculdade de arquitetura e urbanismo da *Universidade de São Paulo*, Álvaro Puntoni, que finalizou o texto afirmando que o ex-prefeito de São Paulo é contraditório ao defender ações de zeladoria e ao mesmo tempo não se comprometer com as ações realizadas pela prefeitura.

Ainda no dia 25/01/2017 a editoria de *Cotidiano* divulgou uma notícia de autoria da jornalista Juliana Gragnani, figura 16. O texto enfatiza em seu primeiro parágrafo que os muros do *Estádio do Pacaembu* amanheceram pichados com a frase chora doria. Trazendo em seguida duas imagens ilustrando os muros com a frase pichada.

O texto segue falando que a intervenção foi postada em uma conta no *Instagram*, mas que antes das duas horas da manhã já havia sido apagada pela

prefeitura. Importante salientar que além da palavra pichação ser utilizada para denominar o ato, a palavra intervenção também foi usada, termo que, em nenhum dos outros textos, foi utilizado para denominar as pichações em protesto as ações do ex-prefeito João Doria. Logo depois o texto realiza uma contextualização destas pichações, dizendo que essa foi ao menos a segunda pichação contra Doria feita naquele dia.

O texto traz também a mesma galeria divulgada na notícia do dia 24/01/2017, figura 14, ilustrando as pichações realizadas naquele dia na avenida 23 de Maio. Logo depois, o texto fala sobre o fato de que as ações do ex-prefeito iniciaram uma polemica nas redes sociais, entre críticos e apoiadores dele mesmo. Em seguida, fala sobre o programa municipal *Arte Urbana*, trazendo falas de Doria sobre o assunto e dizendo que o ex-prefeito pretende transformar pichadores em artistas por meio de oficinas integrantes do programa. Importante notar a citação aos pichadores como novamente artistas que necessitam mudar sua abordagem. Ao final o texto explica que a ideia do *grafitódromo* seria inspirada em uma ação realizada em *Wynwood*, um distrito de Miami, nos Estados Unidos.

Figura 15 - Texto: Sob Doria, paisagem recebe flor de ferro, banco de árvore e muro cinza

cotidiano da mundial

SD. 463

PROGRAMAÇÃO | SÃO PAULO 360° | OLHARES DE SÃO

Sob Doria, paisagem recebe flor de ferro, banco de árvore e muro cinza

Intervenções em praças 1 de 5



JULIANA GRAGNANI
SILAS MARTI
DE SÃO PAULO

25/01/2017 02:09

Compartilhar

1,2 mil

OLHAR O TEXTO

Mais opções

A cidade linda do prefeito João Doria (PSDB) inclui gigantes flores vermelhas de ferro, com detalhes em branco, amarelo, azul e rosa. Borboletas brancas adornam as peças instaladas na praça Cidade Jardim, zona oeste de São Paulo.

Na avenida Nove de Julho, a cerca de 800 metros da casa do tucano, bancos do designer Hugo França, feitos com troncos de árvores, foram colocados no canteiro central –inacessíveis a pedestres.

Segundo Olívia Lambiasi, pintora das flores, Doria “supergostou” das esculturas, cara da nova paisagem que conseguiu a tomar forma na capital paulista desde a posse do prefeito, que detonou ainda uma disputa pelos muros com pichadores e grafiteiros.

Essa modificação da paisagem paulistana, que divide opiniões, também enfrenta impasse legal. As flores de ferro e os bancos foram instalados sem uma análise prévia.

Uma resolução municipal exige que “intervenções urbanas com exposição temporária de conjunto de esculturas em logradouro público” passem previamente por aprovação da Comissão de Proteção à Paisagem Urbana, ligada à Secretaria de Urbanismo e Licenciamento e formada por membros da sociedade civil e da prefeitura.

Segundo a gestão Doria, como as esculturas foram doadas “sem contrapartida”, um processo administrativo foi aberto e seu extrato será publicado no “Diário Oficial” “após as análises formais necessárias e dentro do prazo legal”. A assessoria de imprensa do prefeito regional de Pinheiros, Paulo Mathias, diz que “a avaliação é posterior”.

Regina Monteiro, integrante da comissão e idealizadora do Cidade Limpa, que restringiu publicidade na gestão Kassab, discorda. “Nenhum chefe de executivo está acima da lei. Mobiliário urbano tem que passar pela comissão.”

‘FAXINÃO’

Lambiasi, a pintora das flores, afirma que o prefeito aceitou de imediato a doação. Suas esculturas foram mostradas pela primeira vez no parque Ibirapuera, no ano passado. Até então, essa paulistana de 22 anos, sem trânsito pelo establishment artístico, era conhecida por customizar bolsas de grife com suas cores “alegres”.

Na visão dela, Doria faz algo semelhante no espaço público. “A cidade estava precisando de alguém que viesse e fizesse um ‘faxinão’”, diz Lambiasi. “Nossa cidade está ficando mais harmônica, mais limpa, mais gostosa de viver.”

No caso das flores, a intervenção foi fruto de parceria entre a Omint, empresa de odontologia filiada ao grupo Lide, fundado por Doria, e a Farah Services, que mantém 15 praças em São Paulo.

As esculturas foram projetadas por Mariana Farah, filha do presidente da empresa, Michel Farah. Segundo Mariana, as famílias Farah e Doria não se conhecem.

Um decreto publicado pela prefeitura nesta terça (24) flexibiliza as regras para que empresas adotem praças na cidade em troca de publicidade. Agora, empresas intermediárias, como a Farah Services, terão mais facilidade para cuidar desses espaços.

GRAFFITE

Essa limpeza apareceu de forma mais contundente nas paredes do corredor da 23 de Maio, que foram pintadas de cinza pela gestão Doria. Nesta terça, por volta das 12h, pichadores escreveram o nome de “Doria” 12 vezes em sequência. Às 15h30, a parede já havia sido limpa.

O tucano defende a criação de um “grafitódromo”, área específica para grafiteiros e muralistas. Diz aprová-los “quando autorizados”.

Autor de um longuíssimo peixe grafitado na horizontal em um dos painéis da avenida, Gustavo Cortelazzi, 32, diz que não é “o fim do mundo” que seu desenho tenha sido apagado como foi nesta semana. “Vejo a pintura que eu faço como uma coisa passageira”, diz. “Mas acho que foi perda de tempo do prefeito mandar apagar os grafites.”

O grafiteiro e ativista Mundano, que classificou as ações de Doria como uma “romerobritização” da cidade, em referência ao artista que é amigo do prefeito, acha que ele “está querendo impor seu gosto pessoal, pintando a cidade de cinza”. “O que é arte para ele não é arte para outro.”

“Ele, que dirigiu a Embratur, deveria promover o grafite. Essa é uma marca que a cidade já tem e que traz benefícios”, diz Baixo Ribeiro, dono da galeria Choque Cultural, pioneira no mercado da arte de rua no país. “Seria mais favorável que ele fizesse uma consulta à população”, diz o arquiteto Ciro Fronsini, diretor da Escola da Cidade.

Na visão de Álvaro Puntoni, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, o novo prefeito pode estar “secrevendo certo por linhas tortas”. “Toda ação de zeladoria sobre o espaço público é bem-vinda porque São Paulo quase não tem isso. A gente precisa deixar a cidade mais bonita.”

★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/S29215>.

Figura 16 - Texto: Pichadores escrevem 'Chora, Doria' em letras gigantes no muro do Pacaembu

cotidiano de domingo

Pichadores escrevem 'Chora, Doria' em letras gigantes no muro do Pacaembu



Pichação 'Chora, Doria' no estádio de Pacaembu, em São Paulo

JULIANA GRADNANI
DE SÃO PAULO

25/05/2017 @ 02h14

que pode ser

Compartilhe

Antes que São Paulo amanhecesse em seu aniversário com uma pichação gigante mandando seu prefeito chorar, a gestão João Doria (PSDB) mandou apagar mais uma manifestação contra ele.

Na noite desta terça (24), os muros bege do estádio do Pacaembu receberam grandes quantidades de tinta preta formando a expressão "Chora, Doria". As letras, com ao menos cinco metros de altura, se estendiam do solo ao topo do muro.

O resultado foi publicado em uma conta de Instagram sobre pichação por volta das 23h desta terça (24). Na madrugada desta quarta (25), se ch, a intervenção já havia sido apagada – restava o "A", última letra de "chora", em uma porta de madeira.



Foto da pichação 'Chora, Doria' no estádio do Pacaembu, apagada na noite desta quarta

Foi ao menos a segunda pichação contra Doria feita nesta terça (24) na cidade. No início da tarde, um trecho de 23 de maio teve seu nome pichado 12 vezes em sequência. Três horas depois, a parede já tinha sido limpa novamente.

Esta *poesia do spray* em São Paulo é uma resposta à campanha do prefeito contra pichação – atividade que pode ser enquadrada como dano ao patrimônio ou crime ambiental – e à eliminação de grafites na 23 de maio, onde essas obras compunham desde 2013 um painel de 5,4 km de extensão, segundo a gestão Fernando Haddad (PT).

A remoção dos grafites da 23 de maio, medida que começou na semana passada, provocou reação da população. Aí, o prefeito afirmou que mantencé oito trechos grafitados – "os demais já estão envelhecidos ou foram mutilados por pichadores", disse.

Há grafiteiros que defendem apagar periodicamente esses murais para dar espaço à renovação. Outros, como o grafiteiro Mundano, 30, classificam como um equívoco a decisão de apagar os grafites da via. "Uma cidade linda não é uma cidade cinza", diz Mundano, em referência ao nome do programa de reabilitação urbana de Doria. "Sou contra uma cidade monocromática, caçada". No fim de semana, um grupo de ativistas fez uma caminhada pela via, registrando os grafites que ainda restam ali.



O cinza da 23 de Maio

7 de 14

A pressão contra a pichação, por outro lado, não gerou reação da sociedade civil. Entre os pichadores, porém, as declarações de Doria contra a atividade funcionou como um desafio, incitando mais intervenções. Pichadores ouvidos pela **Folha** há duas semanas disseram que os anúncios de Doria lhes davam mais vontade de pichar as paredes da cidade.

Em um edifício no terminal Bandeira (centro de São Paulo), um rapaz de 33 anos da "família" Tetas pichou "Doria, pinto é arte". Ele diz que aquilo "não foi para atacar". "Queria expor para ele que por mais que seja vista como poluição visual aqui, lá fora a pichação é vista como arte", diz, admitindo que não gostaria de ter a casa pichada, "mas seria que acalmar". Outros pichadores dizem que a pichação é vandalismo e uma forma de expressão de uma parcela da população, "que não provoca, mas denuncia a degradação da cidade", segundo outro integrante do grupo Tetas.

Na zona leste, o grafiteiro Toshiro, 33, pintou um Doria vestido de garç, varrendo a pichação para debaixo do tapete e dizendo: "Isso não é arte! Romero Britto é top!".

'GRAFITÓDROMO'

A gestão Doria quer criar uma espécie de "grafitódromo", com café, loja e um espaço de convivência para oficinas, segundo o secretário de Cultura, André Sturini. Ele diz estudar locais na Mooca (zona leste) e na Sé. "Será um local para aprender técnicas, de referência", diz.

A ideia é inspirada em Wynwood, em Miami, distrito onde galerias se estabeleceram após uma onda de gentrificação. ★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/jYJhik>.

Já a terceira notícia do dia 25/01/2017, figura 17, traz um texto também da jornalista Juliana Gragnani, na editoria de *Cotidiano*. Ela inicia utilizando a palavra ataque para denominar uma ação de pichadores contra o ex-prefeito João Doria em um mural feito pelo artista Eduardo Kobra, na avenida 23 de Maio. No segundo parágrafo ela afirma que a campanha do ex-prefeito é contra pichadores dizendo que a decisão de apagar o painel de grafites feitos em 2015 na avenida reacendeu a *Guerra do Spray* em São Paulo. Sendo assim, este texto marca a primeira vez que o termo *Guerra do Spray* é mencionado algum texto desta análise.

No terceiro parágrafo ela cita que o mural pichado do artista Kobra, era um dos murais que Doria defendia a permanência na avenida e em seguida descreve o pixo realizado por cima deste mural. Logo depois, o texto termina com uma contextualização sobre o que ele mesmo coloca como programa municipal de combate à pichação.

No dia 25/01/2017, figura 18, é divulgada uma galeria com um total de 14 fotos, todas já vinculadas a algumas notícias do portal, sendo 12 delas sobre as pichações realizadas contra os atos do ex-prefeito João Doria e duas do ex-prefeito uniformizado de gari, apagando os muros da avenida 23 de Maio. As legendas das fotos com as pichações informavam a localização de cada uma, enquanto a legenda das duas fotos do ex-prefeito apagando os grafites, cita que aquilo fazia parte do projeto *Cidade Linda*.

Figura 17 - Texto: Grafite de Kobra na avenida 23 de Maio é pichado com rosto de Doria

cotidiano diário municipal

Grafite de Kobra na avenida 23 de Maio é pichado com rosto de Doria



Mural do artista Kobra na avenida 23 de Maio amanhece pintado com tinta cinza

JULIANA GRAGNANI
DE SÃO PAULO
25/01/2017 @ 12h56

Compartilhar        2,9 mil COMO O TEXTO Mais opções

Em mais um ataque de pichadores contra o prefeito João Doria (PSDB), um mural feito pelo grafiteiro Eduardo Kobra, na avenida 23 de Maio, foi pintado de cinza nesta quarta (25), em alusão à decisão do prefeito de eliminar trechos inteiros dos grafites na via.

A campanha de Doria contra pichadores e, na semana passada, sua decisão de apagar o gigante painel de grafites feitos em 2015 na avenida 23 de Maio, reacendeu a "guerra de spray" em São Paulo.

O mural de Kobra, um retrato em preto e branco que Doria sempre destacava como um dos que permaneceriam na avenida, teve um trecho pintado por cima com uma tinta cinza. Um lambê-lambê que retrata Doria segurando um compressor foi colado à parede, como se ele estivesse apagando o grafite. A Folha tentou entrar em contato com Kobra, sem sucesso.

O cinza da 23 de Maio 4 de 14



Há duas semanas, Doria de fato segurou um compressor em mãos e apagou pichações na via, pintando-as de cinza. Durante a semana passada, funcionários da prefeitura pintaram de cinza trechos de grafite da avenida 23 de Maio, gerando reação da sociedade civil. O prefeito anunciou que manterá apenas oito trechos grafitados ali – "os demais já estão envelhecidos ou foram mutilados por pichadores", disse.

PICHAÇÕES

Nos últimos dias, pichações contra Doria se espalharam por São Paulo.

Na noite desta terça (24), [muros do estádio do Pacaembu foram pichados com letras enormes](#), formando a expressão "Chora, Doria". A pichação foi apagada em poucas horas.

Durante o dia, o grafiteiro Iaco havia escrito "respeito" e "Doria" [12 vezes em sequência em uma parede da av. 23 de Maio](#). Essa intervenção também foi apagada em poucas horas.

Antes disso, um pichador da família "Telas" havia escrito, em um prédio próximo à prefeitura: "Doria, 'pixo' é arte". Essa pichação segue ali.

'CIDADE LINDA'

Antes mesmo de tomar posse, o tucano anunciou seu programa municipal de combate à pichação, que integra o [projeto de zeladoria de Doria](#), batizado de Cidade Linda. O tucano quer transformar pichadores em artistas por meio de oficinas.

Ao anunciar essas medidas contra pichadores em São Paulo e a criação de um "grafitódromo" onde o grafite será autorizado, Doria chegou a dizer que Kobra coordenaria o programa Arte Urbana, que ajudaria a transformar pichadores em grafiteiros.

Kobra, no entanto, [desmentiu o prefeito](#), dizendo que jamais havia sido convidado para o cargo e que, se tivesse sido, o recusaria. "Comecei na pichação, minha origem é na periferia. Tenho vários amigos pichadores. Jamais vou me envolver com algo que seja contrário a qualquer manifestação de arte na rua. Não tenho nada a ver com isso, se não estaria indo completamente contra as minhas origens", afirmou.

Diante da repercussão com a negativa do artista, Doria admitiu à **Folha** que o classificou inadequadamente como "coordenador" do programa, quando o correto seria uma espécie de "curador", com sugestões eventuais e até à distância sobre as ações.

O tucano também anunciou que a prefeitura irá apagar os grafites na área conhecida como Arcos do Jânio, no centro da cidade. O local, alvo histórico de pichações, recebeu os grafites em 2015, após autorização da gestão do então prefeito Fernando Haddad (PT).

Ele também anunciou a instalação de câmeras onde há monumentos e vigilância da GCM (Guarda Civil Metropolitana) para cobrir pichações.

★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/c8A4r9>.

Figura 18 – Galeria de fotos: O cinza da 23 de Maio

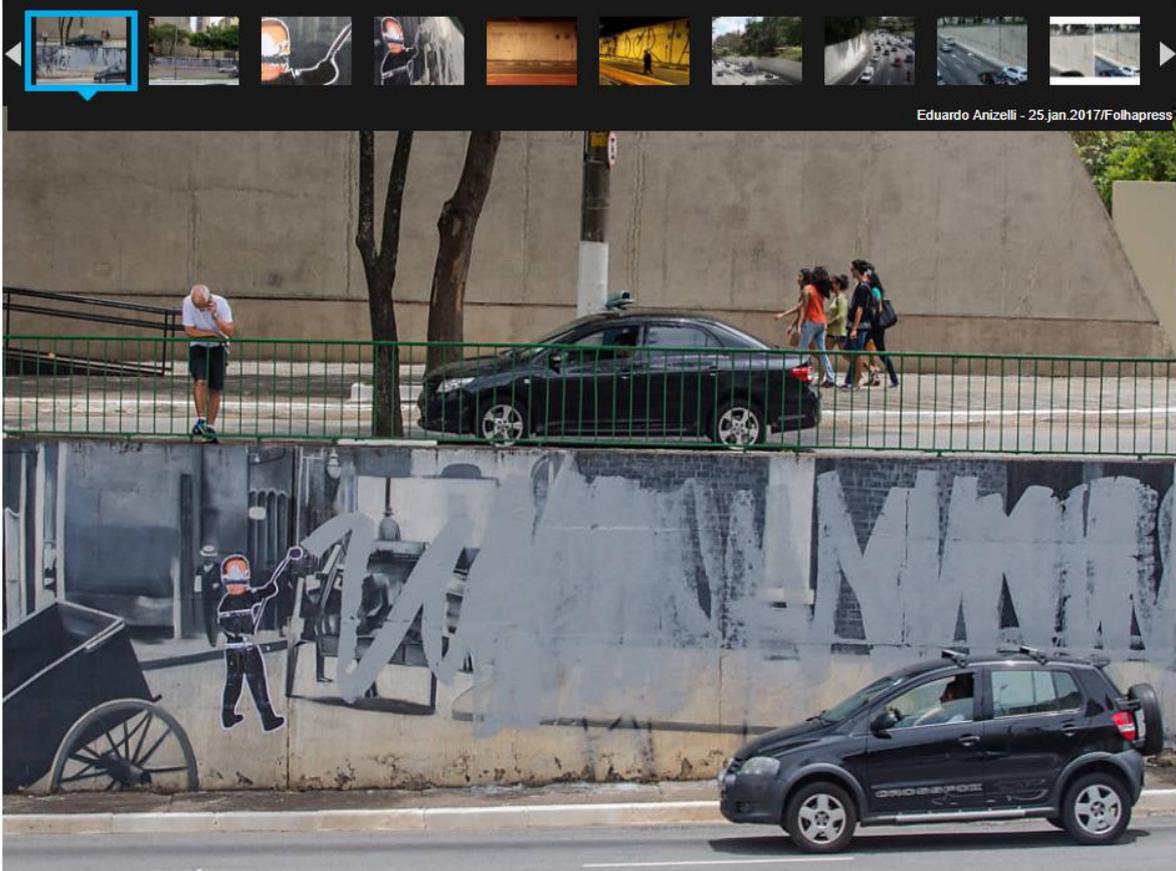
foto cotidiano EDITORIA **TODAS** CATEGORIA **TODAS**

O cinza da 23 de Maio

Programa Cidade Linda pinta grafites e pichações da avenida 23 de Maio

25/01/2017 © 13h00

Compartilhar      0 + Mais opções



Eduardo Anizelli - 25 jan.2017/Folhapress

Mural do artista Kobra na avenida 23 de Maio amanhece pintada com tinta cinza

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/Gp9Gxw>.

Último texto divulgado sobre o assunto no dia 25/01/2017, figura 19, também é de autoria de Juliana Gragnani, com a participação do jornalista Rodrigo Russo. Neste texto é discutida a fala do ex-prefeito Doria, que segundo a notícia defendeu que fosse dada uma multa aos pichadores, chamados por ele no texto de agressores e destruidores. O texto tem em um primeiro momento a galeria com as 14 imagens já divulgada previamente neste mesmo dia 25/01/2017, figura 17, e inicia contextualizando que no aniversário da cidade, São Paulo amanheceu com pichações e protestos contra o ex-prefeito. Logo depois, contextualiza e retoma o termo guerra do spray para se referir aos inúmeros atos contra as ações do ex-prefeito João Doria a respeito dos grafites e pichações em São Paulo. Em nenhum momento deste texto o termo é explicado, apenas contextualizado.

Logo depois destas contextualizações, o assunto central da matéria que é a notícia de protestos realizados durante a cerimônia de aniversário da cidade, na *Catedral Metropolitana de São Paulo*. Neste momento há um parágrafo que explica que jovens estiveram no local com cartazes que perguntavam, *Cidade Linda para quem?* E junto, traz a notícia da prisão do jornalista Pedro Amaral Souza, que segundo o texto, pintou na época, de vermelho, uma estátua da catedral. Com o título de *Porcaria*, o texto final traz a pichação no *Estádio Pacaembu*, mostrada em outro texto do mesmo dia, figura 16. Em seguida, afirma que os mesmos pichadores escreverem Doria Bafo no *Museu Brasileiro da Escultura* e ao lado escreveram, o que a notícia afirma ser, as iniciais referentes a este grupo de pichadores.

O texto não busca nenhum dos autores das pichações como fonte, mas abaixo traz a fala de Otávio e Gustavo Pandolfo, que, entre parênteses, a notícia diz ser dois grafiteiros conhecidos pelo apelido de *Os gêmeos*. O texto enfatiza que eles são autores de renome com obras valorizada no mercado da arte e apresenta uma fala deles dizendo que consideraram ter havido desrespeito com a arte ao abordarem as ações da prefeitura na avenida 23 de Maio. Para finalizar o texto busca também uma fala de Doria dizendo que pretende estabelecer uma multa pesada aos artistas que pintarem sem autorização.

No dia seguinte, 26/01/2017, é divulgada a coluna da jornalista Mariliz Pereira Jorge, figura 20. Ela inicia o texto dizendo que não se fala em outra coisa daquilo que ela coloca como grafite que virou cinza, em seguida, ironiza ao dizer que no Rio, a programação de verão continua de vento em popa e dá exemplos como arrastão, bala perdida e cidadãos aposentados falindo. Ela segue nessa linha, fazendo uma

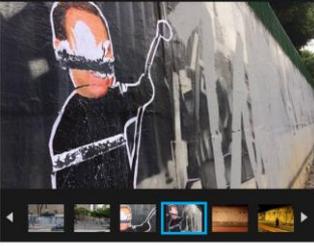
espécie de comparativo entre os problemas de administração da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Ela volta a falar sobre grafite ao final do texto onde diz que acha linda ter uma cidade melhor, seja ela mais colorida ou mais cinza, mais impessoal ou mais humana. A coluna possui uma galeria já analisada anteriormente, figura 18.

Figura 19 - Texto: 'São agressores, são destruidores', diz Doria sobre pichadores após ataque.

cotidiano da mundial

'São agressores, são destruidores', diz Doria sobre pichadores após ataque

O cinza da 23 de Maio 4 de 14 < >



JULIANA GRAGNANI
RICARDO NUSSO
DE SÃO PAULO
25/01/2017 0 14h06 - Atualizado às 23h28

[Compartilhe](#) [Twitter](#) [Facebook](#) [LinkedIn](#) [Google+](#) [Imprimir](#) [Compartilhe](#) [Mais opções](#)

Em seu aniversário, São Paulo amanheceu com pichações e protestos contra o prefeito João Doria (PSDB), que respondeu endurecendo o tom contra pichadores e defendendo "multa pesada" para eles — quem chamou de "agressores" e "destruidores".

A "guerra do spray" teve início após o tucano dizer que faria uma campanha contra pichação, e tomou corpo na semana passada, com o anúncio de que a prefeitura apagará grafites do corredor 23 de Maio — onde antes eles formavam um painel contínuo de 5,4 km de extensão.

Pela manhã, parte do mural de **Eduardo Kobayashi** (artista frequentemente elogiado pelo prefeito) na avenida 23 de Maio, um retrato antigo da cidade em preto e branco, foi pintado de cinza — uma alusão à decisão do prefeito. Um lambe-lambe com Doria segurando um compressor foi colado à parede, como se ele fosse responsável pela tinta cinza apagando o grafite.

Doria havia apagado pichações na via duas semanas atrás, pintando-as de cinza, como parte de seu programa de zeladoria urbana. O apagamento de grafites da via foi feito na semana passada — o prefeito disse que só oito trechos seriam mantidos porque "os demais estavam envelhecidos ou mutilados por pichadores".

Na terça-feira (24), um dos trechos que haviam sido pintados de cinza foi utilizado pelo grafiteiro Iaco para escrever a palavra "respeito" e o **nome de Doria 12 vezes seguidas**. Em poucas horas, o protesto foi apagado.

SÉ

Além de manifestações em outros muros, houve protesto na cerimônia de aniversário da cidade, na catedral da Sé. Um grupo de dezenas de jovens foi ao local dizendo que Doria pratica uma "política higienista". Em uma faixa, questionavam: "Cidade Linda para quem?", em referência ao [programa de zeladoria do tucano](#). No local, havia ainda taxistas pró-Doria.

Os manifestantes contrários jogaram garrafas no Audi usado pelo prefeito. O motorista acelerou o carro, rasgando uma faixa do protesto.

Mais cedo, a polícia deteve o jornalista Pedro Amaral Souza, 26, por pintar de vermelho uma estátua do apóstolo Paulo, contra a qual também arremessou ovos. Ele é filho do diretor-geral do Instituto Rio Branco, José Estanislau do Amaral Souza Neto (que, procurado, não se manifestou).

Segundo o boletim de ocorrência, ele disse se tratar de "intervenção artística" e protesto "contra diversas ações políticas", "principalmente contra o prefeito". O jornalista foi liberado depois de assinar termo circunstanciado.

'PORCARIA'

Na noite anterior e até a madrugada de quarta (25), uma pichação gigante estampava o [muro do estádio do Pacaembu](#), dizendo "Cheia, Doria". As letras, que se estendiam do solo ao topo do muro, com ao menos cinco metros de altura, foram apagadas.

Os mesmos pichadores fizeram inscrições gigantes no Mube (Museu Brasileiro da Escultura) com as iniciais de sua "família" (como é chamado um grupo de pichadores), ao lado da frase "Doria bafo".

Os paulistanos Otávio e Gustavo Pandolfo (a dupla de grafiteiros conhecida como "Os gêmeos") fizeram uma pintura em homenagem à cidade de São Paulo no seu 46º aniversário. Autores de obras valorizadas no mercado, consideraram ter havido "desrespeito para com a arte". A ciclovía da avenida Sumaré, na zona oeste, foi pichada com xingamentos dirigidos a Doria.

Em resposta, o tucano afirmou que pretende discutir com a Câmara Municipal a criação de uma lei para penalizar os pichadores. "São agressores, são destruidores. Não vamos fraquejar contra os pichadores. Ou mudam de profissão ou mudam de cidade."

Doria afirmou que, no projeto de lei que discutirá com os vereadores, quer uma "multa pesada". Aqueles que não puderem pagá-la precisarão usar tinta e pincel "para limpar a porcaria" que tenham feito, segundo ele. ★★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/dFTqfD>.

Figura 20 - Texto: Que inveja eu tenho do paulistano

colunistas

mariliz pereira jorge

Que inveja eu tenho do paulistano

O prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB), é abraçado pelo prefeito do Rio, Marcelo Crivella (PRB)

26/01/2017 02:00

Compartilhar

Não se fala em outra coisa: São Paulo. Sobre o grafite que virou cinza. O limite de velocidade das marginais. As filas dos hospitais. O futuro dos sem-teto. O kit Unilever. A favor ou contra, é só no que se fala nas minhas redes sociais que são predominantemente formadas por paulistanos (por ter morado na cidade durante 16 anos), cariocas (por fixar residência no Rio há quase cinco anos) e paranaenses (minha terra natal).

No Rio, a programação de verão continua de vento em popa. Arrastão, bala perdida, aposentado falido, reza na prefeitura, mas o que a gente tem curtido discutir mesmo é se grafite é arte. Enquanto isso morre mais uma criança atingida por bala perdida. A 18ª em dois anos.

A gente se acostuma com bala perdida. Bala perdida no dos outros é refresco. Bala perdida do outro lado do morro é default. Desse lado do morro, onde o Rio é a cidade mais linda do mundo, a gente discute se grafite é arte, se a marginal pode ser mais rápida, se precisa de mais ciclovias. Ciclovias em São Paulo, que fique claro. A ciclovias mais bonita do mundo, aquela do legado da Olimpíada, continua fechada, desconstruída. Saldo: dois mortos. Ninguém mais fala disso. Aqui a gente discute o que faz com os mendigos. Com os mendigos de São Paulo.

Só pode ser fuga da realidade. Negação do caos. Desesperança.

E eu digo uma coisa: tenho inveja do paulistano. Porque São Paulo está cheia de problemas ruins, mas vários outros muito bons para resolver. Tenho inveja do paulistano nascido e do paulistano criado. Porque todo mundo que vai morar em São Paulo torna-se filho daquela cidade. Todo mundo que mora lá bebe litros daquele caldeirão multicultural. Todo mundo que chega de mala e cuia sente-se um pouco dono, um pouco mãe, um tanto filho, depois de tanto apanhar, de ser explorado e maltratado pela cidade.

São Paulo é a experiência mais violenta e eficaz para alguém aprender o que é o mundo só de pegar o metrô da Sé ou passar o domingo na feirinha da Liberdade.

A gente amadurece dez anos em dois. A cidade te atropela, te mastiga e engole. A gente fica sem ar e nem é da poluição. Percebemos a pequenez que somos diante daquela enormidade. Dai vem alguém que te abraça, te chama para ir à casa do amigo do amigo do amigo, que te recebe como se te conhecesse desde a infância e em cinco minutos vocês se tornam amigos para sempre. De verdade. Tão amigos que se matam porque um quer a cidade mais colorida e o outro mais cinza. Mas esse já é outro problema. O que importa é que em São Paulo você sempre vai receber uma mensagem com o endereço e o horário da festa, e nunca mais se sentirá sozinho no meio da multidão.

O cinza da 23 de Maio

1 de 14

Que problemas bons para ter, que brigas ótimas para entrar.

E a gente aprende a ver beleza onde só havia caos. E só havia caos. Na metade dos anos 1990, quando me mudei para São Paulo, só havia caos, cinza e pichação. E São Paulo era uma das cidades mais feias do mundo. E eu já sabia disso sem mesmo conhecer nada do mundo, porque, como já falei, São Paulo é a experiência mais violenta e eficaz para quem quer meter o nariz nessa coisa chamada mundo.

Nos anos 1990, aos domingos, São Paulo era só uma cidade deserta com meia dúzia de cantinas italianas. E os restaurantes foram se multiplicando, os bares abrindo, as calçadas se enchendo de gente, e a publicidade sumiu, as árvores cresceram, as ruas ficaram limpas, e as ciclovias apareceram e levaram mais gente para as ruas e para os parques.

E hoje, eu acho São Paulo uma das cidades mais incríveis do mundo, porque ela floresceu, se transformou e se encheu de personalidade. E acho linda no seu jeito caótico, na sua poesia desgovernada, na generosidade de suas pessoas, com naturalidades variadas, mas com uma vontade comum: ter uma cidade melhor, seja ela mais colorida ou mais cinza, mais impressional ou mais humana.

Que inveja eu tenho de todos esses problemas para discutir. Quisera eu ter um prefeito para amar eu olhar. Mas a gente, o caríoca, o morador do Rio, tem bala perdida para lamentar e para resolver antes de qualquer coisa. Por falar nisso, alguém sabe do prefeito? ★★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/kv4tG5>

No mesmo dia, 26/01/2017, outra coluna abordou o assunto, figura 21, agora de autoria do secretário de redação da área de produção da Folha, Roberto Dias. A coluna inicia apresentando uma galeria já analisada, figura 18, mas dessa vez em destaque tem uma das duas fotos de João Doria uniformizado de gari, apagando os muros da avenida 23 de Maio. Logo depois o colunista inicia a fala explicando os atos do prefeito de Nova York em 2003, Michael Bloomberg, que segundo ele, proibiu o fumo em bares e restaurantes e gerou muita polemica.

Logo depois ele defende seu ponto de vista dizendo que a cidade de São Paulo também sabe como é difícil mudar o cotidiano e dá exemplos como a obrigatoriedade do cinto de segurança, a lei do fumo, fim dos outdoors, fiscalização da faixa de pedestres e a implantação das ciclovias e afirma que o paulistano se acostumou com a cidade degradada, citando a pichação como uma destas degradações e acrescentando que qualquer um que já tenha tido sua casa rabiscada não defenderia o autor da pichação.

Em seguida ele faz uma serie de afirmações, com relação, primeiro a liberdade de expressão, dizendo que ela vale para todos e chamando a pratica da pichação de ditadura do vandalismo. Importante destacar que ao final do texto ele utiliza a palavra atacar para se referir ao ato de impedir que pichações sejam realizadas, abordando de forma negativa a pichação e dizendo que o ex-prefeito precisaria ser mais claro em atacar essa pratica, mas defende o grafite com uma fala positiva, ao dizer, logo depois, que os grafites compõem a marca cultural da cidade e que em geral não possuem o caráter furtivo da pichação.

Publicada na editoria de *Cotidiano*, também no dia 26/01/2017, figura 22, de autoria do jornalista Artur Rodrigues, o próximo texto traz novamente os protestos realizados por manifestantes no evento de aniversário de São Paulo e junto, complementa trazendo a notícia de que o ex-prefeito lançou um projeto que prevê remunerar grafiteiros e pagar suas tintas, como parte de um museu a céu aberto espalhado pela cidade. A partir daí é explicado como o programa vai funcionar e traz uma fala de Doria explicando sobre.

Em seguida, busca dados da gestão anterior a de Doria ao dizer que a gestão de Fernando Haddad já havia pago cachê de R\$ 2.000 a cada um dos 450 grafiteiros que pintaram murais na avenida 23 de Maio. Deixando claro em seguida que estes mesmos grafites, na gestão do ex-prefeito Doria, foram apagados. O texto também aborda que ao receber críticas após as ações de apagar os grafites nos

Arcos do Jânio e na avenida 23 de Maio, a prefeitura antecipou este programa de incentivo à arte de rua, trazendo então uma fala do secretário municipal da Cultura na época, André Sturm.

Feito isso, o texto aborda o quanto este programa vai gastar, quantos artistas vai contemplar e onde essas obras irão ser colocadas. É realizada então uma contextualização por meio de um texto com o título *Disputa*, que aborda de forma neutra os grafites apagados na avenida 23 de Maio, as pichações contra Doria realizadas por cima dos grafites do artistas Kobra e uma fala do ex-prefeito explicando de forma positiva o projeto *Cidade Linda*.

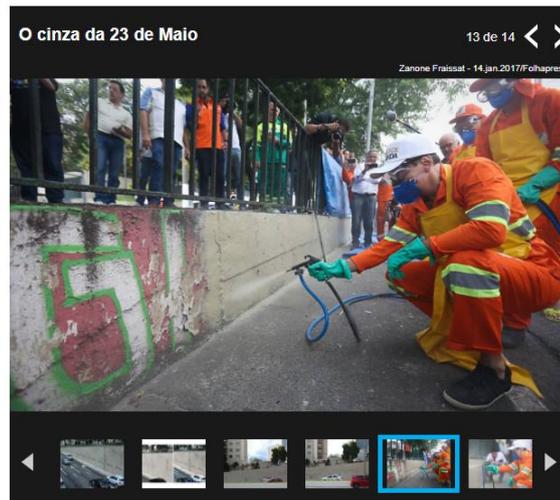
O texto possui uma galeria com um total de 11 fotos, todas das manifestações realizadas durante o aniversário da cidade, com o que aparenta ser pessoas chutando cones, o carro do ex-prefeito passando por uma das faixas dos manifestantes e uma estátua pintada de vermelho. Todas essas imagens possuem legendas que descrevem as situações de forma literal.

Figura 21 - Texto: É um acerto combater a ditadura do vandalismo

colunistas

roberto dias

É um acerto combater a ditadura do vandalismo



26/01/2017 © 02h00

[f](#) Compartilhar
 [t](#)
[g+](#)
[in](#)
[e](#)
 < 1,5 mil
 [OUVIR O TEXTO](#)
[+](#) Mais opções

SÃO PAULO - Quando Nova York proibiu o fumo em bares e restaurantes, nos idos de 2003, houve muita gritaria. O prefeito era Michael Bloomberg, que não se apertou. Numa ida ao cinema, lembrou que anos antes as baforadas se misturavam com a pipoca. Argumentou que as coisas evoluem e todo mundo se acostuma. "As pessoas vão olhar para trás e dizer: 'Permitiam que se fumasse naquela época? Que arcaico!'"

São Paulo também sabe como é difícil mudar o cotidiano. Foi assim com o cinto de segurança obrigatório. Com a lei do fumo. Com o fim dos outdoors. Com a fiscalização da faixa de pedestres. Com a implantação das ciclovias. Todas essas medidas, de diferentes governos, "pegaram".

A cidade é tão degradada que o paulistano se acostumou com a pichação. Mas qualquer um que já tenha tido sua casa rabiscada há de ter dificuldade em defender o autor. Por que a estética dele se sobrepõe à de quem pintou uma fachada? A liberdade de expressão vale para todos. Espanta que a prática seja defendida por quem diz respeitar as diferenças.

Essa ditadura do vandalismo precisa ser combatida com a lei e os meios tecnológicos disponíveis. Ficar com medo de agir "porque vão pichar de novo" é atitude covarde.

João Doria acerta no [propósito](#).

Erra no método, porém. Precisaria ser mais claro em atacar a pichação, não o grafite. É direito de um governo determinar que equipamentos públicos tenham tal aparência, mas os grafites compõem marca cultural da cidade, em geral despidos do caráter furtivo da pichação. Seria papel da prefeitura debater antes de apagar geral. Tampouco deveria engordar a discussão com argumentos estéticos pessoais, como faz o prefeito.

Reportagem da **Folha** mostrou que houve um tempo, nem tão distante assim, em que a [campanha política era feita com pichações](#). Algo difícil de conceber nas regras atuais e sinal de que tudo pode evoluir –inclusive os políticos e os pichadores. ★★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/b3tXdN>.

Figura 22 - Texto: Depois de vaias e críticas, Doria diz que pagará cachê e tinta a grafiteiros

cotidiano dia mundial

Depois de vaias e críticas, Doria diz que pagará cachê e tinta a grafiteiros

ARTUR RODRIGUES
DE SÃO PAULO

26/01/2017 @ 12h15 - Atualizado às 18h36

Compartilhar 39 mil OUVIR O TEXTO Mais opções

Depois de receber críticas de artistas urbanos e de ser vaiado em evento no aniversário de São Paulo, o prefeito João Doria (PSDB) lançou nesta quinta-feira (26) um projeto que prevê remunerar grafiteiros e pagar suas tintas, como parte de um museu a céu aberto espalhado pela cidade.

O programa, batizado como MAR (Museu de Arte de Rua), começará pela região do Baixo Augusta (centro da capital), e será reeditado a cada três meses em um bairro diferente da cidade.

"Como serão várias áreas, creio que teremos oportunidade de abrigar vários desses artistas, de maneira escalonada", disse Doria.

A gestão de Fernando Haddad (PT) já havia pago cachê de R\$ 2.000 a cada um dos 450 grafiteiros que pintaram murais na avenida 23 de Maio. A gestão Doria mandou apagar na última semana, justificando que as obras estavam pichadas.

Alvo de críticas por pintar as paredes de cinza, o governo tucano resolveu antecipar seu programa de incentivo à arte de rua. "A gente já tinha isso de dezembro e iria anunciar em março, mas com o grafite tendo se tornado assunto tão importante a gente resolveu antecipar para mostrar que o grafite é fundamental nessa gestão", disse o secretário municipal da Cultura, André Sturm.

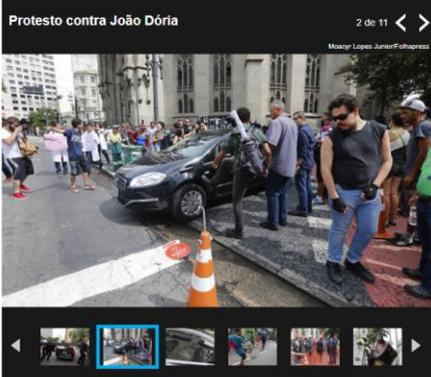
Prevista para março, a primeira edição deve ter cerca de 150 artistas, com gastos estimados em R\$ 800 mil.

Sturm afirmou que será criada uma comissão para escolher os artistas. Eles terão de enviar currículos e informações sobre sua arte, mas não serão obrigados a dizer qual pintura farão nos murais.

As obras ficarão tanto em paredes de imóveis públicos quanto privados – nesse último caso, só se os donos concordarem.

A prefeitura estuda que os grafites fiquem nos locais por dois anos, para que depois possam ser substituídos por novas pinturas.

Protesto contra João Dória 2 de 11



DISPUTA

O novo projeto de Doria foi anunciado na 23 de Maio, em frente à uma obra recém-restaurada da artista plástica Tomie Ohtake, em homenagem à imigração japonesa.

A avenida virou cenário de disputa entre o tucano e grafiteiros e pichadores, desde que a prefeitura apagou a maioria dos grafites nos muros da via com tinta cinza.

Numa resposta à ação, um dos murais poupados, do artista Eduardo Kobra, foi pichado com uma imagem de Doria pintando o muro.

O tucano lamentou a ação e disse que agora o mural seria apagado, com consentimento de Kobra.

Segundo Doria, não haverá novos grafites local, para onde está previsto outro projeto que não quis divulgar.

Curador de parte das imagens apagadas, o grafiteiro Enivo classificou a ação como "um massacre".

Ele afirma achar positivo haver um projeto do tipo, mas diz que continuará havendo grafite também em locais não permitidos.

"A essência do grafite é a liberdade. Eu gosto de fazer trabalhos, ganhar cachê, acho ótimo, porém a minha essência de grafiteiro é pintar onde eu quiser pintar", afirma. ★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/w3G5KT>.

Ainda no dia 26/01/2017, a última notícia divulgada sobre o assunto neste dia não possui autoria especificada, mas é divulgada na editoria de *Cotidiano*, figura 23. O texto possui uma foto de introdução, com uma legenda dizendo que um trecho da avenida Paulista amanheceu manchado com tintas coloridas e inicia falando sobre o ocorrido, trazendo no segundo parágrafo o termo intervenção artística, entre aspas, para denominar o ocorrido e informar que o ato ocorreu durante os protestos que envolveram manifestantes descontentes com as ações do ex-prefeito Doria de apagar grafites da cidade.

Para isso é utilizado mais uma vez a expressão “guerra do spray”, com um link para a matéria sobre a pichação Chora Doria no muro do Pacaembu, no dia 25/01/2017, figura 16, e outro link para uma matéria do dia 17/01/2017, figura 6, sobre o início dos protestos contra o ex-prefeito. No terceiro parágrafo o texto volta a se referir, sem aspas, a pintura como mancha, explicando também a localização do ato. Logo depois traz uma nota da prefeitura falando sobre a limpeza do local e uma galeria com 11 fotos, também divulgada na notícia anterior, figura 22, trazendo em destaque uma foto dos manifestantes segurando cartazes em protesto ao ex-prefeito, no evento de aniversário de São Paulo, com a legenda explicando que movimentos sociais protestaram contra Doria durante a cerimônia de aniversário de São Paulo.

Finalizando, a notícia traz um texto com o título de *Guerra do Spray*, trazendo novamente uma contextualização dos atos realizados pela prefeitura em relação aos grafites e pixos da cidade e as manifestações contra estes atos. Vale destacar que este texto inicia trazendo a palavra guerra entre aspas ao falar sobre as manifestações. Ao final é trazido por meio de um texto com o título de *Cachê para grafiteiros* o projeto, já citado em notícias anteriores, que prevê remunerar grafiteiros e pagar suas tintas. Logo depois uma galeria com 11 fotos, a mesma publicada no início deste mesmo texto e já analisada em textos anteriores, figura 22, com fotos sobre as manifestações no aniversário da cidade e, em destaque, a foto do carro preto de Doria indo embora do evento, cercado de pessoas, informando na legenda que o ex-prefeito enfrentou protesto durante cerimônia de aniversário da cidade.

No dia 27/01/2017 temos mais uma coluna. Agora de autoria do jornalista Pedro Diniz, figura 24. Na coluna, Pedro começa defendendo o pixo ao afirmar que, enquanto para Doria essa pratica é vandalismo, para a moda mundial é mina de ouro. Em seguida, ele define o pixo como uma expressão rudimentar do

inconformismo com o sistema e segue falando do projeto *Cidade Linda*. Importante salientar que seguindo perfil divulgado pela Folha, Pedro é especializado na cobertura de moda e é considerado crítico na área, por isso a abordagem do pixo na moda internacional.

O texto segue com ele defendendo que enquanto em São Paulo o prefeito persegue, utilizando exatamente o verbo perseguir, para denominar os atos do ex-prefeito com relação aos pichadores da cidade, internacionalmente, as grifes também os persegue, mas neste contexto para fins mercadológicos. Para isso, ele faz uma contextualização histórica, trazendo parcerias que, segundo ele, são famosas, como o artista Stephen Sprouse, em 2001, com a *Louis Vuitton*.

Logo em seguida, ele traz uma galeria de fotos, com 11 imagens, todas trazendo imagens sobre a parceria entre grifes e pichadores, elas apresentam legendas que mencionam as marcas e os artistas que realizaram essa parceria e ilustram roupas e acessórios com letras e elementos, que segundo o texto, são relacionados ao pixo. Abaixo o colunista acrescenta um texto com o título de *Pichadas no baile*, que traz outras parcerias famosas de pichadores e grifes famosas e até mesmo artistas que aderiram a essas grifes como Madonna e Katy Perry.

Figura 23 - Texto: Próximo à Fiesp, trecho da av. Paulista é manchado com tinta colorida

cotidiano do mundo

Próximo à Fiesp, trecho da av. Paulista é manchado com tinta colorida



Trecho da avenida Paulista, próximo à sede da Fiesp, asfalto manchado com tintas coloridas

DE SÃO PAULO
28/05/2017 10:14:54

Compartilhe

Um trecho da avenida Paulista amanheceu nesta quinta-feira (26) com manchas coloridas no asfalto. Ainda não se sabe quem jogou a tinta na via.

A "intervenção artística" ocorre em meio à "guerra do spray", que teve início após o prefeito João Dória (PSDB) dizer que faria uma campanha contra pichação.

As manchas estão em um trecho da avenida logo depois do prédio da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) na altura do cruzamento com a rua Pamplona, sentido Paraíso.

Em nota, a prefeitura afirmou que a lavagem do asfalto será realizada na madrugada desta sexta-feira (27), para não atrapalhar o tráfego na região.

Protesto contra João Dória 10 de 11



"GUERRA DO SPRAY"

Na semana passada, a "guerra" tomou corpo com o anúncio de que a prefeitura apagaria grafites do corredor da avenida 23 de Maio - onde antes formavam um painel contínuo de 5,4 quilômetros de extensão. O tuono apagaos pichações na via pintando-as de cinza, como parte de seu programa de reatdoria urbana.

Em seu aniversário, São Paulo amanheceu com pichações e protesto contra o tuano, que respondeu endurecendo o tom contra pichadores e detendendo "muita pesada" para eles - a guerra chamamos de "agressores" e "destruidores".

Parte do mural de Eduardo Kobra (artista frequentemente elogiado pelo prefeito) na avenida 23 de Maio, um retrato antigo da cidade em preto e branco, foi pintada de cinza - uma alusão à decisão do prefeito. Um lambe-lambe com Dória segurando um compressor foi colado à parede, como se ele fosse responsável pela tinta cinza apagando o grafite.

Paulista, 125



CACHÊ PARA GRAFITEIROS

Depois de receber críticas de artistas urbanos e de ser vaiado em evento no aniversário de São Paulo, o prefeito João Dória (PSDB) lançou nesta quinta-feira (26) um projeto que prevê remunerar grafiteiros e pagar suas tintas, como parte de um museu a céu aberto espalhado pela cidade.

O programa começará pela região do Bairro Augusta, no centro da capital, e será revalidado a cada três meses em um bairro diferente. "Como serão várias áreas da cidade, creio que teremos oportunidade de abrigar vários desses artistas, de maneira escalonada", disse Dória.

A gestão de Fernando Haddad (PT) havia pago cachê de R\$ 2.000 por obra aos 450 grafites na avenida 23 de Maio, que a gestão Dória apagaos alegando que estavam pichados. A prefeitura passou a ser alvo de críticas por isso.

Protesto contra João Dória 7 de 11



Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/VnMv78>.

Figura 24 - Texto: Como a moda transformou o picho em artigo de luxo

colunistas

pedro diniz

Como a moda transformou o picho em artigo de luxo

27/05/2017 0 02h:10

Compartilhe

O que para o novo prefeito de São Paulo é vandalismo, para a moda mundial é mina de ouro. O picho, expressão rudimentar do inconformismo com o sistema, é perseguido por João Doria e seu projeto "Cidade Linda" na mesma medida com que marcas de luxo correm atrás dos pichadores mais importantes do mundo para borrar seus legados. Em vez do "cinza dória", são as cores iluminadas e as letras disformes os ingredientes da receita milionária das grifes.

Desde a primeira colaboração com Stephen Sprouse (1953-2004), em 2001, a Louis Vuitton, marca de luxo francesa cujas bolsas passavam pelo guarda-roupa das elites, viu suas ações dispararem depois de riscar os escritos "bold" fluorescentes do artista americano nas coleções.

Foi o estilista Marc Jacobs quem enxergou o potencial de relacionar a arte urbana aos anseios de mudança trazidos pela virada do milênio. Inverter noções de luxo e costurar essa estética marginalizada, que já tomava a música e as galerias de arte no início do século, foram os grandes legados de Jacobs à frente da Vuitton.

O traço de Sprouse não guarda nenhuma relação com os desenhos elaborados do grafite, tipo de riscado visto pela gestão paulistana como primo chique do picho. Pelo contrário, as linhas do artista são grosseiras e antímoda, características que talvez expliquem o fato de logo terem virado opção "cool" ao monograma clássico da etiqueta, o LV entrelaçado.

Quinze anos depois da Vuitton, a italiana Gucci começou a ressignificar a pichação, bruta e sem nenhum apreço pelo traço bem definido. Na passarela de outono-inverno 2016, na semana de moda de Milão, uma bolsa preta com o nome da marca em alto-relevo apareceu com o escrito "real" respingando tinta de spray.

A peça é uma lembrança bem humorada do fato de a grife ser uma das mais copiadas do mundo e ter processado, naquele ano, uma loja virtual que vendia falsificações dos seus acessórios.

A bolsa "Real Gucci", idealizada pelo personagem "GucciGhost", apelido do grafiteiro canadense Trouble Andrew, fez sucesso e inaugurou uma parceria sem hora para acabar entre o artista e o então novo diretor criativo da grife, Alessandro Michele.

Os pichos idealizados por Andrew, aplicados em acessórios clássicos e nas roupas de apelo jovem criadas por Michele, viraram febre no mercado de luxo e impulsionaram a retomada do "streetstyle", a moda urbana dos anos 1990.

Ao mesmo tempo, a dupla resgatou dos 1980 o gosto pela personalização, dando aval para consumidores riscarem e decorarem suas peças de grife. Hoje, não há nada mais "cool" do que ter uma jaqueta, uma camiseta ou um acessório de luxo personalizados.

O custo para aderir ao movimento é alto. Algumas das bolsas com o picho grafado custam, nas lojas da marca em São Paulo, R\$ 11.970. Há pouquíssimos exemplares disponíveis para compra.

A Gucci colocou mais tinta no molho e contratou quatro artistas, entre eles o próprio Trouble Andrew, para personalizar alas das suas "flagships", no projeto intitulado 4Rooms.

No espaço da etiqueta na loja Dover Street Market de Ginza, um dos bairros da elite de Tóquio, no Japão, paredes e objetos receberam os rabiscos do pichador-celebridade.

Pichos grafados



PICHADAS NO BAILE

Os casamentos de Louis Vuitton e Gucci com o picho são apenas exemplos duradouros da união entre a moda e a arte "marginal". Nas últimas temporadas, sobram parcerias desse tipo na indústria.

Em 2011, a francesa Hermès lançou uma série de lenços de seda pintados com os traços sinuosos do grafiteiro francês Kongo. Mais uma vez, nada de padrões realistas. A parceria entrou nos peçoços mais delirados da alta sociedade mossicos de letras e formas típicas da pichação.

Mesmo tipo de padronagem que o estilista Jeremy Scott imprimiu, em 2015, nos vestidos de sua coleção de inverno para a grife Moschino. No mesmo ano, as popstars Madonna e Katy Perry apareceram pichadas no baile do Metropolitan Museum de Nova York, o MET Gala, exibição fashionista mais fotografada do ano, com versões dessa alta-costura urbana de Scott.

Chanel e Céline, grifes francesas também reconhecidas pela clientela de fino trato, mancharam seus legados elegantes com spray, pinceladas e rabiscos. Nas passarelas de Paris de verão 2014, as duas deram gás a uma corrente estética que a moda logo chamou de "arty".

O "arty" pichado está em voga até agora. Neste momento, são vendidas as últimas peças da colaboração entre a marca nova-iorquina Alice+Olivia, da designer Stacey Bendet, e os detentores do espólio de Jean-Michel Basquiat (1960-1988), neoexpressionista mais incensado da sua geração.

Uma saia longa, com várias pichações e desenhos do grafiteiro impressos, é vendida na loja virtual da grife por US\$ 1.295, algo em torno de R\$ 4.200.

Haja vista o horizonte de cifras coloridas, não haverá tão cedo cinza suficiente para limpar toda essa sujeira na qual a moda se envolveu e, ironicamente, cobriu seus clientes mais abastados. ★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/mVD93E>.

O segundo texto do dia 27/01/2017 traz uma notícia na editoria de *Cotidiano*, figura 25, de autoria de Juliana Gragnani. Ela inicia o texto com um vídeo, trazendo uma marchinha de carnaval que, utilizando trocadilhos, faz críticas aos atos do ex-prefeito João Doria a respeito dos grafites e pixos da cidade. O primeiro parágrafo inicia com uma frase atribuída pela notícia ao ex-prefeito, dizendo que ele pintou com prazer as muretas da avenida 23 de Maio. Destaque para o fato do texto, ao citar, além dos grafites, mencionar o pixo ao citar que o ex-prefeito cobriu pichações com tinta cinza.

No segundo parágrafo ela traz o número de visualizações do vídeo no *YouTube*, nome da música, autoria e afirma que a música coloca palavras na boca do ex-prefeito, trazendo em seguida os trechos em questão. Alguns destes trechos são destrinchados pela notícia, como por exemplo quando é dito que o ex-prefeito vai fantasiado para estas ações, para dar mais ibope, que segundo o texto, se refere às várias facetas que Doria assumiu em aparições públicas.

Juliana traz também blocos de carnaval que na época pretendiam realizar atos que ironizavam os atos de Doria, trazendo a fala das idealizadoras de uma destes blocos, Andreza Delgado e Isabella Barboza, que explicam o que pretendem fazer. Logo depois da fala, a notícia finaliza dizendo que as duas foram idealizadoras também de um bloco no ano anterior que questionava o que o texto chama de higienismo da gestão Fernando Haddad.

No mesmo dia 27/01/2017, Juliana Gragnani traz outra notícia na editoria de *Cotidiano*, figura 26. Durante o texto Gragnani traz falas de Mauro Neri, grafiteiro detido após pixar em muro que teve uma de suas obras apagadas. Ela trata Mauro como grafiteiro o tempo todo e inicia a falando de um dos projetos do artista. Logo depois, ela explica o ato cometido por ele, utilizando o verbo escrever para denominar a ação de Mauro, ao invés de pixar. No segundo parágrafo, ela aborda as manifestações contra as ações de Doria a respeito dos grafites na avenida 23 de Maio, utilizando a palavra guerra ao abordar estas manifestações e traz ainda que outras três pessoas foram detidas realizando pichações contra o ex-prefeito.

Logo depois ela afirma que essas reações se dão devido uma campanha do ex-prefeito contra pichadores. A notícia divulga também uma foto do local onde Neri estava pichando, com a legenda descritiva informando que aquele era o local onde o grafiteiro Mauro Neri foi preso, na avenida 23 de Maio. Em seguida, fala mais sobre o projeto *Veracidade*, do artista e explica que ele foi detido enquanto escrevia a

frase deixem ver a cor da cidade. Ela ainda diz que os grafites apagados e que foram pichados por Neri após os atos do ex-prefeito Doria, foram realizados com autorização da prefeitura e faziam parte do projeto *Cartograffiti*, do próprio artista Neri.

Ela traz uma fala de Neri criticando as ações do ex-prefeito e as ações de apagar grafites autorizados, de forma indiscriminada. O texto traz também a fala do secretário de meio ambiente da cidade de São Paulo Gilberto Natalini, explicando que a prefeitura plantaria 9 mil mudas em trechos da 23 de Maio e afirmando que os grafites deixados no local não serão substituídos e que há espaço para todos no local.

Com o título de *Pichações*, outro texto dentro da notícia aborda o relato de uma equipe da Rede Globo que de madrugada alega ter flagrado manifestantes pichando palavras de protesto na avenida 23 de Maio. Para ilustrar traz um vídeo vinculado a uma conta no *Youtube* de nome *Adriano Choque*, postado no dia 27/01/2017, que mostra uma equipe de limpeza da prefeitura de São Paulo que, ao pintar de madrugada um trecho da avenida, tiveram o carro de serviço da prefeitura pichado com a palavra resistir.

Figura 25 - Texto: 'Pinto por cima', diz marchinha de Carnaval que ironiza Doria

cotidiano **alalalô**

RELATOS DO CARNAVAL - OSA BILACOTE DE RUA - VEJA SUA QUARTA PRAIAZONA - LAMBRELO

Acompanhe a cobertura completa do Carnaval 2017 nas principais cidades do país, como

'Pinto por cima', diz marchinha de Carnaval que ironiza Doria



**ALIANA OLIVEIRAS
DE SÃO PAULO**

17/02/2017 09:59:07

Compartilhe **Facebook** **Twitter** **LinkedIn** **WhatsApp** **Print** **Enviar e-mail** **Meus favoritos**

"Pinto com ancora praizar", disse o prefeito João Doria (PSDB), quando coberto por tinta, em um desfile como, há duas semanas, na 23 de Maio. "Pinto até vou mais a área praizar". Ao pintar com tinta preta, o humor acabou tirando o foco de uma marchinha de Carnaval, hit absoluto nas redes sociais.

Com 20 mil visualizações no YouTube, a canção "Pinto por cima", de banda mineira Oquebra Bola, colou palmeira na boca de Doria. "Você pode pintar praizar / Não dá mole a pinto atira", "Pra cidade ficar mais top", "Na 23 de Maio Lima / De fantasia pra dar mais show / Pra não ficar pinto por cima".

A "fantasia" se refere às várias fantasias que o prefeito tem assumido em suas aparições públicas: começa como garoto legal no dia 6 de junho, quando surge em uma varanda iluminada dos arquibancos para pintar futebol. Depois, na 23 de Maio, aparece em um limpa-vidros e joga futebol com os alunos. No domingo (22), ao fim do carnaval.



Marcos Antonio Aguiar de João Doria em São Paulo

Esses detalhes também inspiraram parodiados a criar um bloco de Carnaval, o "Voz de Doria", que tem 1,2 mil seguidores no Facebook. A ideia é imitar o prefeito, fantasiando-se de prefeito fantasiado, ou então assumir outras identidades: o "Doria Grey", espécie de personagem adaptado do romance de Oscar Wilde, ou então o Doria Grey da série "Cinquenta Tons de Cinza", ou ainda Doria Aventuroso, versão da Doria, protagonista de desenhos animado que se mete em grandes confusões.

Há até quem queira pintar-se de grafite colorido e deixar amigos jogarem gente de tinta cinza por cima. Outros, neste evento marcado para o dia 23 de fevereiro no largo da Batata (zona oeste) e ainda sem autorização da prefeitura, fazem em suas favelas de "desenhos" (confusão de grafite prosaico para ser visto coberto com as mais variadas tons de cinza) — que podem ser "desvendados" com tinta Doria-Carvão (logo sem cor) no fim do Carnaval, conhecido como "quarta-feira de Doria".

A ideia do bloco surgiu em uma conversa entre as amigas Isabella Barbosa, 23 (cuja mãe divide-se de Doria Aventuroso) ou Doria Romero Brito — com pinturas inspiradas no artista no rosto) e Andrea Delgado, 21 (que vai se vestir de cinza, simplesmente).

"Penso que Doria está se fantasiando até de cadete. Podemos fazer um bloco em que as pessoas se fantasiarem dele e das fantasias que tem colocado", diz Isabella. Para Andrea, que em sua jornada registra um bloco que questiona o legitimismo da gestão Fernando Haddad (PT), o prefeito atual faz "puro marketing, do ruim".



Doria papeta imprime, recorta e brinca de Prefeito

Garoto **carminador** **ata-ata de criança**

Maria que brinca com as "fantasias" de Doria, a que brinca com o bloco "Voz de Doria"

Um dos autores da marchinha "Pinto por cima", o compositor e tecladista mineiro Vitor Veloso, 34, morador de São Paulo há 10 anos, diz que "o tema veio como um presente". "Quando vi uma entrevista em que Doria dizia: 'Pinto por cima', papeta', pensei: é um presente, talvez que homenagem", conta ele, que diz pagar a si, 23 de Maio todos os dias e escolher bem os grafites de 12-16 que ele observa enquanto fica parado no trânsito.

A banda de dois integrantes faz marchinhas com temas políticos com frequência — "menos em 2015, quando fizemos uma sobre o pau-de-seleto, pouco o ano anterior", diz Veloso. Outros hits são "Bela noite" ("que não vai") e a marchinha do "PO Rosa", em referência à apresentação de droga em laboratório de uma empresa da família de senador Zeno Penna (PTB-MG), em 2013. A PF desarticulou na época ligação do senador com o caso.

"Não é só porque é o Doria", diz Veloso, que observa como Haddad "também teve uma etapa de 'proliferar' ao inaugurar os grafites no dia 6, em outra ocasião, teve as 'fantasias' de grafiteiro. Mas citei e sempre mais intencionalmente que desisti. Como qualquer pessoa que mora em São Paulo, tempo para o prefeito".

Nesta quinta (26), após protestos durante a semana, o humor lançou um desafio: que pinto misturar grafiteiros a jogar tinta preta, como parte de um passeio a céu aberto espalhado pela cidade.



O cinema de 23 de Maio

PINTO POR CIMA

Você pode pintar praizar
Não dá mole a pinto atira
Pra quero ser se pinto atira
Um mano de Moema até a brisa
Pra cidade ficar mais top
Na 23 de Maio Lima
De fantasia pra dar mais show
Pra não ficar pinto por cima
Pinto no meio
Pinto de branco
O pinto não escuro
Pinto de fora
E pinto dentro
Pinto no Moema e depois pinto no centro
E lá de fora não escuro
Espaço esse bobagem de grafite
Estar aqui pra muito mais bonito
Com um quadro de Romero Brito

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/Qizm4X>.

Figura 26 - Texto: Grafiteiro é detido após escrever em muro onde teve obra apagada

cotidiano da mundial

Grafiteiro é detido após escrever em muro onde teve obra apagada

JULIANA GRAIGNANI
DFP SÃO PAULO

27/05/2017 0 18h45 - Atualizado às 21h45

Compartilhar         1,2 mil **OUVRIR O TEXTO**  Mais opções

O grafiteiro Mauro Neri, 35, do projeto "Veracidade", foi detido na manhã desta sexta (27) após escrever em uma plaqueta na av. 23 de Maio onde antes havia um grafite seu, apagado pela gestão João Doria (PSDB). Ele também usou água para esfregar plaquetas e tirar a tinta cinza usada pela prefeitura para cobrir suas obras, sob o complexo viário João Jorge Saad, o Cebolinha.

A guerra travada entre prefeitura, pichadores e grafiteiros fez outros três detidos de madrugada, flagrados pichando muros na av. 23 de Maio e na av. Bernardino de Campos. Eles foram liberados após assinarem termo circunstanciado.

Desde o início de sua gestão, Doria anuncia uma "grande campanha" contra pichadores, o que provocou reação de alguns deles. Mas o conflito tomou corpo na semana passada, com o anúncio de que a prefeitura também apagaria grafites da av. 23 de maio. A eliminação dessas obras, que antes formavam um painel contínuo de 5,4 km de extensão, desagradou também a sociedade civil.

Nesta quinta (26), após protestos durante a semana, o **tucano lançou um projeto que prevê remunerar grafiteiros e pagar suas tintas, como parte de um museu a céu aberto espalhado pela cidade.**



Local onde o grafiteiro Mauro Neri foi preso, na avenida 23 de Maio

Neri, do "Veracidade" –projeto que brinca com a palavra, com registros como "Ver a cidade" e "Viver a cidade", escrevia "deixem ver a cor da cidade" quando foi flagrado. Ele estava acompanhado de uma equipe de filmagem de uma produtora espanhola que está gravando uma série documental com ele desde o início da semana. Levado ao Departamento de Polícia de Proteção à Cidadania, foi liberado à tarde.

Os murais sob o Cebolinha foram feitos com autorização da prefeitura e fazem parte de seu projeto de grafites espalhados pela cidade chamado Cartografiati, vencedor de um edital de R\$ 200 mil da Secretaria Municipal de Cultura em 2009, na gestão Gilberto Kassab, segundo Neri. O projeto teve continuidade na gestão Fernando Haddad (PT). Ele também foi um dos 450 grafiteiros que receberam R\$ 2.000 da gestão passada para pintar murais na avenida 23 de Maio.

Para Neri, a polêmica "está ofuscando assuntos mais importantes" da cidade, e acabou dando força a grafiteiros e pichadores. "O novo prefeito já fez mais pelo grafite e pela pichação do que qualquer outro. Colocar essa pauta em discussão já é muito positivo. Os pichadores estão agradecendo –deve ter triplicado o número de pichadores nessa semana. O movimento do grafite também. Embora tenha tido suas perdas, era sabido que o grafite é efêmero. Temos que agradecer. Não sei se a intenção dele era enaltecer o movimento, mas ele conseguiu", afirmou.

Mesmos autorizados, diz Neri, "é de praxe" que seus murais sejam apagados "indiscriminadamente", em qualquer gestão. Ele diz que não boicotará o projeto da gestão Doria e que fará mais grafites na cidade, autorizados ou não.

Nesta sexta (27), o secretário municipal do Verde e do Meio Ambiente Gilberto Natalini afirmou que a prefeitura plantará 9 mil mudas em trechos da 23 de Maio para criar paredes verdes na via. "Os grafites que devam ser conservados não serão substituídos. Tem espaço para todos. Não é competição", afirmou, admitindo que "não tem novidade nenhuma" no projeto. "É antigo, já existe, só será ampliado."

PICHAÇÕES

De madrugada, uma equipe da TV Globo flagrou pichações na av. 23 de Maio. Dois homens apareceram pichando o muro com tinta cinza ainda fresca, depois que uma equipe da prefeitura deixou o local.

As imagens mostram um homem de roupa branca e boné escrevendo a palavra "Resistir". Logo depois aparece outro homem, que faz um desenho. Os dois deixam o local. Pouco tempo depois, os dois retornam ao local para continuar os desenhos. Outra mensagem é inscrita no muro: "Doria, diga x".



Os pichadores também escreveram "resistir" com tinta vermelha no caminhão da prefeitura –vídeo do repórter fotográfico Adriano Choque mostra o resultado. Ele conta que estava de passagem pela av. 23 de maio quando viu o caminhão da prefeitura apagando o mural de Eduardo Kobra, e quis registrar a ação. Quando se aproximou, viu que o carro da equipe também havia sido pichado.

A gestão João Doria estava cobrindo parte do mural de Kobra, que havia sido pichado na última quarta (25) –aniversário de São Paulo–, com um **adesivo do rosto de Doria**, em provocação ao prefeito. Depois disso, a prefeitura decidiu apagar todo o painel.

Segundo o boletim de ocorrência do caso, o homem detido na av. 23 de Maio às 3h25 desta sexta (27) carregava com ele 13 latas de spray e dizia estar "protestando contra a limpeza do local realizada pela prefeitura".

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/AsR8D8>.

Ainda no dia 27/01/2017, na editoria de *Cotidiano*, figura 27, é publicado uma notícia, sem autoria especificada e que apresenta o que ela chama de mais uma etapa da *Guerra do Spray* e afirma que o conflito se dá entre a prefeitura contra grafiteiros e pichadores. É então que o texto explica que a prefeitura estaria na época com ações civis na Justiça contra 26 pessoas presas em flagrante enquanto pichavam prédios e monumentos públicos e logo depois traz o comunicado da própria prefeitura explicando a situação. Ela finaliza dizendo que, segundo a prefeitura, que recorrera a esta prática sempre que houver dano ao patrimônio público por pichação.

Em 28/01/2017 é vinculado ao portal mais um artigo de opinião, figura 27, desta vez de autoria de André Sturm, cineasta brasileiro e secretário de cultura na época. No texto ele aborda o descontentamento de alguns cidadãos com o dinheiro público empregado na limpeza das pichações e traz exemplos de cidades como Tóquio e Paris, onde, segundo ele, a legislação quanto a estes atos é mais dura. Ele então faz uma afirmação negativa acerca dos grafites da cidade ao dizer que penas com uma política cultural a população vai poder realmente reconhecer e valorizar essa prática.

Em seguida traz a fala de um artista que, segundo ele, teve o mural apagado na avenida 23 de Maio e se mostrou descontente nas redes sociais. Sturm responde o descontentamento do artista no texto, dizendo que a gestão de Doria, ao apagar os grafites e pixo na avenida 23 de Maio, estava colocando em prática o programa *Cidade Linda*, mas não justifica ação. Logo depois, ele pede para que o leitor reflita sobre como é gerir uma cidade e de como isso requer, segundo ele, ouvidos atentos a opiniões diversas. Ele então volta a fazer uma afirmação sobre o grafite, ao dizer que status de arte atribuído a prática é algo recente. Por isso, ele é tópico de discussões e questionamentos em diversas cidades.

Então, ao final do texto ele revela que compõe o quadro de empregados da prefeitura. Importante salientar que é a primeira vez que isso é citado dentro do texto, e aparece apenas em seu último parágrafo quando Sturm fala sobre a criação do programa *Museu de Arte na Rua*. O texto é finalizado com o autor discorrendo sobre o que ele pensa de um estado democrático e explicando as ações da prefeitura, dizendo que o diálogo respeitoso, as manifestações, as visões diferentes sempre farão parte do dia a dia de uma cidade como São Paulo e, sendo assim,

voltando a abordar a questão de como a gestão pública deve lidar com diferentes visões durante seu trabalho.

No dia 28/01/2017, figura 29, também foi divulgada mais uma galeria, agora com 12 imagens, sendo uma delas o grafite do artista japonês, conhecido como *281 Antinuke*. Importante observar que as informações que a legenda traz é que ele é grafiteiro, artista, japonês e que a arte em destaque na galeria faz alusão ao presidente Donald Trump dos Estados Unidos. A arte mostra formas geométricas, com cores e características que fazem alusão ao presidente e membros da *ku klux klan*, pintados por cima de uma estrutura de metal ao ar livre.

Figura 27 - Texto: Prefeitura de São Paulo processará pichadores presos em flagrante

cotidiano dia mundial

Prefeitura de São Paulo processará pichadores presos em flagrante

O cinza da 23 de Maio 6 de 14 < >
 Reprodução/Instagram/@pixo_do_bom



DE SÃO PAULO

27/01/2017 @ 23h38

[f](#) Compartilhar
 [t](#)
[g+](#)
[in](#)
[✉](#)
 13 mil
 [🔊](#) OUVIR O TEXTO
 [+](#) Mais opções

Em mais uma etapa da "guerra do spray" entre a gestão João Doria (PSDB) e pichadores e grafiteiros, a Prefeitura de São Paulo anunciou nesta sexta-feira (27), que entrará com ações civis na Justiça contra 26 pessoas presas em flagrante neste mês enquanto pichavam prédios e monumentos públicos.

Segundo o comunicado da prefeitura, as ações solicitarão o ressarcimento dos valores gastos para o restauro dos prédios e monumentos pichados e ainda pedem o pagamento de multas. As ações devem ser protocoladas no início da próxima semana pela Secretaria Municipal de Justiça.

Há ainda um pedido de concessão de liminares (decisões provisórias) que impõem multas em caso de reincidência desses 26 pichadores. "As liminares visam impedir que os acusados voltem a praticar pichação", diz o texto.

A gestão afirma que recorrerá a essa prática sempre que houver dano ao patrimônio público por pichação e que as ações têm amparo na Lei Federal 7.347/85. Além das ações civis pedindo ressarcimento e multa, quem incorrer na prática responderá também a processos criminais, que correrão paralelamente. ★ ★ ★

folhashop

Monitor AOC E2270SWN...

à vista R\$ 662,90

SUL STORE ONLINE

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/zdDLom>.

Figura 28 - Texto: A prefeitura deve exercer controle sobre o grafite em São Paulo? SIM

opinião

TENDÊNCIAS/DEBATES

ANDRÉ STURM

A prefeitura deve exercer controle sobre o grafite em São Paulo? SIM

28/01/2017 02h00

Compartilhar 560 OUVIR O TEXTO Mais opções

A ARTE E O CIDADÃO

Quem anda a pé por São Paulo já se deparou inúmeras vezes com placas instaladas em frente a residências e comércios com o texto: "senhor pichador, o dinheiro economizado com a limpeza das paredes é doado a uma instituição de caridade conforme comprovante anexado".

O recado dado educadamente representa a ação de um cidadão comum que, cansado de ter prejuízos financeiros em pintar suas fachadas frequentemente, vê-se obrigado a pagar uma taxa extraoficial – mesmo que benéficante – para fazer-se respeitar.

Em cidades como Tóquio e Paris, a legislação é dura com a pichação, considerada crime. Assim como nessas metrópoles, São Paulo também precisa ter uma política cultural e de zeladoria para o grafite, que valorize essa expressão artística e que a diferencie da pichação.

Apenas com uma política cultural toda a população vai poder realmente reconhecer e valorizar o grafite. Toda a população.

Um grafiteiro que teve um mural apagado na avenida 23 de Maio publicou em redes sociais uma mensagem que vem repercutindo bastante: "É uma arte efêmera! Boa enquanto durou e que se renova!".

Renovar a cidade é um desejo da gestão Doria, que está colocando em prática o programa Cidade Linda, no qual, além de ações de limpeza, organização e infraestrutura, vem apagando pichações e apagou alguns grafites, como o mural do artista citado acima.

Convido a todos a refletir que gerir uma cidade requer ouvidos atentos a opiniões diversas e que nem sempre estão representadas em nossas redes sociais.

Embora cada vez mais a gente acredite que a parte representada por nossos amigos corresponde ao todo, nesse primeiro mês como secretário da Cultura, a realidade que estou conhecendo em visitas aos mais diversos bairros é mais complexa e contraditória do que podemos supor a partir das visões particulares de nossas rodas mais próximas.

Para que possamos juntos construir um diálogo propositivo, alguns esclarecimentos são necessários.

O "status" de arte atribuído ao grafite é algo recente. Por isso, ele é tópico de discussões e questionamentos em diversas cidades. Boa parte dos grafites nova-iorquinos dos anos 1970 só pode ser vista hoje por meio do suporte da fotografia e do cinema, não mais ao vivo.

Um bom exemplo disso será a mostra de Jean-Michel Basquiat (1960-1988), um dos ícones do movimento da arte de rua dos anos 1970. Em 2018, o Masp exibirá gravuras e desenhos do artista. Ou seja, quando a obra de um grafiteiro consagrado nos muros das cidades "viaja" a outros países, isso acontece em outros suportes (telas, papéis, fotografia, cinema) que não as paredes da cidade.

A pedido do prefeito, ainda durante a transição na Secretaria da Cultura, já previmos a criação do programa Museu de Arte na Rua. Ele será vivo e ganhará novas alas periodicamente, em diferentes regiões da cidade.

Dessa forma, vamos manter São Paulo como a capital mundial do grafite.

Isso sempre considerando o respeito aos cidadãos, a cidade, aos patrimônios público e privado, responsabilidades inequívocas da gestão municipal.

Os detalhes serão anunciados em breve, mas já podemos adiantar que um edital público será lançado e uma comissão de curadores será responsável pela seleção.

Além disso, criaremos a Central do Grafite, um local para os artistas se encontrarem, ensinarem a jovens interessados, com espaço de convivência e experimentação.

Estar em um estado democrático é desafiador para todos os agentes da sociedade. O diálogo respeitoso, as manifestações, as visões diferentes sempre farão parte do dia a dia de uma cidade como São Paulo.

ANDRÉ STURM, cineasta, é secretário municipal da Cultura de São Paulo

PARTICIPAÇÃO

Para colaborar, basta enviar e-mail para debates@grupofolha.com.br ★★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/xJcmBN>.

Figura 29 - Galeria de fotos: Artista japonês do grafite, 281 Antinuke, mostra sua arte

fotofolha EDITORIA [TODAS](#) CATEGORIA [TODAS](#)

Imagens do Dia

Veja as imagens do dia deste sábado 28 de janeiro

28/01/2017 © 07h00

Compartilhar      0 + Mais opções



Toru Hanai/Reuters

Artista japonês do grafite conhecido como 281 Antinuke mostra sua arte que descreve o presidente Donald Trump dos EUA no distrito da compra e do entretenimento de Shibuya de Tokyo, Japão

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/wSuQti>.

É então que inicia o último dia do mês que possui os assuntos grafites e pixos em São Paulo, amplamente divulgados. O primeiro texto do dia 29/01/2017, figura 30, não possui autoria especificada e inicia com a fala de uma moradora de São Paulo, dona de uma pensão, que reclama das pichações realizada em seu estabelecimento após, segundo a notícia, ter acabado de pintar os muros. O texto também traz, além de uma foto de introdução com a dona da pensão mostrando os muros pichados ao fundo, também traz uma galeria com 6 fotos que mostram os muros da pensão de ângulos diferentes, todos mostrando a pichação. Além também de fotos de um antiquário, onde, segundo a notícia, o dono contratou um grafiteiro para pintar a fachada do estabelecimento e inibir pichadores.

No dia 29/01/2017 também foi vinculado no portal o texto da coluna de Mônica Bergamo, figura 31. No texto Monica traz uma galeria com 12 imagens, uma delas sendo um dos grafites da artista Nina Pandolfo, pintado na avenida 23 de Maio e mantido pela gestão pública. O texto inicia com Monica explicando quem é a artista? E afirmando que Doria decidiu cobrir com tinta cinza diversos grafites espalhados pela cidade, além disso ao falar que Doria também cobriu diversos pixos pela cidade ela utiliza a palavra rabisco para definir as obras, dizendo que Doria também cobriu rabiscos de pichadores.

Logo depois, ela fala sobre o painel da artista pintado na avenida 23 de Maio, explicando que o painel foi coberto em 2008 pelo ex-prefeito Gilberto Kassab, depois foi repintado naquele mesmo ano e agora sobrevive graças a *Secretaria Municipal de Cultura* da cidade. Em seguida, ela traz a fala da própria artista, que segundo ela, critica a guerra de governos contra a arte de rua, utilizando a palavra guerra para denominar os diversos conflitos entre prefeituras e grafiteiros e pichadores da cidade.

É então que é apresentada mais uma galeria. A mesma já utilizada em outros textos analisados, figura 16, figura 17, figura 19, figura 25, figura 27. Ela possui 14 fotos que mostram os atos realizados por manifestantes criticando as atitudes da prefeitura, como a pichação Chora Doria no *Estádio do Pacaembu*. O texto segue falando sobre a trajetória da artista e suas obras, mas não volta a tocar na polemica envolvendo as ações da prefeitura.

Figura 30 - Texto: Donos de imóveis pichados em São Paulo somam prejuízos e desânimo

cotidiano dia mundial

Donos de imóveis pichados em São Paulo somam prejuízos e desânimo

Eduardo Anzeletti/Folhapress



Margarete Kurebayashi, 66, dona de pensão atacada por pichadores na região do Bexiga, centro de SP

DE SÃO PAULO
29/01/2017 02h00

Compartilhe     14 mil [OUVIR O TEXTO](#) [Mais opções](#)

Margarete mandou pintar o muro de sua pensão, no Bexiga (centro de São Paulo). Dias depois, já estava pichado.

Um estúdio de cinema alugou o imóvel para rodar um filme e pintou de amarelo o paredão da casa, que tem quatro pavimentos e cerca de 40 metros de comprimento. Uma semana depois, já estava pichado novamente.

"Eu não vou pintar de novo. Não adianta. Vou gastar dinheiro com tinta pra quê?", diz Margarete Kurebayashi, 66, resignada. Ela estima em R\$ 10 mil uma pintura no paredão que, atualmente, tem pichação nos quatro níveis do imóvel. "Eu sei que fica feio, mas não tem o que fazer."

Enquanto a gestão João Dória (PSDB) propõe o combate a pichadores em São Paulo, moradores da cidade contabilizam prejuízos, desvalorização de seus imóveis e desânimo motivados pela pichação.

Vizinhos da pichação 1 de 6  

Eduardo Anzeletti/Folhapress



Assim como Margarete, quem também desistiu de pintar a fachada de casa foi o técnico em eletrônica Fábio Chueiri, 66, na rua Cardeal Arcoverde, na zona oeste.

"Isso não tem jeito de evitar. Eles surgem de noite, quando você acorda já tem uma nova pichação", conta.

Na outra esquina, nem mesmo a unidade do CVV (Centro de Valorização da Vida), que faz prevenção do suicídio voluntariamente, foi poupada.

Até o fim do ano passado, a unidade também tinha sua fachada pichada. Na virada do ano, foi pintada. "Nós prestamos ajuda a todos, inclusive a pichadores", lamenta Antonio Batista, 63, coordenador da unidade Pinheiros. Sem financiamento externo, a pintura foi bancada pelos próprios voluntários.

Na mesma rua, Dênis Alves, 39, dono de um antiquário, disse ter uma arma para combater as constantes pichações ao comércio. Irá contratar um grafiteiro para pintar a porta de sua loja. Como pagamento, oferecerá ao artista um móvel do antiquário.

"A pichação é como se estivessem depredando meu imóvel, desvaloriza, afasta cliente, fica feio", explica.

Diferentemente da gestão Dória, que tem apagado alguns grafites na capital paulista, como na avenida 23 de Maio, na zona sul, Dênis acredita que é necessário criar mais espaços para o grafite. Para ele, isso desestimula a ação de pichadores.

"O pichador sabe que o que ele faz não é bonito. É a velha história, o pichador não picha a casa dele." ★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/L634AC>.

Figura 31 - Texto: Autora de painel preservado, Nina Pandolfo critica guerra contra o grafite

colunistas

mônica bergamo

Autora de painel preservado, Nina Pandolfo critica guerra contra o grafite

Nina Pandolfo 10 de 12 <>



29/05/2017 0 02:00

f Compartilhar t in < 122 > COPIAR TEXTO Mais opções

Nina Pandolfo, 35, é uma das poucas artistas que foram preservadas nos últimos dias das pinceladas do novo prefeito de São Paulo, João Doria, que decidiu cobrir com tinta cinza diversos grafites espalhados pela cidade e rábicos de pichadores.

•

O painel na avenida 23 de Maio que ela pintou em 2002 com Os Gêmeos (seu então marido, Otávio Pandolfo, e seu então cunhado, Gustavo), ao lado dos Arcos do Jaião, chegou a ser coberto em 2008 pelo programa Cidade Limpa, do prefeito Gilberto Kassab. Foi repintado naquele mesmo ano e agora será um sobrevivente, segundo a Secretaria Municipal de Cultura.

•

Nina critica a guerra de governos contra a arte de rua. "Para eles, uma cidade bonita é uma cidade lisa. Sobre aquela história do rei que pintou tudo de azul, e todo mundo de azul", ironizou em dezembro, numa conversa com o repórter **Diego Zerbato**, antes ainda de Doria dar as suas pinceladas.

O cinza de 23 de Maio 4 de 14 <>



Por 20 anos, ela passou a maior parte da semana nas ruas, inclusive sábados e domingos, fazendo seus grafites coloridos. A dedicação mudou: "Hoje reconhecimento internacional. Há desenhos dela hoje no castelo de Kelburn, na Escócia, e em muros de Havana, capital de Cuba.

•

Em 2016, fez uma exposição na galeria Lazarides, em Londres, depois de mostrar seu trabalho nos EUA, na Alemanha e na Espanha. Três anos antes, um par de grandes olhos, a característica das meninas que ela desenha, foi estampado em uma bolsa da marca Prada. Lançou em dezembro um livro de fotos.

•

Há cinco anos, Nina começou a deixar as ruas em segundo plano. Suas meninas são vistas mais facilmente em galerias do que pela cidade.

•

"Voce vai crescendo, amadurecendo e percebendo que a vida não se resume a isso. Perdi a infância das ruas sobrinhas porque passava todo o fim de semana na rua", diz ela. "Tive grafite meu que não durou um dia e a prefeitura apagou. Isso também desanima um pouco."

•

Desde 2011, Nina está estacionada em seu ateliê, um sobrado em frente a um parque na região central.

•

Cacula de cinco irmãos, Carina Arsenio, seu nome verdadeiro, começou a pintar ainda criança, desenhando em papel os animais e plantas que trazia para casa. O grafite veio na adolescência, quando fazia teatro de rua e curso de comunicação visual.

•

Ninhos, pés de frutas e plantas atraem insetos e passarinhos que acabam representados em suas telas. O gato Raquim, que tem 17 anos, se enrosca no pescoço da dona, como um cachecol, enquanto ela trabalha. Os olhos coloridos do felino aparecem em algumas das telas de Nina também.

•

"Aqui tem tudo o que meu universo precisa, natureza, animais, luz. É uma coisa que te acolhe. Não dá para ver Nina Pandolfo em um galpão", diz ela, que já pintou em lugares mais amplos e não gostou.

•

Pequenas abelhas, pétalas de flores e caminhos de formigas são pintados um a um em seus quadros, sem estêncil ou desenho anterior. Mudar no futuro? "Se se eu cair, bater a cabeça e quiser fazer [pintura] minimalista", brinca Nina.

•

A parede estampa o único menino que desenhava artisticamente, na adolescência. "Não consigo pegar o traço masculino. É muito bruto."

•

E por que as meninas que pinta têm olhos enormes? Nina afirma que sua fixação vem por achar os seus próprios muito grandes. Um dos quadros de seu ateliê é um desenho de quando tinha cinco anos, e lá estavam eles.

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/1CH2Ac>.

Dia 29/01/2017 também recebeu um editorial, figura 32. O texto apresenta uma posição muito clara as práticas do grafite e do pixo e sobre a discussão em torno do que ele mesmo cita como polêmica sobre grafites e pichações na cidade de São Paulo. O editorial fala sobre a tarefa de atender dois interesses legítimos e em parte conflitantes e faz afirmações como, por exemplo, a de que não é justo que proprietários dos locais atingidos, neste caso pelas pichações, tenham de arcar com o custo periódico de repintá-las e que os autores destas obras não devem impor seus padrões estéticos à cidade inteira.

Logo depois realiza algumas críticas à gestão do ex-prefeito João Doria, mas admite que estas ações se aproximam de uma fórmula mais razoável para resolver o problema. Em seguida, aborda em tom de crítica as ações de remunerar grafiteiros, chamando de prática duvidosa, mas admitindo que ela já vinha sendo adotada por Fernando Haddad. Ao final, o texto dá o que parece ser uma espécie de solução ao dizer que os artistas deveriam se organizar de modo autônomo para preencher como quisessem áreas designadas pela prefeitura.

A mesma galeria divulgada na coluna de Mônica Bergamo sobre a artista Nina Pandolfo foi divulgada separadamente no dia 29/01/2017, figura 33. Nela 12 fotos são divulgadas, entre elas a arte da artista exposta e mantida pela prefeitura na avenida 23 de Maio e fotos da artista em seu cotidiano. As legendas dão a localização de cada foto, com exceção da última que, além da localização, mostra o painel dela pintado na avenida e traz a informação de que ele foi um dos que sobreviveram à pintura dos grafites na avenida, pelo ex-prefeito João Doria.

Última notícia do dia 29/01/2017, figura 34, na editoria de *Cotidiano* é de autoria do jornalista Emilio Sant'anna. O texto tem como introdução um vídeo, postado em um *player* próprio do site, que traz os artistas gráficos Junecca e Pessoa falando sobre suas carreiras e sobre, o que eles mesmo colocam como, atos de repressão contra a pichação. Logo depois, é feita uma contextualização explicando quem seriam os dois artistas e afirma que eles assistem hoje à reedição do que a própria notícia chama de guerra, que antes viveram nos anos 1980, quando na época eram conhecidos pelos pixos que faziam.

Importante salientar que o texto apresenta palavras como treta e rolê, que são gírias e que evidenciam uma entrevista mais despojada por parte do jornalista. É apresentada também uma galeria com 9 fotos, tiradas durante a realização do vídeo

apresentado na introdução, com os artistas pintando uma parede com seus nomes e frases como, por exemplo, cadê o diálogo?

Figura 32 - Texto: Grafite tem limite

opinião

EDITORIAL

Grafite tem limite

29/01/2017 02h00





A polêmica sobre grafites e pichações na cidade de São Paulo demanda uma solução capaz de contemplar dois interesses legítimos e em parte conflitantes.

Não é justo que proprietários das superfícies atingidas tenham de arcar com o custo periódico de repintá-las, nem que os autores de tais intervenções imponham seus padrões estéticos à cidade inteira.

Aceitar que cabe ao poder público garantir certo ordenamento visual na paisagem urbana esteve na base da Lei Cidade Limpa (2006), que restringiu a exposição publicitária de modo draconiano sob apoio quase unânime.

Por outro lado, boa parte dos grafites faz jus à condição de manifestação artística, sendo esta uma das cidades do mundo em que tal forma de expressão mais floresceu, num interessante contraste com a aspereza de sua paisagem.

Aos trancos e barrancos, num açodamento que vai se tornando característico da novata gestão João Doria (PSDB) em seu afã de [gerar repercussão](#), parece que a prefeitura se aproxima de uma fórmula mais razoável.

Seja porque fosse essa a intenção original, seja porque foi intenso o antagonismo suscitado pelo apagamento aparatoso e desnecessário de pinturas coloridas com tinta cinza, anuncia-se agora um [programa de promoção da arte do grafite](#), sob o pomposo nome de Museu de Arte de Rua.

Certas regiões da cidade seriam palco de intervenções organizadas pela própria prefeitura, num esquema de rodízio acordado com a comunidade em que os trabalhos pintados nos muros e empenas permanecessem expostos por determinado tempo.

Com o aparente desígnio de cooptar parte do movimento grafiteiro, sugere-se na equipe do prefeito que o programa ampliará a duvidosa prática de remunerar artistas de rua que já vinha sendo adotada pelo antecessor, Fernando Haddad (PT).

Espera-se que a precipitação autoritária não seja substituída por outro vício do poder público, o de intervir e controlar em demasia.

Seria melhor que os próprios artistas se organizassem de modo autônomo e preenchessem como quisessem áreas para tanto designadas pela prefeitura (e não há motivo para que o corredor da avenida 23 de Maio não esteja entre elas).

editoriais@grupofolha.com.br ★★

folhashop

Pro Evolution Soccer...

à vista
R\$ 34,99

Boomer Brinquedos

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/idNrMk>.

Figura 33 - Galeria de fotos: Nina Pandolfo

foto ilustrada EDITORIA **TODAS** CATEGORIA **TODAS**

Nina Pandolfo

Veja as fotos da artista plástica Nina Pandolfo

29/01/2017 © 02h00

Compartilhar      0 + Mais opções



Lucas Lima - 23.fev.2016/UOL

Grafite de Nina Pandolfo, Nunca e Osgemeos no acesso à av. 23 de maio foi um dos que sobreviveram à pintura de grafites do prefeito João Doria

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em <https://goo.gl/kkcMEv>.

Figura 34 - Texto: Célebres pichadores veem sob Doria reedição de 'guerra' dos anos 1980

cotidiano

Célebres pichadores veem sob Doria reedição de 'guerra' dos anos 1980

tvfolha

ERILDO SANTANA
ESTILO ASSOCIADOS DE "COTIDIANO"
29/05/2018 07:31:00

Compartilhe

Quase trinta anos após aposentarem uma das maiores suas feiras de São Paulo, pela menos uma vez da cidade, Jusceia e Possintha marcaram um mês para esta semana. A vigília pelos últimos acontecimentos, não parece ser uma das melhores épocas para praticar e dialogar.

Pioneiro da pichação paulista, Oswaldo Júnior, 44, e Antônio Fernandes Pessoa Corveia, 48, assistem hoje a reedição de uma "guerra" que viveram no ano 1980, quando deixaram seus nomes em todos os cantos da cidade.

Mesmo antes de tomar posse, o prefeito João Doria (PSDB) visita deixando claro o que pensa de quem se dedica a pichar os muros de São Paulo: "Os muros de profissão ou mudam de cidade", respeite e lute com frequência.

A "guerra", no entanto, ficou maior e ganhou corpo quando Doria mirou no que vive e estagna o que não vive, os grafites da avenida 22 de Maio.

O plano já havia sido anunciado, mas quando Doria cobrou em prática sua ideia de cobrar boa parte dos 450 grafites da via (que formavam um painel de 4,4 km de extensão), a reação se desmoronou.

"Não teve diálogo. E era tão que os artistas esperavam. Se estava sendo pichado, o que ele deveria ter feito era chamar quem fez a obra e conversar", afirma Jusceia, pichador aposentado e grafiteiro há mais de 20 anos.

Durante toda a semana, pichadores deixaram seus protestos sobre a tinta cinza usada pela prefeitura no local. Doria foi horripilado na praça da Sé no dia de abertura da cidade, seu nome e seu rosto foram amassado pela mídia. De repente, pichação e grafite estavam no mesmo balão.

Confusão também levou o prefeito a anunciar na quinta-feira (26) que a cidade terá em breve um muro de grafite a céu aberto, a começar pela praça de Basílio Augusto. O projeto prevê reunir os artistas e pagar uma taxa para fazer intervenções nas fachadas dos comércio.

Pichadores em 'Guerra'

O plano é realista e iniciativa a cada três meses. "Como seria vítima leve da cidade, creio que tenhamos oportunidade de abrigar vários artistas, de maneira organizada", diz Doria.

Em relação à pichação, a posição do prefeito continua a mesma. Disse sugerir um projeto na Câmara com "muitas pendas" - neste sábado (28), falou em até R\$ 5.000 de pontos para pichadores de monumentos, além de parcerias com instituições para desmontar bar. Sua guarda diz que entrará com ações civis na Justiça contra 20 pessoas detidas em flagrante neste mês enquanto pichavam pedras ou monumentos públicos.

"A repressão vai investigar mais ainda. Depois a posso um deles levar um tiro e a que vai acontecer?", diz o boje achegado Possintha, bravo, gravata e um esmoletado na barba.

VO ROLÉ É O MESMO

Não ativa há 12 anos, OSRZS B é o nome e a marca de um pichador da zona oeste de São Paulo. Para ele, "não vai demorar" a acontecer o pior: "Não deveria ser o papel do prefeito estimular a nova das pessoas", diz.

Segundo ele, a repressão vai fazer com que alguns porem, mas não será suficiente para acabar com a pichação. "É assim desde a época de Jusceia. Não mudou e não vai mudar as coisas. O rolé da gente continua o mesmo, escutando, pichando. Dê no mesmo", diz. "A pichação só se consolida na transgressão".

Se o animo de Doria não é o melhor dos mundos para os pichadores, a época em que Jusceia e Possintha eram "celebridades sem rosto" não foi diferente. No dia da de São Paulo, seus apelidos eram tão conhecidos quanto os nomes do prefeito João Quadros.

A reação do ex-mandatário aumentava à medida em que a dupla marcava os muros da cidade. "Eu não tô cansado e tinha mais outros da guarda municipal me fotografando sozinhos eu lá", diz Jusceia.

A fim de Maio era tanta que, após Possintha apresentar o grupo e Jusceia anunciar um novo parabenho, o "Diário Oficial da Cidade" de 4 de outubro de 1980 estampava os nomes: "Jusceia e Billaô vão pichar a cidade". Logo abaixo, a reprodução de um bilheteiro indelével de Jusceia: "Vejamos se pichava a cidade. Seria pressionado com o maior rigor".

Não foi isso que se fez parte. "O tempo passa, a gente muda. Eu fui procurar outras coisas, vivei grafiteiro, artista plástico. Não foi a repressão que fez isso", diz Jusceia.

Enquanto conversava com a Folha, Possintha se paga com uma receita de pãozinho. Abaixo, assista aos sons logo depois do de Jusceia, e se dá conta que faz isso com pressa descomunal, nenhum policial ou guarda aparecerá. "Fragorido como não muda, né?"

Nesta semana, ele vai poder treinar mais uma vez. A porta da casa de seu pai foi pichada. "Não ficou ruim, não. Tem de entender o que estava escrito, mas não conseguiu. Mas não vou fazer. Só que era a Jusceia mesmo lá e cobrir a cidade nossa marca", diz. Dessa vez, ele tem certeza de que não vai pagar nada. ■ ■ ■



Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/fMUcF2>.

No dia 30/01/2017, encerra a repercussão do assunto dentro do primeiro mês de mandato do ex-prefeito de São Paulo João Doria. A notícia, vinculada a editoria de *Cotidiano*, figura 35, é de autoria do repórter Giba Bergamim Junior e tem início com uma galeria de fotos com apenas 3 fotos e com o título de *As cores dos arcos da discórdia*, a menor galeria até agora divulgada durante o mês. Nela é realizada uma linha do tempo mostrando os Arcos do Jânio em 1800, 2003 e 2005, cada uma das épocas tem uma legenda que explica a relação do espaço com o grafite. Importante observar a expressão *Arcos da Discórdia* sendo aplicada no texto sem nenhuma explicação para o uso da mesma, apenas sendo contextualizada pelas fotos.

O texto então introduz trazendo o fim dos grafites pintados no monumento dos Arcos do Jânio e afirma que por trás daquilo que a notícia chama de polemica, há uma obra de arte, se referindo então a própria arquitetura do monumento. O texto realiza algumas afirmações sobre a arquitetura do monumento e fala de características do espaço, trazendo em um subtítulo com o título de *caráter urbanístico*, a fala do arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, falando sobre o caráter inovador dos arcos e a história do espaço.

Ao final, faz afirmações como por exemplo, ao dizer que mestres de obra italianos trouxeram técnicas de construção de séculos passados já usadas na Europa, enquanto o grafite nasceu no movimento *hip-hop*, em Nova York, nos anos 1970, e compara as duas afirmações ao dizer que para a prefeitura a arte que chegou primeiro é que prevalecerá.

Figura 35 - Texto: 'Arcos da discórdia' vão retomar o cinza original de artistas italianos

cotidiano da mundo

'Arcos da discórdia' vão retomar o cinza original de artistas italianos

As cores dos arcos da discórdia 1 de 3 < >



GIBA BERGAMIM JR.
DE SÃO PAULO
30/01/2017 02:00

Compartilhar      1,0 mil  **CLIQUE O TEXTO** Mais opções

Por trás da polémica sobre o fim dos grafites nos arcos da rua Jandaia (ou Arcos do Jânio), na região central de SP, há outra obra de arte, "com lances de genialidade e inovadora" e sem nenhuma tinta spray, feita supostamente por mãos calejadas de artesãos chegados da região da Calábria (sul da Itália) no início do século passado.

Até o fim de maio, a profusão de cores impressa por outros artistas, os grafiteiros, dará lugar ao cinza, colocando a gestão João Dória (PSDB) em colisão com artistas contemporâneos - desde 2015, os arcos vistos nos acessos à av. 23 de Maio ostentam o colorido dos desenhos, autorizados pelo antecessor, Fernando Haddad (PT).

Os operários italianos, diz a tradição, fizeram a estrutura que servia de contenção de uma encosta na região central que hoje figura no meio de uma estrutura viária que liga as regiões sul, leste e oeste da capital. A empreitada foi feita há pouco mais de cem anos, bem antes da existência das tintas acrílicas.

Estudos contratados durante a gestão do próprio Haddad aos quais a Folha teve acesso defendem a tese de que os arcos preservam parte da história da evolução da metrópole e sugerem o retorno à sua originalidade: o cinza dos tijolos sílico-calcários - mais resistentes do que os de cerâmica.

Des mesmos tons é o concreto ciclópico - técnica existente desde a Grécia na qual são usadas pedras grandes e empregada até hoje para construção de muros de arrimo ou de barragens.

Dória já disse que levará adiante o projeto de remoção das pinturas, assim como tem feito em outras áreas. O tucano declarou guerra a pichadores, propondo multa de R\$ 5.000 para quem for flagrado (valor que dobraria na reincidência). Aos grafiteiros, promete museus a céu aberto - locais a serem definidos.

A construção dos italianos teria se iniciado em 1911, três anos após a obra ser autorizada pela Câmara, quando o prefeito do município era Raymundo Duprat.

A estrutura evitaria deslizamentos na rua Assembleia, já prevista em mapa elaborado ainda no fim dos anos 1800. Escondido por casas construídas entre os anos 1930 e 1950 - período de boom demográfico na capital -, os arcos reapareceram na paisagem paulistana em 1987, durante a gestão Jânio Quadros, que mandou demolir todos os imóveis dali para as obras da avenida 23 de Maio.

Para devolver a obra as suas características iniciais, o projeto prevê não só a remoção dos grafites como de todas as demãos de pinturas feitas ao longo dos anos.

"A revitalização é importante. Por outro lado, a história atual da arte também fica ameaçada. O importante é saber se aquele espaço vazio não será alvo de vandalismo. Essa proibição instiga os pichadores", disse à Folha o artista Enivo, um dos autores dos grafites nos arcos.

CARÁTER URBANÍSTICO

O estudo feito pelo arquiteto Nestor Goulart Reis Filho, professor catedrático da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU), diz se tratar "de obra de caráter urbanístico inovador, quase único em sua época".

O período de construção, entre 1911 e 1913, é o mesmo em que se registraram algumas das primeiras obras de concreto armado na cidade, como o Edifício Guinle - prédio em estilo art nouveau que resiste no centro velho.

A suspeita levantada pelo professor é de que os arcos teriam sido projetados pelo mesmo responsável pelo Guinle, o arquiteto Hyppolito Gustavo Pujol Júnior, considerado um revolucionário. Sem essa confirmação, prevalece o que a tradição diz: foram mesmo anônimos operários europeus os autores.

A restauração incluirá a drenagem de infiltrações e a recuperação dos guardacostas. Segundo a diretora do DPH (Departamento de Patrimônio Histórico), Mariana de Souza Rolim, até fevereiro será feita a limpeza da área para posterior remoção das camadas de tinta. "Será aplicada, então, uma velatura, técnica para dar uniformidade à estrutura", disse a diretora.

Os mestres de obra italianos trouxeram técnicas de construção de séculos passados já usadas na Europa, por exemplo, em Roma. Já o grafite nasceu no movimento hip-hop, em Nova York, anos 1970. Para a prefeitura, a arte que chegou primeiro prevalecerá. ★ ★ ★

Fonte: Portal online da Folha de S.Paulo. Acesso em: 29/05/2018. Disponível em

<https://goo.gl/Cz52b8>.

5 DISCUSSÃO

Dessa forma se encerra a análise individual dos textos, contudo, podemos discutir sobre pelo menos três características importantes presentes na maioria dos textos e fundamentais para entendermos a forma como o grafite e o pixo são midiaticizados através do veículo. Essas características nos dão uma ideia do tom que o portal deu a essa discussão dentro do texto, abordando o assunto por específicas angulações, utilizando diferentes expressões e consultando fontes com certa relevância, para construir através da midiaticização uma ideia acerca das práticas discutidas aqui.

A primeira delas é a abordagem política. Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, foi eleito pelo partido dos trabalhadores (*PT*), enquanto João Doria foi eleito pelo Partido da Social Democracia Brasileira (*PSDB*), duas representações políticas que apresentam um debate ideológico histórico no país.

Isso é refletido nos textos quando, em alguns momentos, a discussão sobre os atos da gestão 2017 da prefeitura de São Paulo era debatida olhando também para os atos da gestão anterior de Fernando Haddad. Cerca de 12 textos, figura 4, figura 6, figura 14, figura 16, figura 17, figura 22, figura 23, figura 25, figura 26, figura 32, figura 35, citam o ex-prefeito Haddad e sua gestão. Essas citações são usadas para fins de comparação ou até mesmo de contraponto, como acontece em alguns casos. Nelas, podemos perceber as decisões tomadas pela gestão Haddad a respeito do grafite e do pixo em São Paulo serem colocadas lado a lado com as decisões a respeito disso na gestão Doria.

A abordagem política também pode ser percebida em textos que, além de abordar as ações das duas gestões com relação ao grafite, envolviam na discussão outras personalidades políticas ou prefeituras. Cerca de dois textos, figura 7 e figura 20, envolveram também a prefeitura do Rio de Janeiro e seu gestor Marcelo Crivella e a deputada Luiza Erundina, que competiu pela prefeitura de São Paulo em 2016, contra João Doria.

Outra característica importante a ser levantada aqui é a afirmação de palavras utilizados nos textos para denominar acontecimentos e lugares envolvidos na discussão ao longo de todo o mês. As mais encontradas foram *Guerra do Spray*, utilizado em cerca de seis textos, figura 6, figura 16, figura 17, figura 19, figura 23 e figura 27. Este termo é abordado em alusão aos *sprays* utilizados pelos pichadores e

grafiteiros, contra o *spray* utilizado pela gestão de Doria para pintar de cinza, parte dos grafites na avenida 23 de Maio, por exemplo.

Outro termo também utilizado, ainda que apenas em um texto, figura 35, é o *Arcos da discórdia*. Criado em alusão às discussões envolvendo as pinturas realizadas pela prefeitura no intuito de apagar os grafites existentes nos Arcos do Jânio em São Paulo, o termo é utilizado apenas uma vez, mas é colocado no título, enquanto no corpo do texto não há menção de explicar a utilização ou o significado do termo.

Importante salientar que, assim como a utilização do termo *Arcos da Discórdia*, o significado destas expressões não é amplamente explicado nos textos, mas as discussões as quais elas representam são contextualizadas. Podemos notar também que é frequentemente utilizado as aspas nestas expressões, como forma de, mesmo que ainda utilizando-as, se questione seus significados.

Os textos também trazem uma característica importante de ser discutida que é o número de citações diretas de fontes representativas a discussão do grafite e do pixo utilizadas em cada texto. Cerca de quinze textos, figura 4, figura 5, figura 6, figura 9, figura 10, figura 11, figura 15, figura 16, figura 17, figura 22, figura 23, figura 26, figura 32, figura 34 e figura 35, possuem a fala direta de praticantes, seja de grafite ou pixo, falando a respeito do apagamento das obras na avenida 23 de Maio. Já com relação a notas emitidas pela prefeitura à imprensa ou falas diretas do próprio Doria sobre o assunto, há citações a respeito em cerca de doze textos, figura 4, figura 6, figura 10, figura 15, figura 16, figura 17, figura 19, figura 22, figura 23, figura 27, figura 34 e figura 35.

Um ponto importante de se observar é que a maioria destes textos estão dentro do período em que o portal aumentou o número de textos sobre o assunto grafite e pixo, que dentro da análise vai de 25/01/2017 até 30/01/2017. Isso mostra não somente um aumento natural da abordagem do assunto em questão e por consequência a utilização de fontes, mas também uma certa preocupação do portal de trazer uma série de fontes relevantes para a discussão do assunto em um momento em que os acontecimentos estão em seu ponto de maior visibilidade.

Outra questão importante de ser avaliada é que, apesar da evidente diferença numérica, sendo de quinze textos contendo a fala de artistas abordando o assunto, para doze textos com fontes oficiais da prefeitura, cerca de dez dos textos analisados possuem as duas fontes dentro de um mesmo texto, figura 4, figura 6, figura 10, figura 15, figura 16, figura 17, figura 22, figura 23, figura 34, figura 35.

Além disso, o artista mais citado foi Eduardo Kobra, sendo feita de forma direta com o próprio artista comentando sobre as ações da prefeitura em cerca de dois textos, figura 6 e figura 10, ou de forma indireta em cerca de seis textos, figura 11, figura 17, figura 19, figura 22, figura 23 e figura 26, com apenas seu nome sendo citado, sem uma fala dele a respeito do assunto tratado. O artista recebeu ainda uma galeria de fotos especial com obras dele, figura 3.

Esses números de citações se dão não somente pela fama do artista dentro da cena do grafite paulista, mas também por uma de suas obras na avenida 23 de Maio, mantida intacta na época pelo ex-prefeito João Doria, sobre o pretexto de que ela estava conservada, mas que recebeu a intervenção de pichadores que, em protesto, pintaram o rosto de Doria por cima da pintura de Kobra. Essa ação acarretou em uma série citações ao artista nos textos seguintes ao acontecimento que abordavam, não somente isso, mas toda as ações a respeito do acontecimento central da nossa discussão.

Sendo assim, ao trazer para os textos uma discussão entre duas gestões da cidade de São Paulo e o papel delas na questão do grafite e do pixo fica evidente a decisão do portal em 12 textos de priorizar um debate político em cima do assunto. Apesar disso, podemos observar também que mesmo tomando essa decisão o portal amplia o debate na maioria destes momentos, como por exemplo, trazendo em 15 textos a fala de artistas, mesmo que em sua maioria considerados nos textos grafiteiros, há a existência de pichadores no debate.

Além disso, pude perceber também a construção de conceituações com relação as duas práticas em alguns textos. Isso fica claro quando é analisado que destes 35 textos, cerca de 13 deles são textos de opinião, em sua maioria colunas, figura 1, figura 5, figura 7, figura 8, figura 9, figura 12, figura 14, figura 20, figura 21, figura 24, figura 27, figura 31 e figura 33. Digo isso porque estes textos de opinião apresentam ter uma liberdade de abordagem do assunto maior do que as notícias na editoria de *Cotidiano*, por exemplo, que, ao meu ver, se mantiveram em sua maioria dentro do factual. Além destas colunas, foi divulgado também neste período dois editoriais, figura 13 e figura 32, onde expõe a opinião do portal sobre as ações da prefeitura e também toma a liberdade de fazer afirmações com relação aos conceitos de grafite e pixo.

Estas conceituações são realizadas, em algumas vezes, de forma muito explícita, como podemos ver no primeiro editorial divulgado, figura 13, onde é feita

uma clara distinção do pixo, considerado por eles consensual o sentimento de que a pratica não passa de vandalismo e evidenciando a hegemonia do grafite ao falar que o caso desta pratica é divergente ao da pichação. Em nenhum momento neste texto se abre espaço para uma discussão acerca destas conceituações, apenas afirmações.

Nos artigos de opinião também temos conceituações explícitas semelhantes, como por exemplo, na figura 21, coluna de Roberto Dias, quando é dito pelo autor que o ex-prefeito precisaria ser mais claro em atacar essa pratica ao invés de grafites e deixa mais claro essa diferenciação ao dizer, logo depois, que os grafites compõem a marca cultural da cidade e que em geral não possuem o caráter furtivo da pichação. Novamente afirmações gratuitas que contribuem para a construção de conceitos que distanciam as duas práticas.

Outro aspecto encontrado nestes textos e que contribuem para a construção de conceituações é a incessante aparição de termos nos textos que contribuem para construir uma inimizade dos grafiteiros e pichadores, não só com a prefeitura, mas também com a população. Como já foi dito o termo *Guerra do Spray* é utilizado em cerca de 6 textos analisados, enquanto *Arcos da Discórdia* é utilizado em pelo menos um deles. Nenhum destes textos explica a utilização destes termos, alguns contextualizam a utilização deles apresentando, por exemplo, fotos ou galerias de fotos que mostram pichações em protestos as ações da prefeitura.

Mesmo assim, há uma outra utilização de palavras que também aparece em alguns textos, mas que não é tão explícita quanto a utilização dos termos analisada anteriormente. Palavras como guerra, utilizadas, por exemplo, em uma notícia na editoria de *Cotidiano*, figura 6, para denominar as ações contrarias as ações da prefeitura, dizendo que uma guerra foi declarada e que os pichadores declararam uma guerra de volta. Além também, da utilização da palavra ataque aplicada, por exemplo, em uma notícia vinculada a editoria de *Cotidiano*, figura 17, para denominar as ações dos pichadores contra Doria.

Essas palavras estão inseridas nos textos, em sua maioria, sem aspas e sem a devida explicação da importância da utilização das mesmas, mas que causa a construção de uma ideia que contribui com o conceito de que o pixo é uma pratica a ser combatida, por isso a utilização do termo guerra, e que deve ser combatida porque realiza ataques ao patrimônio público, não intervenções.

Durante a análise também percebi que a palavra intervenção, que se caracteriza na utilização por ser algo menos prejudicial a imagem do pixo, ao se referir a ele dessa forma ao invés da utilização da palavra ataque, é sim utilizada também em cerca de dois textos durante toda a análise, figura 6 e figura 16. Como já foi dito, essa palavra foi utilizada nestes dois textos para denominar os atos de pixo contra as ações de Doria e dessa forma substitui a palavra ataque também presente em outros textos da análise, mas assim como as outras, caracteriza uma construção de conceitos em cima destas praticas.

Para finalizar um último aspecto que podemos levantar é a constante utilização de imagens. Cerca 27 textos, ou seja, a maioria, possui imagens ilustrando grafites, pixos, ações da prefeitura com relação a estes elementos, artistas e protestos contra Doria. Figura 2, figura 3, figura 4, figura 5, figura 6, figura 7, figura 8, figura 9, figura 10, figura 11, figura 14, figura 15, figura 16, figura 17, figura 19, figura 20, figura 21, figura 22, figura 23, figura 24, figura 25, figura 26, figura 27, figura 30, figura 31, figura 34 e figura 35. Complementando temos ainda a utilização de galerias de fotos, cerca de quatro galerias, figura 3, figura 4, figura 5, figura 6, foram postadas sobre o assunto grafite e pixo ao longo de todo o mês analisado. Vale informar que essas galerias são, além de utilizadas em editorias separadas, como *Imagem do dia*, ou *FotoFolha*, elas são utilizadas também dentro dos textos, com uma foto pré-selecionada em destaque.

A grande utilização de imagens mostra uma constante preocupação do portal de ilustrar estes textos, principalmente pelo contexto das ações da prefeitura que foram realizadas ao ar livre e das obras apagadas que são pinturas também ao ar livre. Além disso, a constante ilustração de grafites mostra uma preocupação em mostrar, por meio do olhar de quem realiza as fotos, o que de fato seria essa pratica. Importante salientar que em sua maioria o grafite foi ilustrado nas imagens com a preocupação de ilustrar a arte ou apresentar um artista, enquanto o pixo, foi ilustrado e citado dentro do contexto dos protestos contra o prefeito João Doria.

Com isso, é possível observar com estes dados que há sim uma construção de conceituações em cima do grafite e do pixo no momento em que eles são midiaticizados por meio do portal. Muito desta construção está ligada ao fato de que boa parte dos textos possuem um caráter de opinião, que aparentemente buscam expressar a opinião direta do autor. O que não exclui o fato de que as notícias ligadas a editoria de *Cotidiano*, por exemplo, também não façam essa construção.

Essas construções são explicadas quando lembramos daquilo que já foi discutido por Gomes (2008) anteriormente, sobre a midiatização e a forma como ela transforma a mídia em um espaço onde se pode entender a sociedade e seus processos. É como se no momento em que vemos nos textos o grafite sendo considerado uma prática hegemônica, com apelo artístico, enquanto o pixo é considerado menos artístico e recebe os status de marginal, percebemos não somente uma construção de conceituação, mas também o que estes elementos significam para a nossa sociedade.

Sendo assim, nestes 35 textos analisados percebo que a midiatização por parte do portal Folha de S.Paulo, neste sentido, está utilizando de conceitos e significâncias sobre o grafite e pixo, expostos em nossa sociedade, e os reproduzindo de volta para ela, reafirmando assim uma visão unificada dos conceitos que compõe estas duas práticas e que divergem daquilo que é discutido em termos de conceituação pelos autores aqui apresentados como Silveira (2012), Mittmann (2012), Pereira (2005), Pennachin (2003) e Downing (2002) que, ao falar do grafite e do pixo, vão além do caráter de ilegalidade dos mesmos ou dos elementos que compõe o trabalho final de cada prática, algo que pelo portal isso não acontece.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho parti do objetivo de questionar as práticas jornalísticas, olhando diretamente para aquilo que compõe a produção de conteúdo, tentando entender a forma como o grafite e o pixo foram midiaticizados pelo portal online da Folha de S. Paulo, no primeiro mês de mandato do ex-prefeito João Doria e, sendo assim, realizando uma análise individual de 35 textos coletados do portal, no período mencionado.

Essa análise levou a uma série de apontamentos, como a construção de uma visão unificada dos aspectos que compõe a relação entre pixo e grafite e de conceituação destas práticas, por parte do portal e de um processo de mediação. Estes aspectos por sua vez divergem em relação às teorias sobre a relação entre pixo e grafite.

Tendo em vista essa discussão percebi a importância de se questionar de dentro das academias à produção de conteúdos jornalísticos e, dessa forma, entender a responsabilidade de se tratar conceitos por meio da mediação, visto que, ao ser analisada como processo social, a mediação reproduz conceituações que podem ou não serem exacerbadas e o impacto desta reprodução é reprodução de conceitos mal discutidos dentro da sociedade.

É importante que cada profissional do jornalismo tenha em mente que ao se propor à uma produção de algum conteúdo, saiba que essa construção não é mero processo do fazer jornalístico. Tudo que produzimos tem sentido, vem de algum lugar e vai para algum lugar. Ao mediatizar o grafite e o pixo você não está reproduzindo apenas uma ação.

Neste processo você lida com uma série de conceitos divergentes que ainda estão sendo discutidos e teorizados dentro e fora das academias, seja por acadêmicos, seja por praticantes destes elementos. Além disso, lida também com contextos sociais, tendo em vista que cada um destes praticantes possuem uma história de vida e motivos diferentes para fazer aquilo que fazem.

Quero deixar claro com este trabalho que, abordar estas práticas se baseando apenas em conceitos não discutidos e difundidos abertamente dentro da nossa sociedade, na ilegalidade delas ou nas ações políticas que as envolvem é algo muito raso. Levando em conta o papel de questionamento dos processos sociais existente dentro do Jornalismo e por sua vez de seus profissionais, considero

importante que se faça uma reflexão sobre nossas visões de mundo e do tipo de sociedade que estamos tentando construir em nossas produções.

Ao trazer à tona as teorizações a respeito do grafite e do pixo apresento que a conceituação do mesmo é um espectro amplo e vai muito além do conceito de ilegalidade ou das discussões de práticas legitimamente artísticas. Com isso, ao abordar a discussão acerca da midiaticização trago então uma ideia do poder de unificação de visão de mundo que ela possui enquanto processo social.

Por último, as análises dos textos mostram como de fato estes três elementos vêm sendo abordados na prática, com 35 textos construindo seus próprios conceitos acerca das práticas aplicadas a midiaticização. Dessa forma, respondo à questão inicial: de que maneira a edição online do jornal Folha de S.Paulo constrói notícias e consensos sobre o grafite e a pichação na cidade, sobretudo durante o primeiro mês de mandato do prefeito João Dória?

De fato, há uma construção de consensos, principalmente nos textos de opinião ou nos editoriais onde temos a afirmação de questões como a hegemonia do grafite, considerados na maioria destes textos a arte definitiva, enquanto nestes mesmos textos temos a criminalização do pixo.

Estas conceituações também estão ligadas a aspectos apontados pela análise como a abordagem política presente nas matérias, levando o foco do apagamento dos grafites e pixo para uma discussão unicamente política. A afirmação de termos utilizados nos textos para denominar acontecimentos e lugares envolvidos na discussão ao longo de todo o mês, como *Guerra do Spray*. A constante utilização de palavras para denominar as ações que envolveram as práticas do grafite e do pixo, como ataque e guerra. Ou a constante utilização de imagens envolvendo o grafite em um contexto de ilustrar obras e seus autores, enquanto o pixo sendo ilustrado em um contexto de protesto.

Estas constatações me levam a pensar que, abordando estes elementos dessa forma, se estabelece assim uma reprodução de uma visão preconceituosa já presente em nossa sociedade sobre os aspectos que envolvem a conceituação do grafite e do pixo, seja a respeito daquilo que estabelece estes elementos como arte, dos motivos que levam os praticantes a realizarem estas ações de intervenção, ou até mesmo características que divergem o grafite do pixo.

Mesmo assim, é importante salientar que, para um futuro processo de pesquisa é interessante abordar aspectos não abordados neste trabalho, mas que

acrescentariam ainda mais a discussão acerca da midiatização do grafite e do pixo. Apesar do acontecimento conhecido como *Guerra do Spray* ter tido seu principal momento na mídia no primeiro mês do mandato do ex-prefeito João Doria, as ações da prefeitura continuaram a serem midiatizadas no portal online da Folha, ainda que em uma frequência de textos menor, mas se mantendo em pauta até meados de setembro de 2017.

Avançar o estudo para alguns meses depois, ou retroceder para alguns meses antes, abordando talvez as ações do ex-prefeito Fernando Haddad, abriria muito mais o prisma de objetos analisados, o que por sua vez, poderia me dar outras construções de conceitos sobre grafite e pixo abordadas no portal.

Além disso, aqui neste trabalho abordo autores que em suas áreas falam de aspectos referente a sociologia, antropologia e a comunicação voltada para o processo da midiatização. Em uma futura abordagem seria interessante procurar também autores que analisam conceitos específicos do jornalismo online, como critério de noticiabilidade, por exemplo, ou a forma como os mecanismos que permeiam o jornalismo online se constroem e são utilizados, como por exemplo, a sessão de comentários do próprio portal.

Elementos estes, deixados de fora deste trabalho com o objetivo de dar foco na discussão acerca da análise qualitativa do conteúdo produzido e até mesmo da própria midiatização, mas que em uma abordagem futura ajudaria a abrir a discussão para um questionamento mais específico do ambiente de trabalho jornalístico e das ações do próprio jornalista que podem ter levado aos resultados obtidos com a análise dos textos estudados neste trabalho.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Lauren. *Análise de Conteúdo*. 70 ed. Lisboa, 1977.

BRAGA, José Luiz. *Mediatização como processo interacional de referência*. Animus, UFSM - Santa Maria, n. 2, p. 9-35, julho/dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/index.php/animus/article/viewFile/6693/4050#page=9>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

DOWNING, John D. H. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: SENAC, 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. *O processo de midiatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade. A relação mídia e religião*. Midiatização e processos sociais na América Latina, São Paulo, p. 17-30, 2008.

_____. *Midiatização: um conceito, múltiplas vozes*. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca, BARROS, Antônio, in DUARTE, Jorge. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MITTMANN, Daniel. *O sujeito pixador: tensões acerca da prática da pichação paulista*. 2012. 124 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90125>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

PENNACHIN, Deborah Lopes. *SIGNOS SUBVERSIVOS: DAS SIGNIFICAÇÕES DE GRAFFITI E PICHANÇA: Metrôpoles contemporâneas como miríades sígnicas*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Minas Gerais, set. 2003. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP15_pennachin.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2018.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *De rôle pela cidade: os pixadores em São Paulo*. 2005. 127 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/1556>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

SILVEIRA, Fabrício. *Grafite Expandido*. Porto Alegre: Modelo Nuvem, 2012.